

AS

TRES ROMAS.

DIARIO

D'UMA VIAJEM À ITALIA.

PELO ABBADE GAUME ,

Vigario geral da diocese de Nevers , cavalleiro da ordem
de S. Silvestre , membro da Academia da Religião
Catholica de Roma , etc.

*Nec unquam (civitas) nec
major nec sanctior.*

Nunca houve cidade
maior nem mais sancta.

TIT. LIV. Hist. lib. I.

TOMO PRIMEIRO.

PORTO:

TYP. DE FRANCISCO PEREIRA D'AZEVEDO ,
Rua das Hortas n.º 105.

—
1857.



Bibliothèque Saint Libère

<http://www.liberius.net>

© Bibliothèque Saint Libère 2009.

A reprodução sem fins lucrativos é permitida.

AS

TRES ROMAS.

I.

PROLOGO.

DE todas as viagens, é indubitavelmente a de Roma, debaixo do aspecto da religião, da sciencia e da arte, a mais interessante. A cidade eterna, união mysteriosa dos dois mundos, resume nos seus monumentos, por um privilegio exclusivo, toda a historia do genero humano sob a dupla influencia do paganismo e do christianismo. Do mesmo modo que todos os astros gravitam no firmamento para o sol; do mesmo modo que na terra todos os rios tendem para o Oceano: assim, na ordem divina e na humana, todos os acontecimentos do mundo antigo e do moderno rematam em Roma. Viram-se nascer e morrer, por espaço de nove seculos, para a futura rainha do paganismo, as republicas do Occidente e as grandes monarchias do Oriente, que, depois de haverem absorvido todas as outras, deviam ser absorvidas por seu turno pelo imperio de que era

capital Roma. Nada mais instructivo do que assistir a esta longa formação da cidade providencial; e nada mais arrebatador do que ver os monumentos do seu poder; os logares onde nasceram os generaes, os oradores, os grandes homens, defensores e creadores do seu imperio; os campos de batalha, em que a filha de Romulo, por meio de victorias mais ou menos estrondosas sobre os seus visinhos, preludiava a conquista do mundo. D'aqui vem a impressão profunda, indefinivel, que produz a perspectiva de Roma pagan; impressão que nunca produzirá a perspectiva de Londres, Paris ou Petersburgo. Em qualquer outra parte, uma ruina é uma ruina, monumento d'um facto particular ou nacional; mas em Roma, é toda a ruina um monumento de primeira ordem, testemunha vinte vezes secular de algum desses factos culminantes de que se compõe a teia geral da historia.

Roma chega, após setecentos annos de progressos, guiada pela mão da Providencia, ao apogeu do poder material. Póde dizer: o mundo sou eu. Todavia não estão ainda cumpridos os seus destinos; prepara-se para ella uma gloria maior; está-lhe reservado um imperio mais extenso: será rainha sempre; vai só mudar de sceptro. Será substituida á Aguia a Cruz; o cajado pastoral fará as vezes das fascas consulares, e a espada da palavra virá a ser a machadinha do lictor. Roma não vê no annuncio desta nova realeza cuja sublimidade e cujo poder não comprehende, senão a petição insolente d'uma abdicação. Freme, arma-se, trava-se a lucta: lucta gigantea que faz correr rios de sangue e dura tres seculos. O campo de batalha estende-se a todas as partes; ao Vaticano, ao Coliseu, ao Circo e ao Foro. Não

ha um edificio, nem um sitio, nem uma pedra que não revéle algum episodio do combate. Alfim, decide-se a victoria: Jupiter desce do Capitolio; Cezar retira-se para Byzancio; a cidade de Nero torna-se a cidade de Pedro; e Roma, derribada do throno da força, sobe ao do amor, para continuar a ser depois do combate, como o fóra antes, a cabeça do mundo, o coração d'onde ha-de partir a vida, o astro brilhante em torno do qual ha-de gravitar o universo.

A' vista dos logares e monumentos que attestam este facto, desfecho miraculoso d'um drama de quatro mil annos, isto é, a substituição de Roma a Roma no imperio eterno do mundo, fica o viajante assombrado. Dilata-se a alma, orienta-se e completa-se a sciencia, torna-se a fè inabalavel: adora-se, ama-se, ora-se; porque em todas as partes se vê o mysterio da Providencia no governo dos seculos, e se toca o maior dos milagres, cujas provas são em Roma tam numerosas e palpaveis, como os monumentos e as ruinas.

Metropole da religião, é Roma tambem a patria da sciencia. Não haviam nascido ainda as capitaes da Europa, e já a cidade dos Pontifices reinava pela intelligencia e civilisação. Antiochia; Athenas, Alexandria, as grandes cidades do Oriente cahiam na barbaria; a propria Constantino-pla não lançava senão um clarão duvidoso: ao passo que Roma sustinha elevado sobre o mundo, com mão firme, o facho brilhante da sciencia, acceso no altar da fé. As suas bibliothecas eram os archivos, e os seus doutores os oraculos do mundo civilisado; os seus Pontifices, os reis da sabedoria e eloquencia; as suas leis, a base da

legislação, e a sua jerarchia, o modelo da organização social do Occidente. Na idade media, semêa as universidades na Hespanha, França, Inglaterra e Allemanha, como Deus semêa os astros no ceu; o seu espirito anima estes grandes corpos, previne-lhes os desvios, e os faz concorrer todos, pela sua poderosa influencia, para a harmonia universal e para o progresso normal das luzes.

Roma, a esta missão scientifica que continua a cumprir gloriosamente, ajunta outra: a arte torna-se filha e pupilla sua. Quer esta escreva as suas paginas cheias de graça e simplicidade nas egrejas da Ombria; quer reproduza nos mosaicos de Ravenna e das basilicas byzantinas a poderosa poesia do symbolismo christão, em todas as partes Roma a alenta. Quando se annuncia a grande revolução do seculo XV, é ella a primeira a dirigil-a de maneira, que salve a arte dos seus proprios excessos. Com mão tam habil como generosa, se esforça por conserval-a tal, qual é por natureza e dever, sacerdotisa e coadjutora do Verbo divino na obra da instrucção e sanctificação do mundo. Que Roma foi bem succedida e que é ainda o foco das artes, provam-o, não só as incomparaveis obras-primas que formam a sua gloria, senão tambem a obrigação tradicional imposta a todos os artistas de irem inspirar-se do seu espirito e pedir-lhe regras e modelos: filial homenagem prestada pela intelligencia humana á cidade, mãe da sabedoria por ser a rainha da fé, isto é, a cidade *grande e sancta como nunca houve outra*.

Tal é, parece-nos, o verdadeiro aspecto sob que deve considerar-se a Cidade Eterna; tal a

inspiração que deve presidir á viagem d'Italia. Assim o haviam entendido, desde o principio, os povos christãos do Oriente e do Occidente. Foi a viagem de Roma, durante uma larga serie de seculos, uma peregrinação. Convencidos da sua alta e salutar influencia sobre o espirito catholico, alentaram-a com todos os seus esforços os Summos Pontifices; e o voto de cumpril-a, quer fosse feito por um monarcha, quer por um simples fiel, é um d'aquelles cuja dispensa elles reservaram e reservam ainda para si exclusivamente. Muito mudados estão os tempos! Desde a invasão da incredulidade no seio da velha Europa, já não é a viagem de Roma, para o maior numero, mais que um passeio mundano, muitas vezes inutil, algumas até perigoso. Preoccupados exclusivamente com as recordações pagans da sua educação, dirigidos por *Guias* destinadas a viajantes de todas as seitas, e cujo minimo defeito é deixarem nas trevas o aspecto religioso, distinguiram só a face artistica ou pagan dos monumentos e o lado puramente humano das instituições romanas. D'aqui resulta que a *Italia christan* é ainda um paiz por descobrir; e que para vergonha dos modernos tempos, o catholico faz demasiadas vezes a viagem da Cidade Sancta com menos religião, do que o mahometano cumpre a peregrinação da Meca.

Se, em these geral, é um dever sagrado tornar a esta viagem decisiva o character religioso que nunca devêra ter perdido, as circumstancias actuaes fazem este dever ainda mais imperioso e urgente. Por uma parte, as tendencias dos governos são de relaxar, de romper, se se atrevessem, os vinculos salutaes que ligam a sua

mãe as egrejas nacionaes, para as fazerem servas humildes do poder temporal; por outra parte, o espirito anti-christão que hoje sopra, inspira todas as manhans nos diarios, nos romances, nas viagens, multidão de narraçoens mentirosas e perfidas, cujo fim é chamar sobre Roma, sobre os seus actos, sobre as suas leis, sobre os seus costumes e sobre o seu poder, o odio, a zombaria e o desprezo. Comtudo, não se deve esquecer que mais que nunca deve Roma ser cercada de respeito e de amor, porque mais que nunca é Roma o nosso unico apoio, o apoio da fê, da liberdade, da verdadeira civilisação da Europa e do mundo. E' preciso accrescentar que os caminhos de ferro, os barcos a vapor, a necessidade do movimento que caracteriza a nossa epocha, tornam cada dia mais facil e frequente a viagem de Roma? Finalmente é preciso recordar, que, antes de tres annos, a abertura do grande Jubileu lançará myriadas de peregrinos nos caminhos da Cidade Sancta? Mostram assaz todas estas causas reunidas quam importante è para a religião e para a sociedade, o substituir a funestas prevençoens conhecimentos solidos, a apreciaçoens frivolas e mesquinhas exposiçoens mais elevadas e juizos mais serios.

Facil é de comprehender que uma obra, uma *Guia* verdadeiramente religiosa e scientifica seria um dos melhores meios de atingir este alvo. Tal era o pensamento do grande papa cuja recente perda chora ainda a Egreja: com os seus votos varias vezes expressos, chamava Gregorio XVI altamente uma publicação deste genero. Preencheu acaso o auctor das *Tres Romas* esta sancta e nobre tarefa? As suas pretençoens não chegam

tam longe : escreveu um livro , a fim de dar a idéa de se escrever outro melhor. Em quanto ao mais, eis aqui o plano que seguiu.

Após haver percorrido a parte occidental da Italia , chega a Roma ; alli executa-se uma triple viagem. Em primeiro logar , é Roma *pagan* estudada nos seus monumentos , usos e costumes , nas suas artes , festas e leis , e na sua religião : a Cidade de Romulo e Nero reapparece viva e animada. Para tornar este estudo mais interessante e facil , dâmos um dictionario explicativo dos principaes *siglos* empregados nas inscriçõens , e então os monumentos fallam uma lingua que podem todos entender. As pessoas instruidas que visitaram a Italia , conhecerão a utilidade de semelhante trabalho, que em nenhuma guia se encontra.

E' Roma *christian* objecto de segunda viagem. Depois de terem recontado os factos da historia profana de que foram testemunhas , são de novo interrogados os monumentos , os circos, os foros , os amphitheatros , os sete oiteiros, e Jano de duas caras e duas vozes ; então revelam os factos christãos que tem connexão com a sua existencia. Deste modo, allumiando-se com mutuas luzes as duas Romas , não fica nas trevas parte alguma do quadro , e a Cidade Eterna , filha primogenita da Providencia , resplende por toda a parte sob as suas duas coroas de rainha da força e rainha do amor. As egrejas e as basilicas, com as suas veneraveis tradiçõens , e riquezas artisticas tam variadas e numerosas, com os seus thesoiros de reliquias e o seu povo de martyres que fazem de cada sanctuario de Roma um ceu na terra ; todas estas coisas tam deliciosas de piedade e poesia , e sem embargo tam perfeitamente des-

conhecidas pela maioria dos viajantes, são visitadas e explicadas sob o aspecto da sciencia, da arte e da fé. O mesmo succede com os museus e as galerias, como tambem com os usos e costumes da Curia romana e as grandes ceremonias da semana sancta.

Porem não é a verdadeira gloria de Roma christian aquella que brilha aos olhos do espectador mundano; é mister procural-a nas obras dessa Igreja, mãe, senhora e modelo de todas as outras. Em nenhuma parte existe systema de charidade mais maternal, completo e antigo; em nenhuma parte existem obras de piedade que melhor reflectam o espirito essencial do catholicismo. Porem Roma, contente com operar o bem, não tem diarios encarregados de o publicarem; e o quadro religioso das suas instituicoens está ainda por fazer nas *Guias d'Italia*: delle esboçam os principaes traços *As Tres Romas*.

Até aqui não transpoz o viajante os limites da Cidade. Comtudo encontram-se fóra de Roma, e com especialidade nas entranhas da terra, outras maravilhas que não é permittido olvidar. Os logares celebres do antigo Lacio, as *villas*, as vias romanas, varias basilicas, e especialmente as immortaes Catacumbas vem a ser objecto d'uma ultima viagem. Descido á *Roma subterranea*, estudâmos a origem, o destino, os tumulos, as capellas, as ruas, as praças, os habitantes desta grande cidade dos martyres. Differentemente dos escriptores francezes que não fallam della ou se fallam é só como archeologos, é o nosso alvo fazel-a conhecer debaixo dos tres pontos de vista da historia, da arte e da religião. Ainda mais que as outras, esta parte da viagem, que forma

um volume inteiro , offerece todo o interesse da novidade.

Isto pelo que respeita a Roma.

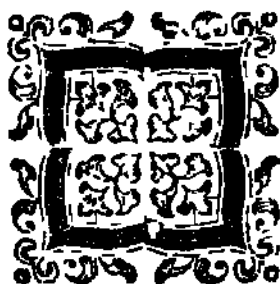
Depois da Cidade Eterna, são successivamente visitados Napoles, a Campania, a Ombria, as Marcas, a Lombardia, e o Piemonte. Ora a Italia, se bem que n'um grau inferior, participa da grandeza providencial da rainha do mundo. Foi ella, desde o principio, o mais brilhante satellite do astro immenso que leva todos os astros na sua orbita. D'aqui resulta que os seus monumentos, os seus homens celebres, os seus apóstolos, os seus martyres, os seus campos de batalha, tomam aos olhos do viajante proporções mais graves, do que os monumentos e homens das outras nações. E' sob este aspecto que ella é encarada, de maneira que a marcha seguida no estudo de Roma fica em toda a parte a mesma. As origens pagans e christans de cada cidade, os seus grandes homens, os seus martyres, as suas ruinas, as suas obras d'arte, e especialmente os seus estabelecimentos de charidade, tam tocantes e variados na Italia, formam o panorama offerecido ao espectador.

Tal é, no seu espirito e objecto, a nova obra que damos ao publico. Salvo erro assemelha-se ella pouco a uma repetição do que se tem dicto nos nossos dias ácerca da Italia: é este o unico juizo que della nos é permittido fazer.

Em quanto á forma, não deve uma viagem ser nem uma grave collecção de dissertações philosophicas, nem uma serie mais ou menos monotona de descripções geographicas ou de pias meditações: é uma narração; e o auctor conta, des-

creve, dia por dia, o que vê, o que aprende, o que experimenta. Parece-nos que este modo simples e variado, longe de cansar a attenção, a excita e sustenta; tanto mais quanto as duas plantas de Roma tornam os factos palpaveis, pon-do à vista do leitor os logares e monumentos prin-cipaes de que ouve fallar.

Terminemos com a supplica de Sancto Agos-tinho, que temos mil vezes mais motivos de re-petir do que o sancto doutor: « Se ao lerdes no-tardes incorrecções e faltas, ainda numerosas, dai desculpa à palavra a favor da materia: *si quid incondite atque inculte dictum legeris, vel si totum ita esse perspexeris, doctrinae da operam, linguae veniam* (Epist. 205, ad Consent.) »



2 de Novembro.

**Partida de Nevers. — Itinerario. -- Villars. — Saint-Pa-
rize. — Saint-Pierre-le-Moutier.**

Pelas duas horas da tarde, a grande diligencia de Paris a Lyão parava em Nevers. Alli tomava tres viajantes que partiam para a Italia; eram os srs. H. de Ch... F. de Ch... e eu. Os meus jovens companheiros de peregrinação metteram-se alegremente no coche onde eu tomo logar pela minha vez; e fazendo o estridente látigo endireitar a cabeça aos nossos cinco cavallos, o pezado coche se põe em movimento. Da portinhola enviamos uma ultima saudação aos nossos amigos, promettendo-lhes estarmos em Roma dentro d'um mez. Os nossos relógios marcavam tres horas menos vinte minutos: hei de mister notar esta data precisa; mais tarde se saberá porquê.

Se vos succedeu alguma vez emprehenderdes uma viagem longinqua, concordareis em que o momento da partida tem algum tanto de solemne e sobresaltante. D'onde provem isto? ignoro-o. Só sei que ao primeiro movimento daquella diligencia que ia depôr-nos successivamente em vinte outras, a ultima das quaes não devia parar senão na extremidade oriental da Italia; á vista daquellas casas, daquellas ruas, daquellas praças que fugiam e que talvez não deviamos tornar mais a ver; á recordação de tantas pessoas queridas que com as suas inquietaçoens e com os seus votos nos acompanhavam, longe estavam os nossos coraçõens de se não acharem agitados. No mesmo dia em que partiamos, dia dos tristes pensamentos, as folhas seccas que o vento rolava pelo caminho, a vaga apprehensão dos perigos que pôde correr o viajante, tudo isto nos lançou n'uma especie de melancolia, que se traduziu n'um longo silencio. Para a elle nos arrancarinos, nada menos foi mister que o pensamento bem reflectido dos uteis gozos que nos promettiamos na viagem, unido á esperanza d'uma feliz volta. Apresentaram-se aos nossos olhos Roma e a Italia com toda a magia do seu nome e todo o poder das suas recordaçõens.

Roma! a Italia! que de coisas não encerram, com effeito, estas duas palavras! Para o simples viajante, é a Italia o paiz do bello céu e das risonhas paizagens; para o philosopho e litterato, é o theatro dos maiores acontecimentos depositados na historia do mundo antigo. Lá viveram, fallaram, escreveram, representaram o seu papel e deixaram vestigios da sua passagem, a maior parte dos homens famosos no meio dos quaes se

deslizou a nossa longa infancia. Para o artista, é a Italia a patria das artes, e Roma uma vasta galleria; para o archeologo, é um museu em que se conserva escripta em pedra, marmore ou bronze, toda a historia sagrada e profana. Para o christão, sobre tudo para o sacerdote, é a Italia a ditosa praia em que a nau da Egreja lançou a sua ancora immortal; e Roma, o centro da fe de que elle tem a ventura de ser filho e ministro.

Entre tantos titulos, um só bastava para fazer d'uma viagem á Italia o nosso sonho favorito. Este sonho começava a tornar-se em realidade: e todavia interrogavâmos os nossos pensamentos com a inquietação do homem que acorda, e nos perguntamos: « Sempre é verdade que vamos a Roma ? — Sim, Roma, mãe e senhora de todas as egrejas, cidade providencial, successivamente objecto do terror e do amor do universo; mysteriosa união dos dois mundos, rainha eterna das naçoens, convertida em pacifica morada do pai commum da grande familia catholica, após haveres sido a ruidosa capital dos tyrannos do genero humano, nós te veremos em breve, não só com os olhos da sciencia profana, senão tambem com os da fé. Solo sagrado que pisaram tantos sanctos e martyres, depois de Pedro e Paulo, regado com os seus suores e ensopado com o seu sangue, em breve receberás as nossas pégadas. Um pouco mais, e contemplaremos as feições augustas d'aquelle a quem tantos outros mecos felizes desejam ver e que nunca verão. Ser-nos-há dado reanimar a nossa fé no tumulo dos Apostolos, nas catacumbas de nossos pais: depois, voltaremos para o meio dos nossos amigos a viver das nossas recordaçõens. »

Esta esperança da volta, a mais grata ao coração do viajante, quizemos logo consolidar-a. Apenas havíamos atravessado a grande ponte que collocava o Loire entre nós e a cidade, quando recorri a uma receita cujo emprego, tam agradável como facil, dá infallivelmente confiança. Convem saber que a Igreja, na sua maternal sollicitude, compoz um *itinerario* para uso dos viajantes: inimitavel oração em que se prevêem todas as necessidades dos peregrinos. A Igreja as especifica ao seu divino Esposo, e lhe supplica véle durante a jornada pelo filho da sua commum ternura. Recorda-lhe que tambem elle foi *peregrino no valle das lagrimas*, porem que teve *um precursor para lhe aplanar o caminho*; rediz-lhe as suas antigas bondades para com os viajantes: *a miraculosa passagem d'Israel atravez do mar Vermelho, e o livramento d'Abrahão da terra da Chaldea, e sobre tudo a viagem do moço Tobias guiado pelo archanjo Raphael.* A' recordação de tantas maravilhas de poder e amor, abre-se o coração á mais plena confiança e diz-se: Na verdade, que tenho eu a temer? Aquelle a quem pertence toda a terra, a quem obedecem todos os elementos véla por mim como pela menina dos seus olhos. Comigo viajam o meu anjo tutelar e os dos meus companheiros; depois por todo o caminho estão postados os espiritos protectores dos logares por onde vou passar. Teem do meu Pae celeste ordem de vigiarem por mim; e estou certo que cumprirão o seu dever com mais exactidão e boa vontade que as auctoridades civis e militares, que o meu passaporte convida a prestarem-me ajuda e protecção. Bem-dita sejas, religião sancta, que associas aos nos-

sos interesses o ceu e a terra: onde quer que seja, nunca está só teu filho.

Engolfado nestes pensamentos, apenas reparava que nos afastavamos rapidamente. Já havíamos passado alem da famosa *Chaume*, onde o impio Foucher, parodiando os nossos augustos mysterios, abençoava n'um dia, em nome da natureza, tresentos pares de esposos republicanos. O monte dos *Brignons* com o seu bosque de má fama; *Magny* com as suas recordaçoes de Carlos-o-Calvo e do sancto padre Vicente, haviam desaparecido. A' direita, atravez d'uma cortina d'alamos, avistavamos o antigo castello de *Villars*, cujos largos fossos serviram de sepultura a mais d'um cavalleiro de manopla ferrea. A' esquerda, deixavamos *Saint-Parize* e a sua crypta romana, eterna tortura dos archeologos. Era noite fechada quando chegamos a *Saint-Pierre-le-Moutier*.

Como dois meteoros brilhantes, duas grandes figuras parecem pairar por sobre esta pequena cidade que não deixou de ser celebre na historia. E' a primeira a do veneravel filho de S. Bento, que, na idade media, foi plantar àquelle logar solitario o seu hordão de peregrino. Em torno do mosteiro formou-se a cidade: a religião precedeu aqui, como em toda a parte, a civilisação. A segunda figura, que, aproximada á primeira, formava um grupo digno d'um habil pincel, é a da miraculosa Donzella d'Orleans: *Saint-Pierre-le-Moutier* foi o theatro do seu brilhante valor. Ao transpôr o espaço outr'ora occupado pelos fossos, julga-se ouvir a voz suave e sonora da moça heroína gritando á sua gente: « Todo o mundo ás fachinas e ás cannaçadas, para se fazer a ponte! » « a qual incontinente depois foi feita e

levantada , continua o cavalleiro d'Aulon , testemunha ocular , da qual coisa o deponente ficou todo maravilhado ; por quanto incontinentemente a dicta cidade foi tomada de assalto sem nella se encontrar por então grande resistencia ; e diz o que falla que todos os feitos da dicta Donzella lhe pareciam mais feitos divinos que outra coisa , e que era impossivel a uma donzella tam moça fazer taes obras sem a vontade de Nosso Senhor e sem ser por elle conduzida (1). »

Foi a tomada de Saint-Pierre-le-Moutier uma das ultimas façanhas de Joanna d'Arc. No anno seguinte expiava a libertadora da França a sua gloria na fogueira accesa pela mão dos Inglezes.

Havia cinco horas que estavamos no coche , e tivemos tempo de nos medirmos , interrogarmos com os olhos , e reconhecermos mutuamente. Parecia-nos convirmo'-nos; alem disso reinava na natureza um socego solenne ; apenas era o silencio da noite quebrado pela passagem da pesada diligencia , que imprimia lentamente os seus profundos carris na estrada lamacenta do Bourbonnais ; era a hora dos contos ao canto do lar durante os seroens do outono , e as linguas desataram-se. Segundo o seu mui louvavel costume , a conversação saltou de assumptos para assumptos. Alternativamente sentenciosa , diffusa , grave , alegre , acabou , cahindo sobre a educação , por tomar uma physionomia meio jocosa , meio séria , que

(1) Depoimento de João d'Aulon , cavalleiro do rei e senescal de Beaucaire , feita em Lyão aos vinte e oito dias do mez de maio de mil quatrocentos e cincoenta e seis.

conservou por muito tempo. A educação maternal e paternal, a aula, o collegio, as qualidades e os defeitos, a innocencia e a felicidade da infancia, a tudo se passou revista, e tudo foi temperado com reflexoens e anedotas. Entre estas ultimas, ha uma que peço licença de referir.

No fundo do coche ia um cirurgião-mór, que, debaixo dos cabellos grisalhos, conservava toda a vivacidade da juventude, e demais disso homem de muito boa companhia e mui amavel contador d'historias. « As crianças, disse, são ás vezes d'uma perfeita simpleza. Ha alguns annos, uma de minhas filhas chamada Maria, então de sete annos d'idade, achava-se gravemente indisposta; julguei que ella precisava d'um caustico, mas a difficuldade estava em fazel-o acceitar. Depois de ter buscado muito tempo um estratagena de guerra, eis que me passa pela mente uma idéa luminosa; chamo Maria e sua irman Mathilde, mais velha que ella dezoito mezes, e digo-lhes muito sério: « Esta noite deitarei um caustico áquella de vós ambas que fôr mais socegada. — Serei eu, meu papasinho, serei eu, responderam-me uma e outra lançando-se-me ao pescoço. » Sahi; entrou a mãe, e correram para ella dizendo: « Mãe, mamãe, que felicidade! se nós formos muito socegadas, o papá prometteu-nos um caustico á noite. » Passou-se o dia em continuos esforços para o bem. De vez em quando ouvia-as eu perguntarem uma á outra em voz baixa: « Já viste um caustico? » A' resposta negativa de sua irman, vem Maria dizer-me: « Papá, como se faz um caustico? come-se? — Não, minha filha, um caustico põe-se no braço. » Vai levar a minha resposta a Mathilde, e eil-as a olharem o braço

para gozarem antecipadamente o bello effeito que deve produzir o mysterioso adorno.

Finalmente chëga a noite, e decido que Maria foi a mais socegada. A estas palavras, salta de alegria e vem abraçar-me. Mathilde desfaz-se em lagrimas. — « Não chores, manasinha, dizia-lhe Maria; se nós formos tambem amanha socegadas, o papà ha-de dár-te um caustico como a mim. Em que braço, pergunta a minha feliz doente, se põe o caustico? — No direito. » Imediatamente descobre o braço até ao hombro. « Mas, disse-lhe eu, é preciso estares na cama para o receberes; » corre para ella. Colloco-lhe o caustico; Maria olha para elle, agradece-me, abraça-me e adormece feliz como uma rainha. Ai! como a de muitas rainhas, não foi a sua felicidade de longa duração. Ainda não era dia quando ella chama tristemente pela irman, dizendo-lhe: « Mathilde, Mathilde, queres o meu caustico? — Quero, quero; empresta-m'o ao menos por um instantinho. » Oiço, corro; e foi necessario interpôr a minha auctoridade, para impedir a concessão. Então Mathilde poz-se a chorar dizendo: « E' sempre a Maria que se dá tudo, e eu nunca tenho nada. »

3 de Novembro.

Moulins. — A egreja do collegio. — Recordaçõens. — Uma viagem na diligencia e a vida humana. — O progresso. — Roanne. — Tarare. — Lyão.

Um tempo excellente, uma temperatura de primavera haviam acompanhado a nossa partida;

porem na ordem physica , da mesma maneira que na moral , os dias seguem-se e não se parecem. Acabava de bater meia noite ; espessas nuvens cobriam a face do céu e uma lua duvidosa foi só o que alumiu a nossa rapida passagem por *Mou-lins*, a cidade de apraziveis passeios. Tivemos pena de não visitarmos de novo a igreja do collegio , n'outro tempo da Visitação. Interessante, pelas suas riquezas artisticas , muito mais o é pelas suas recordaçoes. Em tanto que della restar em pé uma pedra , repetirá os nomes illustres e bemditos de duas mulheres fortes , modelo do seu sexo e gloria do seu seculo. * Foi á sombra daquelle sanctuario que viveram muito tempo , e sobre aquellas lageas de marmore que derramaram as suas lagrimas e oraçoens , Joanna-Fran-cisca-Frémiot, baroneza de Chantal ; depois a nobre e desventurada Maria-Felicia-des-Ursins, du-queza de Montmorency. A primeira, digna filha de S. Francisco de Sales , fundou , d'acordo com elle , a illustre ordem da Visitação ; a segunda , nascida quasi nos degraus do throno , soube encontrar nas consolaçoens da mais alta piedade o segredo de viver agradavel e resignadamente , depois do golpe fatal que , decepando no cada-falso a cabeça de seu marido , lhe havia despe-çada para sempre as esperanças e rasgado o co-ração.

Ao alvorecer , abrimos as portinholas carrega-das de vapores ; obscurecia o horisonte um es-pesso nevoeiro ; estava o frio penetrante , solita-ria e monotoná a estrada : tudo excitava pensa-mentos graves. O que me assaltou foi o paralle-lo da vida humana e d'uma viagem na diligen-cia.

Na diligencia, achais-vos com viajantes, dos quaes uns vos agradam, outros desagradam; uns vos deixam mais cedo, outros mais tarde; amigos ou inimigos, força é separar-se de todos. Os logares vãos são promptamente occupados; outras figuras se succedem ás primeiras: novos conhecimentos, novas repugnancias, novos prazeres, novas idéas, novo mundo. Assim na vida humana.

Na diligencia, a comitiva está distribuida por logares differentes, e vós mesmos os occupaes muitas vezes uns depois dos outros: logares da *imperial*, ninho do estudante de ferias e do soldado de licença, onde respiraes o fumo do cigarro, onde tiritaes quando está frio, onde sois molhados quando chove; logares de *cupé*, gabinete da gente culta, onde tendes em perspectiva a lança do coche e a *prôa* dos cavallos; logares do *centro*, salão do commercio, onde abafaes quando está calor, onde se falla alternativamente em politica, em theatro, em architectura, em caminhos de ferro, em vinhos, em flannella e em beterrabas; logares de *rotunda*, compartimento do proletario, onde vos seguram, sem augmento de preço, o divertimento de serdes devorados pelo pó e a odorifera companhia dos canarios, das amas de leite e dos serradores de madeira. De todos estes logares, o melhor não presta; em todas as partes ha balanços e cansaço. Quem nos nossos dias póde affiançar que não occupará todos os logares do coche social? Quantos estão no *cupé* que estavam ha pouco na *rotunda* e *vice versa*?

Na diligencia; cada um viaja para seu interesse particular; quem para commercio, quem para

se divertir, quem para se instruir, quem por causa da saúde, quem para mudar de lugar. Assim na vida humana. Ai! sim, nesta viagem cujo fim deveria ser o mesmo para todos, são tantos os fins quantos os viajantes.

Na diligencia, é rápida a viagem; em vão quizeréis algumas vezes afrouxar a marcha. A rouca voz do conductor repete em cada descanzo: *A caminho, levantar*: e ás chicotadas do postilhão executam a cruel ordem. Assim na vida humana. Quaesquer que sejam os vossos desejos, é-vos prohibido fazer alto um só instante; a imperiosa voz do tempo brada sempre: *Caminha, caminha*; e força é caminhar.

Na diligencia, é a viagem curta: dura algumas horas, alguns dias, raras vezes algumas semanas ou alguns mezes. Assim na vida humana: a mais longa é um sonho.

Na diligencia, é enganadora a viagem: a terra, as arvores, as casas, os montes, os homens, o céu, do qual não vêdes mais que um ponto, não fazem senão apparecer e desapparecer. Julgais que tudo isto foge, e sois vós que fugis. Assim na vida humana: julgamos que tudo muda em torno de nós, e somos nós que mudamos.

Na diligencia, encontraes de tempo a tempo hospedarias, umas boas, outras mediocres, outras más; servis-vos á pressa de creados, moveis e quartos que não são vossos. Assim na vida humana: cabana do pobre, casa do rico, palacio do rei, são abrigos passageiros onde se dorme uma noite: no dia seguinte è forçoso partir.

Finalmente, como ultima conformidade, na diligencia não é raro o acontecer-vos accidentes. Ainda nas viagens mais agradaveis, quem

ignora que os inconvenientes e' os enganos tem nellas grande parte? Assim, e sempre assim na vida humana.

A *Palisse* cortou o fio das minhas reflexões; recordou-nos este logar o senhor da *Palisse* e a canção popular. A' recordação do illustre marechal de França que, depois de tantas façanhas, pereceu gloriosamente na batalha de Pavia, como se não ha de repetir com o senhor de Maistre: Sêde pois um grande homem para que venha o primeiro trovador descantar-vos e ligar ao vosso nome uma ridicularia immortal!

A canção, cantarolada por um viajante, não havia ainda terminado, quando um espectáculo inesperado veio provocar a hilaridade de todos os que iam no coche. Atravessava-se uma pequena e suja aldêa cujo nome ninguem pôde dizer. Por cima da porta meia aberta de uma mesquinha cabana de paredes de lama e tecto de colmo, ostentava-se uma taboa vermelha com estas fastosas palavras em grandes lettras pretas: *Gabinete de leitura*. Ora, no momento em que passavamos, entrava um gallo altivamente no tal gabinete. A presença do bipede em semelhante logar suscitou uma mui seria discussão ácerca da especie a que elle pertencia: « E' um Perú, diziam uns; é um gallo gaulez, respondiam outros. — Não pescaes nada disso, ajuntou um caixeiro-viajante: o intelligente animal que vai ler o seu folhetim é evidentemente um gallo phalansteriano, um gallo livre, um gallo emancipado como vereis milhoens d'elles d'aqui a pouco tempo. — Isso cá para mim é indifferente, bradou um dos viajantes, que havia combatido nas Pyramides, o certo é que alli está o progresso e a civilisação; » e com uma voz

ora rouca , ora tremelicoso , poz-se a mimosear-
nos com uma canção que não deixa de ter mere-
cimento :

Je som' devenus vieux sans rien savoir ;
Mais nos gamins , dam faudrait voir ,
Y sauront tous la rieuthorique ,
La matheumatique ,
La métalphysique ,
La chimilque et ben d'aut's'crets.
V'là ce que c'est que le progrès.

Sur des chemins de fer, sans avoir peur,
On court la poste à la vapeur.
Avec ça lancé com' d'un'froude ,
En queq's heur's de ronde ,
On fait l'tour du monde
Sans enrichir les cabarets.
V'là , etc.

Supposé que cela saute en éclats ,
Et qu'eo tombant tu te casses un bras
Ou qu'tu t'démettes une omoplate ,
Vient un orméopate
Qui t'casse l'aut'patte
Pour te rend'mieux portant qu'jamais.
V'là , etc.

.
.
.

Mais aussi quand on ne peut réussir
On se défait de soi pour en finir :
L'un se flanqu'du plomb dans la calotte,
L'aut'se tire un'botte ,
L'aut'se serr'la glotte,
Puis l'aut'dans l'eau va chercher l'frais.
V'là , etc.

(Nós envelhecemos sem saber nada; mas os nossos garotos, esses verão, saberão todos rethorica, mathematica, methaphysica, chimica e muitos outros segredos. Eis o que è o progresso.)

(Viaja-se na posta a vapor por caminhos de ferro, sem ter medo algum; e deste modo como que arrojado com uma funda, em algumas horas dá-se uma volta em roda do mundo sem enriquecer as tavernas. Eis, etc.)

(Supposto que a coisa salte em estilhas, e cahindo quebres um braço ou desloques uma omo-plata, vem um homeopatha que te quebra a outra para te pôr mais são que nunca. Eis, etc.)

.
.
.

(Mas tambem quando os negocios não vão correntes, desfaz-se a gente de si para acabar com tudo: um mette um pouco de chumbo nos miolos, outro dà em si uma punhalada, outro aperta a garganta, e outro vai procurar o fresco na agua. Eis, etc.)

Em tanto que o velho soldado estigmatizava o charlatanismo e a impiedade, levava-nos a diligencia rapidamente. Atravessamos as ultimas planicies do Bourbonnais, nas quaes Napoleão, regressando do Egypto, designava vinte sitios favoraveis para campos de batalha: antes do meio-dia estavamos em Roanne. Alli começa a irradiação da actividade lyoneza; caminho de ferro, porto, lojas mais numerosas e elegantes, annuncia tudo a visinhança d'uma grande cidade. Entretanto muda o paiz d'aspecto; profundos barrancos e bosques de carvalhos vos conduzem ao famoso monte

de Tarare. Atravessamol-o sem accidente, bem como a cidade do mesmo nome, improvisada pela industria. A' luz dos lampioens, mostrou-nos esta com o orgulho d'um ricaço a fachada uniforme dos seus compridos edificios, todos semelhantes a quarteis ou penitenciarios. Pretende-se que, de-baixo do ponto de vista moral e material, a manufatura tem algum tanto d'uns e d'outros. O tempo não nos permittiu verificar a observação, porque estavamos atrazados na jornada. Em balde se queixou o indolente conductor dos cavallos, dos postilhoens, dos viajantes, de todos e de tudo, excepto de si proprio, que não chegamos às barreiras de Lyão senão á uma hora da noite.

« Poderemos partir pelos barcos? » esta grave questão occupava-nos desde muito. Cada qual fallava conforme os seus receios ou as suas esperanças. Uns diziam que sim, outros que não. Todos ignoravam se o Rhodano, que havia pouco sahira do leito, permittiria a passagem das pontes. Nesta incerteza estavamos, quando appareceu á portinhola uma cara estranha, alumada por uma lanterna de furta-fogo, e meio coberta com um largo chapéu grosso desabado. Esta cara fallava e dizia: « Meus senhores, bilhetes para o *Papin* N. 2; é o unico barco que parte hoje. » Todas as mãos se estenderam para pegar nos ditos bilhetes. Ora vêde quam grande é sobre os nossos juizos a influencia das paixoens! No meio d'um bosque, ter-nos-hia feito empallidecer a todos o homem que tivesse semelhante cara; pois acreditarieis que aqui, graças ás suas palavras tranquillizadoras, o mensageiro do *Papin* nos pareceu quasi tam bello como um anjo? Descidos com as nossas malas para a calçada, tiritando, tranzidos,

seguimos até á margem do rio o guia officioso. O barco estava aberto , e descemos ao que se chama camara. A' luz de um candieiro e ao calor d'um fogão vigorosamente aquecido pelo machinista, pernoitamos , estendidos em canapés até ás seis horas da manhan.

4 de Novembro.

Partida de Lyão. — Vienna. — Tumulo de Pilatos. — Tournon. — Valença. — Viviers. — Ponte Saint-Esprit. — Irmãos Pontifices. — Mornas e o barão dos Adrets. — Avinhão. — Aventura da noite.

Os passos dos viajantes que chegavam , as patadas dos cavallos , que se embarcavam , o barulho dos toncis e dos fardos que se rolavam na coberta deram cabo da nossa vontade de dormir. Ao romper d'alva , havíamos saudado a Rainha de Fourvières , e lançado uma rapida vista d'olhos sobre os bellos caes da segunda cidade do reino , não tivemos tempo para mais ; porem promette-mo'-nos de nos indemnisarmos á volta.

Em breve foi o barco invadido, e vimo'-nos rodeados, apertados, acotovellados por uma multidão compacta de passageiros que iam , vinham , fallavam, procuravam-se uns aos outros em toda aquella barafunda sem que podessem encontrar-se nem ouvir-se. Dos caes não cessava o povo de bradar: « Vós não podereis passar ; a agua está muitissimo alta ; ides despedaçar-vos. » Não se verificou a sinistra predicção, e graças a uma habil manobra vencemos felizmente a ponte de Guillotiére ; e reunindo-se a rapida corrente do rio ao

poder da nossa machina que funcionava com toda a força do vapor, nos levou com velocidade tal, que antes das oito horas estavamos á vista de Vienna.

Um espesso fumo de carvão de pedra se extendia em pezadas nuvens por sobre a velha cidade delphineza, e dava-lhe a figura de uma matrona vestida de lucto. A cathedral com as suas duas torres esguias, apenas se desenhava naquella negra paisagem, e as largas proporções do gothico monumento pareciam confundir-se com a cadêa denticulada das montanhas pardacentes que o dominam. Para se encontrar naquelle dia alguma coisa interessante na cidade celtica, foi mister interrogar-lhe a historia. Que colheita de gloriosas recordações!

Nos sangrentos fastos da Egreja, brilham quatro diaconos com resplendor incomparavel: Estevão em Jerusalem, Lourenço em Roma, Vicente em Hespanha e Sanctus nas Gallias. Philantropos, inclinai-vos aos seus nomes. Destes homens e dos seus eguaes, tendes vós tudo o que possuis: as vossas luzes, as vossas instituições, os vossos costumes, as vossas liberdades são outros tantos fructos da arvore christan cujas raizes secundou o seu sangue. Natural de Vienna, companheiro de supplicio de Pothino e Blandina, desesperou Sanctus os juizes, cançou os algozes, e impoz indefinivel respeito aos milhares de pagãos que haviam acudido ao amphitheatro de Lyão para se repastarem no espectaculo das suas torturas. Que direi da carta, pela qual as egrejas de Vienna e Lyão contam a suas irmans do Oriente os combates do heroe? Amantes da antiguidade, quereis conhecer um monumento inimitavel da-

quella simplicidade sublime que vos encanta em Herodoto ou Homero? Lêde esta carta; começa assim: « Os servos de Jesu-Christo que moram em Vienna e Lyão, cidades da Gallia celtica, a seus irmãos d'Asia e da Phrygia, que tem a mesma fé e esperam no mesmo Redemptor, paz, graça e gloria pela misericordia de Deus Padre, e intervenção de Jesu-Christo Nosso Senhor (1). »

Aos apóstolos das luzes, impõe também Vienna reconhecimento. Era alli que, no mez de abril do anno de 1311, se reunia o decimo quinto concilio geral. Dezoito vezes celebrou a Egreja estas grandes sessoens, onde se discutiram os mais altos interesses da humanidade; e dezoito vezes fomentou solemnemente a esposa do Deus das luzes os progressos da rasão, já emendado-lhe os desvios, já pondo regras seguras ao seu desenvolvimento. Em Vienna, vejo o papa Clemente V, rodeado do sacro collegio e de trescentos bispos. N'um throno menos elevado que o do pontifice, está assentado Philippe-o-Bello acompanhado da sua côrte; assiste não como juiz da fé, mas como bispo do exterior, para apoiar com a sua auctoridade os decretos do concilio: é Constantino em Nicea, ou Mauricio em Chalcedonia. Que vai decidir a Egreja Catholica reunida em plena idade media? Entre outras coisas, decide, ordena a criação de cadeiras gratuitas de hebreu, arabe e chaldeu, nas universidades de Roma, Paris, Oxford, Bolonha e Salamanca.

Não longe de Vienna, saada-se o tumulo de Pilatos, especie de monumento pyramidal que, segundo a tradição, indica o sitio onde o juiz

(1) Euseb. *Hist. Eccl.* liv. V., an. 177.

iniquo, perseguido pelos remorsos, se precipitou no Rhodano (1).

Em breve estreitam as margens do rio, elevam-se em penhascos abruptos ou collinas escavadas, e tornam-se cada vez mais severas. Para nós, contrastavam desagradavelmente com as encantadoras bordas do Loire. Todavia, se montanhas volcanicas, desnudadas e quebradas continuam a formar á direita monotono dique ás invasões das aguas, em frente de Serrières as planicies do Delphinado começam a patentear-se e descançam agradavelmente a vista fatigada.

A's dez horas e meia, descobriu-se ao longe uma mole negra que parecia elevar-se do meio do Rhodano. Era o celebre castello de Tournon, construido sobre um rochedo cuja base mergulha no rio. As torrinhãs descoroadas da antiga habitação, e sobretudo o seu actual destino, attestam a triste passagem das revoluções humanas: a nobre mansão dos valentes serve hoje de prisão. Aos brilhantes castelloens, ás agradaveis e boas donas, ás elegantes donzellas, succederam novos habitantes, de figuras e habitos bem differentes. Quando iamos passando, chegavam oito ou dez, de cadeias ao pescoço, conduzidos pela *gendarmaria*. Junto ao castello está o collegio, antiga casa de Jesuitas, que gozava merecida reputação. Na margem opposta do rio elevam-se os oiteiros da *Hermitage* e de *Côte-Rotie*, tam conhecidos pelos seus vinhos. Em nome dos amantes, toda a comitiva lhes enviou uma rapida, porem graciosa saudação.

Já estava ante nós Valença. Ciosa da admi-

(1) Euseb. *Chronic.* — Joseph. *lib.* XVIII.

ração dos viajantes, parece mostrar-lhes com orgulho o seu quartel, n'outro tempo o antigo seminario, o seu novo seminario, a sua igreja de S. João e a sua formidavel cidadella, que formam os pontos salientes do quadro de que ella faz parte. Depois se ella se põe a contar-vos a sua historia, que de coisas não tem que dizer-vos? Filha querida dos Gaulezes nos dias da minha infancia, soffri na adolescencia a sorte de minhas irmans; tornei-me colonia romana. Mais tarde dobrei a cerviz sob o sceptro alternativamente tam pezado e tam leve dos poderosos duques de Borgonha, dos valorosos condes de Provença e dos cavalleirosos senhores de Tolosa. Em 1449, fui offerecida a Luis XI e fui uma nova perola para a corôa de França. Oito vezes vi numerosos e sanctos bispos reunidos em concilio; ha porem uma recordação que nunca se me apagará na memoria. Ha meio seculo, vi chegar; prisioneiro, o personagem mais alto do universo. Era um velho de oitenta annos, tres vezes veneravel pela idade, pelas virtudes e pela dignidade: chamava-se elle Pio VI. Ainda me parece divisar, no alto da minha cidadella, a magestosa figura daquelle pontifice unicamente culpado do crime de ser papa. Vi-o soffrer, e pareceu-me maior nos ferros que no solio. Vi-o morrer, e foi doce a sua morte como um doce somno, magestosa como o sol que se immerge no seio das ondas. Vós que passais, dizei-me qual foi o fim dos seus perseguidores, e que é feito da sua predicção, segundo a qual devia Pio VI ser o ultimo dos papas, e eu o sepulchro eterno do papado?

O *Papin*, que parára diante de Valença para largar e tomar alguns passageiros, começara no-

vamente a sua rapida carreira. Eis na margem opposta do Rhodano, n'uma altura esguia, um antigo torreão, verdadeiro ninho d'abutres, cujos habitantes deviam mais de uma vez fazer tremier as populaçoens assentadas na vertente do monte. Em geral todas estas cristas da Ardecha, levantadas pelos volcoens, nuas, quebradas, irregulares, erriçadas de velhos castellos, são d'um aspecto ao mesmo tempo ameaçante, triste e selvagem. Viviers, com o seu bello seminario e a sua cathedral que se tomaria por uma fortaleza, nada muda a esta perspectiva.

Estava eu á prôa do barco, com os olhos fitos na costa, quando ouvi juncto de mim uma voz commovida que bradava: *A minha terra! a minha terra!* voltei-me e vi um soldado moço, que mostrava com enternecimento uma altura afastada, coberta de neve. « Bem o conheço, dizia, é o monte Ventous, departamento de Vaucluse. Subi-o muitas vezes com o senhor abbade, quando elle ia dizer missa á capella que está lá no alto. Minha mãe está alli! . . . » e com as costas da mão enxugava o interessante mancebo uma grossa lagrima. De subito bradaram os viajantes: a ponte *Saint-Esprit!* e todos os olhares, excepto os do soldado, se dirigiram para o celebre monumento. Como delle distavamos mais de meia legua, foi-nos permittido contemplar á nossa vontade o *Bourg-Saint-Andéol*, e as bem conservadas ruinas d'um templo gaulez, elevado, dizem, a Mithras. Sem duvida introduzira a dominação romana este culto oriental nas Gallias.

Entretanto deixava a machina fugir o vapor, e o barco afrouxara a marcha. Para que era esta demora? Era necessario esperar a embarcação

que conduzia o piloto encarregado de nos fazer atravessar a ponte Saint-Esprit. A não ser uma manobra particular de que só elle tem practica, corre-se risco de ir despedaçar-se d'encontro aos pilares. N'outr'ora, antes de tentarem a perigosa passagem, faziam nautas e viajantes solemne-mente o acto de contricção. Eu por mim, segui este piedoso exemplo e abandonei-me com confiança á habilidade do piloto, e aos paternaes cuidados d'aquelle que dá intelligencia ao homem: passamos se não sem difficuldade, ao menos sem accidente. Dadas graças a Deus, admiramos o monumento que recorda uma das instituições mais uteis da idade media.

A ponte Saint-Esprit tem 799 metros de comprimento e 3 metros e 85 centimetros de largura. Composta de vinte e tres arcos, apresenta no centro de cada pilar um grande olho, destinado a facilitar a passagem do rio nas grandes cheias. A opinião mais auctorizada attribue a construcção della aos irmãos *Pontifices*, humildes monges, cujo nome e cujos serviços hoje ignorados, merecem a gratidão eterna dos amigos da civilisação (1). No seculo XII, não era o bello paiz de França, como hoje è, atravessado de grandes estradas

(1) A seguinte passagem d'uma bulla de Nicolau IV, datada em 1448, parece decisiva a favor desta opinião: *Pastorque ipse, Spiritus Sancti gratiâ, et fidelium eleemosynis fretus, pontem in loco indicato hujusmodi inchoavit.* — Outros attribuem a construcção da ponte Saint-Esprit aos habitantes de Saint-Saturin-du-Port ajudados pelas esmolas dos religiosos de Cluni e excitados pelo exemplo dos irmãos *Pontifices*.

percorridas de noite e de dia por innumeraveis carros : os nossos grandes e pequenos rios não estavam cobertos de embarcações de todas as especies , nem eram sulcados por velozes barcos a vapor : eram as viagens em geral difficéis e pouco seguras. A civilisação material , resultado indispensavel das frequentes communicações entre as cidades e as provincias , achava-se estacionaria ; à religião estava reservada a gloria de a fomentar. A incançavel mão dos religiosos de S. Bento e de Cister , havia arroteado as terras e abatido as vastas florestas que cobriram o solo. Graças aos irmãos Pontifices ou *fazedores de pontes* , poderam os rios ser atravessados sem perigo. Deveu esta util ordem a sua fundação a S. Benezet, do qual terei amanhã occasião de fallar.

A partir da ponte Saint-Esprit , alargam de repente as margens do Rhodano ; estende-se a vista á direita e esquerda pelas vastas campinas de Vaucluse e do Gard. O rio corre caudaloso com rapidez sempre crescente : dir-se-hia que o filho do Saint-Goulard tem pressa de levar ao Mediterraneo o tributo das suas águas.

Quasi em frente da ponte Saint-Esprit , na margem esquerda do rio , vêdes a aldêa de Mornas , e o seu pico ensanguentado. Se houvesseis por alli passado pelo fim do seculo XVI , teríeis podido ver vaguear por aquelles sitios , um homem de alta estatura , olhar feroz , nariz aquilino , rosto descarnado , marcado de nodos de sangue negro , que unia á rapidez do abutre a ferocidade do tigre ; era o Sylla do protestantismo , Francisco de Beaumont , barão dos Adrets. Teríeis podido vel-o , depois da tomada de Mornas , tomando o barbaro prazer de fazer saltar um

depois do outro, os soldados e officiaes da guarnição catholica, já do alto dos rochedos visinhos, já da plataforma das torres aos fossos, onde a sua gente os recebia nas pontas das lanças. Tendo um destes infelizes feito o salto duas vezes, e parando de ambas á borda do precipicio: *Cobarde, são já duas vezes que recuas*, bradou-lhe o barão dos Adrets. — *Eu desafio-vos a que salteis ás dez*, replicou o soldado. Tanta força d'alma, em semelhante momento, agradou ao tyranno e obteve o perdão do proscripto.

Eu experimentei não sei que sobresalto quando, desviando os olhos do theatro de tantos crimes, saudei a pequena cidade de Roquemaure, onde se crê que Annibal, marchando para a Italia, passou o Rhodano com o seu exercito.

A's cinco horas, avistaram-se ao longe as torres d'Avinhão. A antiga capital dos Cavaros, successivamente colonia romana, conquista dos Borguinhoens, dos Sarracenos, dos Francos commandados por Carlos Martel, republica no seculo XIII, vendida no XIV por Joanna de Napoles ao papa Clemente VI, veio a ser pela revolução de 93, parte integrante do territorio francez.

Ia eu fazer não sei que meditação acerca dessa perpetua mobilidade das coisas humanas, quando chegamos ao porto. Era noite; foi o nosso primeiro cuidado descobrir uma poisada, porem não era isto facil. Os barcos e as carruagens que andavam pela primeira vez n'aquelle dia depois da inundação do Rhodano, haviam enchido a cidade de viajantes. Batemos a muitas portas, e em toda a parte nos respondêram: Já não ha lugar. Estavamos ameaçados de dormirmos ao relento, nem mais nem menos. Vista a

gravidade das circumstancias, decidiu-se que a nossa pequena caravana se dividiria immediatamente; que cada um de nós fosse á descoberta em proveito da communiidade, e que meia hora depois nos reuniríamos no ponto de partida. Eis-nos pois todos tres em procura d'uma estalagem, d'uma hospedaria, d'uma poisada qualquer. A' hora marcada para nos reunirmos, eu e Henrique trouxemos em resultado zero. Francisco, esperado impacientemente, Francisco a ultima esperança do estado, não voltou. Ai! não devia voltar. Não vades julgar que havia trahido o seu mandato; que contente com ter attendido aos seus negocios, esquecêra os do paiz; não; somente, como muitos outros, tinha ido longe de mais e perdêra-se. A sua ausencia, devo-o confessar, complicava singularmente os negocios. De engraçada que podêra parecer até então, a nossa posição tornava-se verdadeiramente seria; não tinhamos conhecimentos, nem indicaçoens possiveis que dar ou que pedir para irmos no alcance do nosso amigo. Subitamente veio-nos um pensamento, pensamento luminoso como os tem sempre os governos civilizados, quando é mister sahirem d'um apuro ou consolarem-se d'algum revez: Francisco terà voltado ao *Papin*. Entranhada bem no fundo da nossa alma esta pontinha de consolação, pozemo'-nos a trabalhar em nosso proveito proprio. Depois de longas buscas, conseguimos desencantar n'um sujo bêco, na extremidade d'um comprido e negro corredor, uma chamada hospedaria, onde-tudo era provençal da gema: o que, para os habitantes do Norte e do Centro, se traduz literalmente nestes termos: Pagar caro, ceiar com os olhos e dormir acordado. Forçoso foi sujeitarmo'-nos.

A's cinco horas da manhan deixamos a hospedaria , e dirigimo'-nos pelo caminho mais curto ao barco. Grande^foi a nossa alegria por n'elle encontrarmos o membro desgarrado do nosso estadinho. Contou-nos elle que depois de ter andado muito tempo perdêra o caminho do ponto de reunião ; que perdendo as esperanças de aju- nar com elle , ccara bem e fôra depois pedir hospitalidade ao *Papin*. N'este momento veio o capitão annunciar que o nevoeiro impedia se levantasse ancora , e que a partida seria retardada algumas horas. Permittiu-nos este contratempo lançassemos uma olhada sobre Avinhão : começamos pelo palacio dos Papas.

Aquella mole respeitavel, assentada sobre uma elevada roca que domina o Rhodano, é flanqueada por quatro torres de uma altura e dimensão gigantescas. Em tanto que o archeologo contempla nella com transporte o genio sabio , serio e sombrio algumas vezes da idade media ; apparece ella ao christão como uma imagem da Igreja, que, edificada sobre a rocha, vê correr o rio dos seculos , cujas ondas batem em vão os seus fundamentos eternos. Uma das torres é tristemente celebre nos nossos fastos revolucionarios. Foi na neveira que está na base, que o feroz Camillo Jourdan , appellidado *corta-cabeças*, mandou precipitar uma multidão de victimas, culpadas por serem nobres , ricas e virtuosas. Para descansar a alma fatigada de similhante recordação, é mister nada menos que a graciosa igreja de Nossa Senhora dos Dous, sita nas visinhanças. Neste antigo sanctuario , tam caro aos Avinhonezes , prodigalizou a piedade reconhecida em honra da augusta Virgem , as esculpturas e os marmores pre-

ciosos. A sacristia offerece aos amantes da arte o tumulo gothico de João XXII, pontifice tam conhecido pela sua devoção para com Maria; porem nada recorda os dois celebres concilios com que a historia enche tam largas columnas na religiosa e politica da idade media. No primeiro, celebrado em 1209, foi deposto solemnemente o imperador Othão IV; o segundo, celebrado em 1327, excommungou o anti-papa Pedro de Corbara. Graças á bondade das excellentes religiosas de S. José, foi-nos permittido admirar no hospital o famoso Christo de marfim, o maior e talvez o mais bello que se conhece.

Voltando ao caes do Rhodano, brevemente nos achamos na ponte de S. Benezet, aonde nos chamava uma lenda maravilhosa. Um dia, não sei qual, do anno de 1176, viu-se descer das montanhas onde guardava os carneiros de sua mãe, um pastorinho, de idade de doze annos. Tocado dos perigos que tinha visto correr aos pobres viajantes ao passarem o Rhodano, vinha a Avinhão, dizendo-se inspirado por Deus, para construir uma ponte sobre este rio. Kutra na igreja, e dá parte ao bispo da sua missão; chamam-lhe visionario, exhortando-o a que voltasse á guarda do seu rebanho. Succedem-se ás zombarias as ameaças, porem nada o abala: propõe uma prova, que é acceita. A' vista de toda a cidade, o menino põe ás costas uma enorme pedra que trinta homens tentavam em balde levantar. Passa-se do desprezo á admiração, e decide-se fazer a ponte, no meio d'applausos unanimes. Cada um contribuiu com o seu dinheiro e trabalho para a construcção do monumento cuja direcção teve Benezet. Começada em 1177, não se acabou a

ponte senão em 1192. A sua solidez, os seus dezoito arcos, os seus mil e trezentos e quarenta pés de comprimento a pozeram com justa razão entre as maravilhas da idade media, aliás tam potente e maravilhosa em monumentos d'architectura. Antes de ter dado a ultima demão á sua obra, mas depois de lhe ter aplanado as difficuldades todas, morreu Benezet, tam respeitado pelas suas virtudes como celebre pelos seus milagres. Penetrada de veneração e reconhecimento, fez a cidade edificar sobre o decimo terceiro pilar que subsiste ainda, uma elegante capella, onde foram depositas as reliquias do sancto. Em 1669, tendo desahado grande parte da ponte, transportaram-as solemnemente para a egreja dos Celestinos.

Os diferentes bairros da cidade que depois percorremos, nada nos offereceram que se não encontre nas outras cidades, por isso vimos sem pezar dissipar-se o nevoeiro e apressar o momento da partida. Após vinte minutos de manobras difficeis e até perigosas, conseguiu-se passar felizmente por entre os estreitos arcos da ponte de barcas. O *Papin* corria rapidamente pelas bellas aguas do Rhodano, as quaes, semelhantes a um vasto espelho, reverberavam, despedindo-nol-os, os primeiros raios do sol provençal. Em breve se desenrolou diante de nós a immensa planicie onde se faz a feira de Beaucaire; acima alçava-se o formidavel torreão que domina a cidade; finalmente Beaucaire mostrou-nos a sua nova e mobil figura com a suberba ponte que a une a sua irman mais velha, a antiga cidade de Tarascon.

Na rebanceira do porto esperava uma nuvem

de homens estranhos. Se a sua vestia de veludo castanho, o seu grande chapéu de feltro pardo, cuja aba posterior descia até ao meio das costas, a sua fxa mosqueada, as suas largas calças de côr incerta nos não houvessem provado que estavamos em paiz civilisado, os gestos animados, os rostos morenos, a linguagem incomprehensivel destes personagens de todas as estaturas ter-nos-hiam feito crer que iamos aportar a alguma plaga africana e cahir nas mãos d'uma horda de Kabylas. De facto iamos tractar com Arabes, e o que é peor com Arabes matriculados, os mariolas de Beaucaire. Apenas chegamos a alcance arrojam-se sobre o barco e precipitam-se sobre as nossas bagagens: com vontade ou sem ella, força é soffrer os seus serviços, pois têm o monopolio da descarga. Para levar as nossas coisas, que não carregavam dois, apresentam-se quatro, e nós os seguimos á hospedaria, distante alguns passos da praia. Um viajante julgou mostrar-se generoso offerecendo cincoenta centimos ao seu mariola pelo transporte da sua malasinha, e este recusa dizendo que se lhe deve o dobro; o viajante resiste, e o mariola vai-se resmungando. Durante o almoço vimol-o voltar acompanhado d'um perito; mostrava uma ordem do governador civil, que taxa os viajantes, e lhes impõe a obrigação de pagarem um franco qualquer que seja o volume da mala e a distancia percorrida. Pouco desejoso, de tomar mais intimo conhecimento com aquelle excellente administrador, o viajante executou-se voluntariamente; porem o senhor governador civil póde estar certo de que, se é bemquisto dos mariolas, nem sempre é objecto das benções dos estrangeiros. Deus vos livre dos mariolas de Beaucaire!

Terminado que foi o almoço, atravessamos a ponte moderna que conduz a Tarascon. A antiga igreja de Santa Martha, tam notavel pela sua architectura, attrahiu primeiro as nossas vistas; infelizmente a ultima chéa do Rhodano havia inundado a crypta, o que impediu que vissemos à nossa vontade o tumulo da sancta hospeda do Filho de Deus; mas fomos indemnizados pela narração do miraculoso apostolado de Santa Martha. Eis o que contava o cicerone:

« Chegando a este paiz, dizia, a santa achou-o engolfado na idolatria; porem breve lhe subministrou a Providencia occasião de provar a verdade do christianismo. Um monstro horrivel, que chamamos *Tarasque*, exercia os seus estragos e levava a consternação por toda a comarca. Diversas vezes se haviam os habitantes reunido para lhe darem caça, porem tinha o monstro devorado os mais corajosos e escapado a todos os ataques. Já ninguem se atrevia a sahir; foi então que se recorreu á sancta estrangeira, supplicando-lhe livrasse o paiz do flagello que o assolava. A santa, tendo-se recommendado a Deus, arma-se d'uma cruzinha e de um cordão, e pergunta onde está o monstro. Conduzem-a á entrada do bosque chamado *Nerlue*, onde o pavoroso animal costumava conservar-se quando não estava nas margens do Rhodano n'uma outra caverna que servia de sepultura á maior parte dos viajantes. A heroína entra no bosque, caminha até á bocca da caverna, e com uma voz segura diz ao monstro: *Em nome de Jesus Christo, mando-te que saias!*

No mesmo instante vê-se apparecer uma fera tam medonha, que só a sua vista era capaz de fazer morrer de susto. Era um animal metade

quadrupede e metade peixe; tinha o corpo mais alto e comprido que um toiro, a cabeça de leão, os dentes compridos e cortantes, a crina de cavallo, os pés d'urso, e tinha seis, e o rabo de serpente; o corpo era coberto de escamas a prova das mais fortes armas; no dorso elevava-se um espigão armado de pontas agudas e duras como ferro. Ao seu aspecto, fogem os mais intrepidos, só a santa fica. Encadeada por um poder divino, aproxima-se a Tarasque de rastos e vem depor-lhe aos pés os membros palpitantes de um infeliz viajante que devia ser a sua derradeira victima. Toca-lhe a santa a cabeça com a cruz, e atando-lhe o cordão em volta do pescoço, conduz o monstro amansado como um cordeiro: toda a cidade acode á voz do milagre. Para se vingarem das crueldades que lhes havia feito soffrer, mataram os habitantes a Tarasque depois de a terem ferido e rasgado sem a temerem mais do que se fosse pintada. Benções unanimes foram dadas a Martha, e foi publicamente reconhecido o poder do Deus dos christãos. Em memoria deste successo, que foi para a nossa patria o fim da idolatria e o começo da fé, celebrámos todos os annos uma magnifica festa, á qual folgarieis de assistir. »

O honrado homem ia referir-nos a festa da Tarasque, cujas particularidades ninguém ignora; porem foi a nossa attenção chamada para outros objectos. Mostrava-nos o castello de Tarascon as suas negras muralhas, do alto das quaes foram precipitados, depois de 9 de thermidor, grande numero de republicanos furiosos. Assim, a algumas leguas de distancia daquelles theatros sangrentos da revolução franceza, a neveira d'Avinhão, para as victimas; o castello de Taracon,

para os algozes : o mesmo genero de supplicio ;
justiça de Deus !

Entretanto era chegada a hora de partir para Nimes. Tornar a passar a ponte , saudar o vasto campo da feira , o canal do Meiodia coberto de vasos , salvar Beaucaire em toda a sua extensão , foi coisa dos dez minutos que nos restavam a gastar. Expirava apenas o undecimo quando os ardentes vehiculos da industria nos levavam com a rapidez do vento , atravez d'um vasto campo plantado de oliveiras. Estas arvores preciosas , cujas folhas pequenas e cinzentas estão longe de deleitar os olhos do estrangeiro , regosijavam então o coração do proprietario , pois estavam carregadas de fructos que promettiam aos felizes Provençães um anno d'abundancia. A oliveira quer que a cultivem com cuidado, que a podem e adubem todos os tres ou quatro annos : por este preço paga largamente os suores do homem. A amoreira , que quasi sempre a acompanha , não é menos util ; a sua verde folhagem forma a cercadura ordinaria dos plantios d'oliveiras e dá á paizagem um aspecto menos monotono.

Em menos d'uma hora , tinham-se vencido sete leguas : estavamos na estação de Nimes. A cathedral tam rica de recordaçoes , o poço do bispado , tumulo vivo de multidão de catholicos durante as guerras de religião , a famosa fonte com o seu jardim , orgulho dos Nimezes , taes foram os primeiros objectos da nossa ardente curiosidade. O manancial , que forma ribeira , sahe da fralda d'um monte em cujo cume se eleva a *Tour-Magne* , antigo pharol , construido pelos Romanos. A vertente que mira a cidade é ornada de verdes arvores , e apresenta o aspecto gracioso.

so d'um jardim inglez com suas aléas em espiral, suas rochas salientes, suas irregularidades de terreno e suas vistas por entre arvoredos de um effeito verdadeiramente pitoresco. Na bacia formada pelo manancial da fonte, encontram-se banhos romanos e um templo de Diana, cuja base está muito bem conservada. Vinte e cinco passos mais adiante, ao pé d'um rochedo, eleva-se um templo druidico, se é certo que os druidas tinham templos. Os grandes pedaços de pedras brutas que o compoem, contrastam d'uma maneira notavel com as delicadas esculpturas do templo de Diana. O genio dos dois povos revela-se nestes dois monumentos, e o paganismo mostra-se alli com os seus dois caracteres distinctivos: a crueldade e a voluptuosidade. Seguindo aquellas formosas aguas cuja pureza e transparencia me recordavam as ribeiras da Suissa, percorremos todo o jardim da Fonte, verdadeiro *Luxemburgo* do Nimes, e chegamos á *Casa Quadrada*.

Este templo, que pela sua conservação occupa o primeiro lugar entre as nossas ruínas romanas, forma um parallelogrammo apoiado sobre trinta columnas estriadas de boa architectura. Collocado no meio d'um foro, foi este monumento, segundo todas as apparencias, erguido por Agrippa, e dedicado a Augusto. Mas depois da morte do joven Marcello, tendo Augusto adoptado os filhos d'Agrippa, seu genro, aos quaes deu o titulo de *Cesares*, crê-se que este templo lhes foi consagrado. Tal parece ser o sentido da seguinte inscripção:

C. CAESARI AUGUSTI F. COS. LUCIO CAESARI AUGUSTI
F. COS. DESIGNATO, PRINCIPIBUS JUVENTUTIS.

« A C. Cesar filho d'Augusto, consul: A
« Lucio Cesar filho d'Augusto, consul designado,
« principes da juventude. »

A Casa Quadrada, que serve hoje de muscu e galeria, offerece uma collecção notavel de antiguidades. Os bustos de marmore, os sarcophagos de granito, as estatuasinhas de bronze das divindades pagans são alli bellas e numerosas. Entre as lapides sepulcraes notei aquella cuja inscripção começa: PAX AETERNA. Até nos trophes da morte tendiam a gravar os pagãos o dogma social da immortalidade. No principio dos quadros mostra-se *Cromwell* abrindo o tumulo de *Carlos I.* Breve o spectaculo do regicida, immortalizado na tela, cede a uma recordação não menos horrorosa, gravada em pedra. Proximo da Casa Quadrada eleva-se o amphitheatro onde se derramaram ondas de sangue humano para divertimento do povo-rei. A arena de Nimes attesta, pela sua perfeita conservação e pelas suas proporçoens colossaes, melhor que tudo o que temos entrevisto, a crueldade e o poder dos romanos. Quem se acha alli no meio daquelle vasto recinto de paredes dezesete vezes seculares, por mais que imponha silencio ás suas preoccupaçoes do momento, que tropel de recordaçoes e de imagens o assaltam! Em toruo delle, desde o podium até à galeria superior, parece-lhe ver assentados nos bancos em amphitheatro aquelles trinta mil espectadores avidos de sangue; ouvir os seus prolongados applausos á queda de cada victima, os gritos dolorosos dos feridos, o estertor dos moribundos, os rugidos dos lions e dos tigres, o tinido das espadas, ou a trombeta dos gladiadores ao introduzir na arena

um infeliz escravo, talvez um christão, ou alguma nova fera cujo talhe e furor extraordinario vai dar um instante d'alegria convulsiva áquelle povo estragado; e aperta-se-lhe o coração, e na noite seguinte sonhos horribéis lhe perturbariam o somno, se um sentimento de reconhecimento para com o Deus que livrou o mundo de tanta barbaria não viesse domoar todos os outros.

A ordem dos nossos passeios fez-nos passar da arena à prisão central dirigida pelos irmãos da Doutrina christã: esta aproximação agradou-nos muito. Ver de subito em presença o paganismo e o christianismo no seu espirito e nas suas obras, que melhor meio de os apreciar e de chegar, sem grande esforço de logica, às conclusões seguintes! Sob o imperio do paganismo, desprezo profundo da humanidade; sob o reinado do christianismo, respeito religioso, até para com o criminoso; na arena, egoismo e crueldade; na prisão, dedicação e charidade; alli, morte do innocente pelo culpado; aqui, allivio do criminoso pelo innocente; alli, gritos d'alegria ao espectáculo da dor; aqui, lagrimas de compaixão á vista do soffrimento; alli, o fraco, o pequeno, o prisioneiro, carregado de ferros e immolado pelo forte e pelo poderoso; aqui, o forte e o poderoso feito servo do pequeno e do pobre; alli gladiadores, aqui irmãos. Em quanto á rasão deste phenomeno moral, sempre subsistente, quereis conhecê-la? levantai os olhos: na arena, Jupiter e Venus, a aguia e as fascas; na prisão Jesus e Maria, a pomba e a cruz: Tudo está alli!...

6 de Novembro.

Arles. — S. Trophimo. — Os Claustros. — S. Cesario. —
O Theatro. — O Amphitheatro. — Os Concilios. —
S. Genés.

De regresso a Beaucaire, foi mister alcançar a toda a pressa o porto, para o qual se precipitava a chusma dos viajantes. A sineta do *Papin* havia tocado, e pela chaminé lançava elle ao longe uma larga columna de fumo branco, signal de proxima partida. A's oito horas iamos agua abaixo; o ceu estava excellente e o Rhodano tranquillo, de modo que ás dez horas aportavamos a Arles, depois de termos vencido uma distancia de seis leguas. As circumstancias forçaram-nos a demorar-nos nesta cidade até o dia seguinte, e eu me felicitei por isso.

O philosopho que, sem sahir de França, quizesse fazer um curso completo de meditações acerca das revoluções das coisas humanas, não poderia fazer outra coisa melhor que estabelecer a sua habitação na antiga cidade arlesiense. Os Gregos, Romanos, Borguinhoens, Godos, Sarracenos, Francos, que sei eu? vinte povos diversos revolveram successivamente com suas mãos e molharam com seu sangue, aquelle solo coberto ainda hoje de monumentos do seu poder. Outr'ora templos, edificios, palacios, foro, amphitheatros, cidadellas, estes monumentos tornaram-se o que se tornam com o andar do tempo todas as obras do homem, ruínas: por isso mesmo são elles, parece-me, ainda mais clóquentes. Accrescentai que este povo, guarda daquelle grande tumulo, é um povo á parte. O Arlesiense differe em trajo,

lingua e costumes das populaçoens visinhas : dir-se-hia que se recorda da sua passada gloria , e que quer permanecer o mesmo.

Comtudo , entre todos aquelles poderes destruidos , ha um que sobreviveu , e soube imprimir alli , como nas outras partes , um sello de immortalidade nos seus homens e monumentos : é o christianismo. Após tantos seculos , conserva Arles uma religiosa recordação de Trophimo, Cesario e Genés. O primeiro era um pobre discipulo de um armador de tendas chamado Paulo , que , da prisão onde estava encerrado na grande Roma , afrontava o poder de Nero , abalava os deuses do Capitolio em seus altares , e enviava discipulos à conquista do mundo. Coube Arles a Trophimo ; e o joven apostolo , favorecendo maravilhosamente os desigios do seu mestre , conseguiu curvar sob o imperio da cruz parte da Gallia meridional (1).

Alojados n'uma estalagem ; construida talvez sobre a basilica do foro , como parecem indicall-o duas columnas antigas collocadas na frontaria , estavamos a dois passos da bella egreja de S. Trophimo: ella recebeu a nossa primeira visita. O frontispicio , do mais puro gothico , ter-nos-hia demorado muito tempo se não estivessemos anciosos de estudar os celebres claustros encerrados na antiga casa dos conegos regulares. Estes claustros de marmore são de um trabalho exquisito. O aberto das molduras, a pureza dos recortes, o talho das abobadas, nada deixam a desejar ; as columnatas que sustentam as arcadas tomam as mais

(1) Mamachi , *Origin. et antiquit. christian.* t. II , lib. 2 , p. 266.

graciosas fôrmas e são alternativamente adornadas de folhagens ou cobertas de esculpturas sagradas. Entre tantas riquezas, admiram-se a Adoração dos Magos e a Fugida para o Egypto.

Entrando na egreja, veneramos as reliquias do apostolo d'Arles, depostas n'um magnifico altar. O glorioso discipulo de S. Paulo começa a longa cadêa dos pontifices Arlesienses da qual foi o illustre Cesario um dos mais brilhantes anueis. Admirador de Sancto Agostinho, e como elle flagello do pe-lagianismo, veio tambem a ser emulo da sua cha-ridade heroica. Em 507, depois d'um sitio obs-tinado, foi Arles de tal sorte inundada de prisio-neiros, que se encheram as egrejas delles. Ce-sario, enternecido pela sorte d'aquelles infelizes que careciam das coisas mais necessarias, esgotou para lhes dar alivio, não o seu patrimonio, que já havia muito era propriedade dos pobres, senão o thesouro da sua cathedral. Fez derreter os or-natos de prata que estavam nas grades e nos pi-lares, bem como os thuribulos, os calices e as patenas; e tudo isto é vendido e o preço empregado nas necessidades dos captivos. Aos olhos do sancto homem era este despojamento heroico uma coisa muito simples: « Nosso Senhor, dizia elle, « só tinha vasos de barro para fazer a ultima cêa; « não tenhamos escrupulo em dar estes vasos pre- « ciosos pelo resgate d'aquelles a quem elle res- « gatou com a sua propria vida. »

Ao sahir da egreja onde dilatam o coração estes bons e suaves pensamentos, facil é passar a uma atmospherá bem differente. Apenas vinte passos são dados, quando o paganismo grego e romano se levanta diante de vós no meio das suas ruinas, qual espectro manchado de sangue e de-

vassidão. Eis o theatro, com muitas columnas de marmore ainda de pé; o seu proscenio e o seu hemicyclo bem distinctos; depois o amphitheatro, maior porem menos intacto que o de Nímes, á excepção do *podium*; finalmente os Campos-Elysios, cujos sarcophagos vãos recordam tristemente que o homem nem ainda pôde prometter-se a immortalidade do tumulo. Nos confins desta planicie assolada eleva-se, rodeada de arvores verdes, a a soberba egreja da Majore, orgulho e amor dos Arlesienses: dir-se-hia um Paris no meio do deserto.

Entre as grandes memorias religiosas que recorda a antiga metropole da Gallia Narbonneza, deve-se collocar a dos quatro concilios de que ella foí testemunha. O primeiro, celebrado em 314, remonta aos primeiros dias da paz dada á Egreja, e prova quam segura de si mesma estava esta divina sociedade, para convocar os seus chefes em assemblea solemne, nos mesmos logares onde ainda fumegava o sangue dos seus martyres. A alguns passos da cidade, nas margens do Rhodano, vimos o sitio onde S. Genés soffrêra o martyrio poucos annos antes da sessão do celebre concilio. Maximiano Hercules vem a Arles, e o seu primeiro cuidado é fazer promulgar o sanguinario edicto de perseguição affixado havia pouco nas paredes de Nicomedia e barbaramente executado em toda a extensão do imperio. Genés, escrivão publico, é chamado para o transcrever. Recusa, e procura a salvação na fuga. Alcançado pelos algozes, morre; porem venceu, a sua mão não escreveu, e quinze seculos de gloria são a recompensa começada da sua nobre coragem.



7 de Novembro.

O Mar. — Nossa Senhora da Guarda. — Lazaro. —
Marselha. — O Porto. — A Estalagem do
Oriente.

A's cinco horas da manhan, dirigi-me à egreja de S. Trophimo para alli celebrar. Apenas tinha o sangue divino corrido sobre o altar do martyr, quando nos foi preciso correr á praia e tomar logar n'um navio mercante, entre os toneis, os fardos e os montoens de maçame alcatroado. Era, naquelle dia, o *Deux-Vapeurs* que descia a Marselha. A's seis horas levantou-se ancora; era vivo o frio e a atmospherá, impregnada de humidade, distillava uma chuva fina que nos penetrava até os ossos. De mais, nem camara, nem camarim para a gente se abrigar. Que prazeres havia a esperar de uma viagem começada sob taes auspicios? Comtudo os nossos receios não eram fundados; o espesso nevoeiro dissipou-se rapidamente, o céu depressa se mostrou em toda a sua pureza, e o dia poz-se magnifico. Pelas nove horas, entramos no mar, e durante algum tempo perdeu-se de vista a costa. Quando pela primeira vez se mostra a immensidade aos nossos olhos, produz na alma não sei que sobresalto cuja natureza é difficil caracterisar. Ainda que seja o maior dos monarchas, vê-se o homem reduzido ás proporçoens d'um atomo imperceptivel, perdido no infinito; o firmamento por cima da sua cabeça, o mar debaixo dos seus pés, abysmos egualmente insondaveis, que lhe fazem sentir vivamente o seu proprio nada e toda a grandeza de Deus. Para augmentar ainda pelo con-

traste a solemnidade da scena, uma companhia de andorinhas do mar seguia o navio que sulcava a planicie liquida com ligeirza e magestade. Estas aves pescadoras, do tamanho das nossas perdizes, são d'uma brancura de neve que sobresahe bem no azul das ondas; alem disto nada ha mais gracioso que o seu vôo. Alternativamente vagaroso ou rapido, obliquo ou vertical, traça nos ares uma multidão de labyrinthos, cujos sabios contornos occupam agradavelmente a vista e quebram a monotonia da viagem.

Entretanto o balanço começava a fazer-se sentir: o navio assimilhava-se a uma redouça agitada, e produzia a mesma sensação. As cabeças não tardaram a fazer-se pesadas, e os estomagos a enjoar: era chegado o momento critico. Nós mostramos firmeza; ora passeando a passo largo, no espaço livre da coberta, ora conservando-nos de pé junto da chaminé, no centro do navio onde o movimento é menos sensivel. Graças a estas precauçoens, para mim e para os meus jovens amigos não passou o caso de medo. Menos felizes eram uma senhora alleman e sua filha. Desventuradas! vimol-as empalidecer pouco a pouco, arquejar, e finalmente experimentar durante mais d'uma hora, em presença de todos, os accidentes conhecidos do enjôo. Como iam para Africa, qual terá sido a sua longa viagem de Toulon a Gigelly?

Pelas dez horas, distinguiram-se ao longe, atravez d'uma especie de nuvem diaphana, as montanhas aridas que rodeam a bahia de Marseilha. A' direita elevava-se o castello d'If, ao pé do qual fazem quarentena os navios que veem do Levante. Do mesmo lado, mas no continente,

no cimo d'um alto e agudo monte, está Nossa Senhora da Guarda, capella celebre dedicada á Estrella do mar, guardadora dos marinheiros. Como não a saudar com amor e reconhecimento? A exemplo de tantos outros, os nossos coraçoes enternecidos acharam para ella uma palavra filial; por quanto quem dirá os votos e as preces que os seculos passados viram offerecer a Maria, naquelle religioso sanctuario, pelas mães, irmans, esposas, e filhos dos nautas? Ainda hoje, Nossa Senhora da Guarda é para os Marselhezes uma piedosa romaria, á qual se sobe por um lindo passcio, assombrado por verdes arvores, coisa rara no bello paiz da Provença.

Já estavamos nas aguas da commerciante cidade. Ora, entre as innumeraveis embarçaes que as haviam sulcado desde dois ou tres mil annos; entre todas as equipagens tam differentes em religião, costumes, trajos, riquezas, interesses, desembarcadas nestas praias celebres, um pequeno vaso sem apparelhos, tripulado por uma pobre equipagem, aportando penosamente, ha dezoito seculos, ao porto da cidade phocca, foi o unico que teve o privilegio de excitar as nossas recordaçoes. Que vaso era este? d'oode vinha? que passageiros trazia a estas praias? Escutai a historia: Lazaro, resuscitado ás mesmas portas de Jerusalem, pelo Salvador, pouco tempo antes da sua paixão, veio a ser para os Judeus um testemunho tam importuno da divindade do seu libertador, que resolveram matal-o. A Providencia fez abortar o seu projecto. Depois da ascensão do Homem-Deus, foi Lazaro um dos mais eloquentes prégadores da sua doutrina, e o odio do povo deicida despertou mais implacavel que

dunca. O milagroso Apostolo, suas irmans e alguns de seus amigos, foram mettidos n'uma prisão, julgados e condemnados. Para aniquilar até a memoria do seu nome, o sanhedrim inventou um supplicio muitas vezes repetido na historia dos martyres; conduziram-os á praia do mar, e ex-
pozeram-os á mercê das ondas, n'uma embarcação meio quebrada, sem provisoens, sem vela, sem mastro nem leme. Mas aquelle pelo amor do qual elles soffriam, que sustenta os filhinhos dos corvos, e que manda como senhor aos ventos e ás tempestades, encarregou-se de ser a um tempo alimentador da equipagem e piloto do vaso. Sob a sua paternal guia, a colonia de martyres aportou felizmente ás costas da Provença, e desembarcou em Marselha, da qual foi Lazaro ao mesmo tempo o primeiro apostolo e o primeiro bispo (1).

Onze horas acabavam de soar, quando vencemos a estreita entrada do porto, tendo á direita o forte de S. Nicolau, á esquerda o de S. João com a explanada da Tourette e o Lazaretto; porem não se goza da vista do porto, encerrado no interior da cidade, senão depois de nelle se ter entrado. Apareceu-nos litteralmente como uma vasta floresta, da qual formavam as arvores e os ramos os mastros e os cabos. No dia da nossa chegada, contavam-se nelle mil e oitocentos navios de todas as naçoens. Por entre estas massas immoveis, passam rapidamente e em todos os sen-

(1) Esta bella tradição está revestida de todos os generos de provas que uma critica imparcial tem direito a exigir. Vêde os *Bollandistes*, t. V., Julii.

tidos ligeiras embarcaçoens, guarnecidas de assentos elegantes, cobertas de toldes de variadas côres, tripuladas por curiosos, ou pelos marinheiros do logar, que disputam uns com os outros em altos gritos a honra de vos receberem a bordo. Nós só tivemos o embaraço da escolha; digo mal, não nos deixaram a liberdade de escolher. Quatro ou cinco *cocheiros-d'agua*, de braços nervosos, de côr morena, nos levaram á viva força e nos collocaram na sua barca. Mediante *um franco* por cabeça, eramos depostos, alguns minutos depois, bagagens e viajantes, na alfandega. A visita teve logar *pro forma*, e dirigimo'-nos para a estalagem do Oriente.

A estalagem do Oriente! é tudo o que se pôde imaginar mais elegante, mais bem servido, e, para empregar a giria moderna, mais *confortable* e mais *fashionable* (1). Não sei quantos creados de libré estão ás vossas ordens e depois andam atraz de vós. Por isso comprehendéis que é alli que poisam todos os grandes personagens. D. Maria Christina d'Hispanha havia alli passado tres semanas, fazendo 1,700 francos de despeza por dia. Kaid-Pachá, embaixador da Porta em Londres, alli estava *comnosco*, ou para fallar menos turco, nós alli estavamos *com elle*. Duas horas depois da nossa chegada, vieram-nos rogar, o mais polidamente possivel, cedessemos os nossos quartos para a comitiva de Reschid-Pachá, embaixador ottomano em Paris. Não deve

(1) Palavras inglezas que significam, a primeira — bem accommodado, agazalhado, etc., a segunda — feito á moda, ou — da moda, etc. —
(Not. do trad.)

isto causar admiração. Nas estalagens, assim como no mundo, graças á prosperidade sempre em augmento da moral publica, todas as distincçoens de religião e de character desapparecem diante da fortuna. Já se não pergunta quanto vale um homem, porem quanto elle tem.

8 de Novembro.

Marselha. — Egrejas. — Estabelecimentos de charidade —
Anecdota, — Capuchinhos.

Ao visitar-se Marselha, observa-se com admiração que a maior parte das egrejas estão longe de corresponderem á opulencia da cidade e á piedade dos habitantes. Todavia não se póde entrar em nenhuma sem experimentar não sei que sentimento extraordinario, despertado pela recordação do heroico Belzunce, cujo nome e cujas virtudes repete a seu modo cada sanctuario. Quasi sem o saber, acha-se o estrangeiro favoravelmente disposto a favor d'uma população que assim conserva a memoria do coração; por quanto parece que o sancto bispo legára á sua querida cidade parte da sua ternura para com os desgraçados. Com effeito, aos olhos do observador christão, não é a verdadeira gloria de Marselha, o penhor mais seguro da sua felicidade, nem a sua riqueza, nem a sua actividade commercial, duplicada desde a conquista da Argelia, mas a charidade verdadeiramente christan, que acolhe e multiplica em seu seio os estabelecimentos uteis. Preservar do contagio a parte da geração que

ainda está virgem ; curar a que já recebeu o germen do mal ; combinar as duas leis do trabalho e da charidade , a fim de matar a preguiça e o egoismo : tal é , na sua mais simples expressão , o grande problema que atormenta a nossa epocha. Honra a Marselha que pede a sua solução ao christianismo , o unico economista capaz de a dar efficaz e completa ! Honra ao homem esclarecido (1) que prosegue neste nobre intuito com uma dedicação digna de todo o elogio ; oxalá tenha elle muitos imitadores em França ! A'quelle que nutre o desejo consciencioso de cicatrizar algumas das feridas da sociedade , pôdem servir de incitação e modelo as escholas de meninos e de adultos , o hospicio das orphans , a obra da juventude christian , e os penitenciarios de Marselha.

Vindo de visitar um destes preciosos estabelecimentos , atravessei as principaes ruas da rissonha cidade , e especialmente a *Cannebière* , orgulho dos Marselhezes. Se lhes fallais de Paris , unica cidade que , na sua opinião , pôde entrar em parallelo com Marselha , respondem-vos gravemente na sua linguagem meridional : *Sim, Paris é uma linda cidade , e se tivesse a Cannebière , quasi que valeria Marselha !* Comtudo esta famosa rua não tem de notavel senão a sua extrema largura. Na mesma excursão , recebi outra amostra da vaidade e exageração do Marselhez , que creio , sem offensa á historia antiga , parente muito mais chegado do Gascão que do Phoceo. Pelas differentes perguntas que lhe dirigia , percebeu o meu cocheiro que eu era estrangeiro ;

(1) O senr. abbade Fussiaux.

prometteu-se sem duvida *passar-me* algumas respostas de sua lavra. Entre outras coisas perguntei-lhe qual era a população da cidade. Os seus labios cerrados abriram-se subitamente como duas molas d'aço e me despediram a estatistica seguinte : *Um milhão e meio d'almas !!!* Estive a responder-lhe rindo ás gargalhadas, como Lafleur a seu amo : *Essa, meu senhor, é muito gorda.* Porem contive-me, e quando me senti bastante senhor de mim, disse-lhe com um ar admirado : *Nada mais?* Nunca se viu homem mais embaraçado ; apressou-se a responder-me com a ponta dos beiços : *Não, senhor ;* depois deu uma grande chicotada no cavallo e não descerrou mais os dentes.

Era eu ainda conduzido por este digno phac-tonte, quando a minha vista descauçou com felicidade sobre dois padres capuchinhos, em toda a magnificencia da sua barba e do seu traço. Ver em 1841, na terra de França, n'uma das nossas maiores cidades, capuchinhos, e capuchinhos occupados em construir uma linda egreja, o que annuncia da sua parte intenção de tomarem raiz entre nós, pareceu-me isto verdadeiramente fabuloso. Recordei-me então da predição d'um dos seus padres, que haviamos encontrado em Lucerna em 1833, e que nos dizia : « *Nós já ganhámos em França a causa da nossa barba, vereis que ganharemos um dia a do nosso habito.* » Oxalá seja elle propheta ! Este voto interessa a todos. Ainda mais pelo seu exemplo que pela sua palavra, o capuchinho, amigo do povo e pobre como elle, ensina ao desgraçado a amar, ou ao menos a supportar sem amargura as suas privações e a sua pobreza. Quem pôde dizer todas

as ambiçoens, que os humildes filhos de S Francisco hão extinguido nas classes inferiores? Depois, vós todos, que tendes alguma coisa que perder, convindes em que muitas vezes dormireis mais tranquillos nos vossos quartos doirados, se os bons padres, espalhados, como n'outro tempo, pelas nossas cidades e aldeias, ensinassem ainda aos vossos trabalhadores e lavradores, que devem amar seus amos, respeitar a propriedade d'outrem, e contentar-se com a condição que Deus lhes deu!



9 de Novembro.

Jornada de Marselha a Toulon.

A's dez horas da manhã, por um calor de junho, partimos para Toulon, em companhia d'um official superior, pertencente ao exercito d'África. O seu ar lhano e sincero, a doçura de seus olhos, a viva franqueza de suas maneiras nos preveniram desde logo em seu favor; esta primeira impressão não nos enganou. A conversação energica, variada, pitoresca deste bravo militar, velho soldado do imperio e typo do genero, não contribuiu pouco a salvar-nos da fastidiosa monotonia da jornada. Imaginai um caminho coberto de poeira, traçado em geral entre duas serras privadas de toda a vegetação, exceptuando alguns pinheiros enfezados, espalhados aqui e alli sobre alturas pedregosas, como para melhor fazerem resaltar a esteril desnudez do solo; de distancia em distancia, no fundo destas altas collinas,

algumas lingüinhas de terra plantadas de vinhas, cujas folhas murchas vinham rodoinhando fazer-se pisar debaixo das patas dos cavallos; ajuntai a isto algumas alcaparreiras encobertas por montoes de terra semelhantes a grandes fôrmas d'assucar; imaginai hem, repito, esta paizagem, e pensai que na extremidade está Toulon, a cidade dos forçados; depois defendei-vos, se poderdes, d'uma indefinivel melancolia.

Duas leguas áquem de Toulon, atravessa a estrada os desfiladeiros d'Oullioul, famosos por numerosos assassinatos. Estão contiguos á serra-nia que, abrigando esta parte da Provença contra os ventos do norte, a faz a Italia e o Portugal do reino. Por isso, não se tarda a costear soberbos jardins, os primeiros em que vimos laranjeiras ao ar livre com laranjas perfeitamente maduras. Admirar sem reserva estes bellos fructos cuja côr d'aurora sobresahe tam claramente na verde folhagem da arvore que as produz, tal foi o nosso primeiro sentimento. O segundo, devo confessal-o, era menos honroso: a caravana, sem excepção, commetteu o peccado da inveja. A não ter eu cedido um tanto ao attractivo da fructa vedada, não ousaria dizel-o; não vades porem crer que a nossa descendencia d'Eva era a causa primeira dos nossos ardentes desejos. A sêde devoradora causada pelo calor e o pó tinham nelles grande parte.

De resto, não tardamos a recobrar melhores sentimentos. O tormento que experimentavamos, fez-nos dirigir acçoens de graças mui sentidas á Providencia, que collocou nos diversos climas as fructas mais convenientes aos habitantes. Mais refrigerante e menos substancial que a maçan ou

a pera , é a laranja a fructa dos paizes quentes : podem-se comer muitas vezes e muitas sem se ficar farto. E eis que ella se offerece em abundancia ao habitante do meiodia , constantemente esquentado pelos raios d'um ardente sol , reflectidos por areias ainda mais ardentes. « Mas d'onde vem , perguntou o bravo commandante , que ao lado da laranja , do limão , da manga , da romã , etc. , produzem os paizes quentes tudo o que ha mais escandescente : a pimenta , a canella , o pimentão ? Esses fructos só deveriam encontrar-se na Sibéria. — O problema , foi-lhe respondido , não é difficil de resolver. Primeiramente vós sentis como nós , commandante , que o calor enerva , prostra e produz suores abundantes , que trazem continuo desfallecimento de forças. De mais , diminue o appetite ; e é conhecido que os povos meridionaes são geralmente mais sobrios no alimento que os habitantes do norte. Para restabelecer o equilibrio e dar actividade aos orgãos , são necessarios tonicos ; é a primeira rasão pela qual elles abundam sob as zonas tropicaes. — Mas em fim sempre esquentam ? — E' erradamente , commandante , que nós accusamos a pimenta e o pimentão de semelhante defeito. Nos paizes para que são creados , longe de esquentarem , refrescam muito mais que os nossos gelados e xaropes. — Oh ! essa é boa ! — Bem que vos pareça absurdo , é verdade. » E deram-lhe deste facto as explicaçoens conhecidas (1).

(1) Encontrei-as mais tarde nesta curiosa passagem d'uma carta escripta da India por um dos nossos missionarios francezes : « Talvez imagineis que debaixo das chammas ardentes do tro-

Cahia a noite quando entramos em Toulon. Apesar da hora avançada, foi o nosso primeiro cuidado levar as cartas que nos recommendavam ao senhor capitão de navio J. . . . Decepção! amargas penas! Este distincto official estava com uma missão nas costas da Toscana. Na sua ausencia, fomos acolhidos pela sua excellente fami-

pico, nós somos certamente devorados pela sêde? Não por certo; fóra das comidas quas nunca me acontece beber. Devemol-o em hõa parte ao nosso regimen alimentar. Então é elle muito refrigerante? me ides dizer. E' ao contrário, segundo as vossas idéas, o alimento mais irritante: o arroz que faz a parte principal delle, é sempre acompanhado d'um molho composto de pimentão, de pimenta, do tamarindo e outras especies, todas mais fortes umas que as outras. Ao principio, uma colher desta mistura queima o paladar; porem depressa a gente se habitua a ella a ponto tal, que, sem este estranho tempero, não se comeria senão com fastio, e não se faria a digestão. Aqui quando a gente se quer refrescar ou tomar uma bebida benefica, tal, por exemplo, como vós dêreis a um convalescente, bebe se uma chicara de agua na qual se faz ferver um grande punhado de pimenta. Quando eu estava em França, pensava ás vezes quando me saciava n'uma clara fonte: Se eu achasse destes mananciaes na India! Pois ainda que os encontrassemos a cada passo, não os provariamos. A agua fresca seria mortal; a boa agua, aquella que verdadeiramente mata a sêde, é a dos tanques ou dos ribeiros constantemente expostos ao ardor do sol. » (Annaes da Propagação da Fé. N.º 107, pag. 337.)

lia, com uma cordialidade que nos fez esquecer todas as fadigas da jornada. Um almoço graciosamente offerecido para o dia seguinte foi acceito com reconhecimento: ministrava-nos a preciosa occasião de fallarmos segunda vez de tudo o que nos era caro.



10 de Novembro.

Vista do Porto. — Visita ao *Océan*. — A Prisão dos Forçados. — Anecdota. — Reflexoens. — Volta a Marselha.

Na ausencia do capitão que devia pilotar-nos, recorreremos, para vérmos Toulon com interesse, ao digno commandante que haviamos encontrado na vespera, e que pousava na mesma estalagem que nós. A fim de ter entrada em todas as partes, vestiu o seu grande uniforme, e antes do meio dia estavamos na enseada. Estava o tempo excellente, e um magnifico espectáculo se desenrolava aos nossos olhos. Todo aquelle mar azul; todas aquellas embarcaçoens elegantes tam habilmente dirigidas pela eschola dos grumetes; todas aquellas poderosas machinas para a mastreação dos navios; todos aquelles forçados, com o seu sinistro vestido vermelho, fazendo mover os cabrestantes ou atravessando o golfo, acompanhados do seu *anjo-da-guarda* de carabina ao hombro; todos estes objectos, tam graves e variados, formavam em certo modo o primeiro plano do quadro. Os navios d'alto bordo, que compunham a esquadra do almirante Hugon, e que se desenhavam ao longe como massas immoveis, formavam o segundo plano.

Estavamos nós alli admirados diante daquelle magnifico panorama, quando nos veio offercer os seus serviços um barqueiro genovez, velho Esopo do mar. As suas duas gibas, os seus cabellos já grisalhos, a sua *muleta* de fraca apparencia, motivos estes que teriam feito que outros o rejeitassem, foram titulos, graças à bondade de alma do nosso commandante, para a nossa preferencia. « Contado do pobre, disse o excellente homem, tem mais precisão de ganhar dinheiro que qualquer outro. » E saltou à sua embarcação. Seguimol-o para singrar para o *Océan*, ancorado a tres quartos de legua no mar. Este gigante da mariuha franceza era commandado pelo capitão H., para o qual tinhamos uma carta. As graudes dragonas do nosso guia nos valeram a distincção lisongeira de subirmos ao navio por bombordo, isto é, pelo lado direito, onde se acha a escada d'honra.

Eu tinha ouvido dizer que em nenhuma parte se mostra o genio do homem com mais brilho do que n'um navio d'alto bordo; estava impaciente por verificar esta opinião no *Océan*. Imagina uma cidadella fluctuante que, sem outro apoio que o seu centro de gravidade, descansa sobre uma base mobil, arrosta o furor do mais formidavel dos elementos, derriba n'algumas horas as mais fortes muralhas, leva um exercito no seu ventre, e, sem embargo da sua mole prodigiosa, obedece ao homem quasi com tanta docilidade, como obedece a Deus o proprio mar. Entrando no edificio, encontrais uma especie de cathedral de giganteas proporçoens, com tres ou quatro compridas naves collocadas umas por cima das outras; em vez de janellas, cento e vinte portinholas, isto é, cento e vinte

canhoneiras onde se mostram aos vossos olhos não cento e vinte graciosas figuras de sanctos, mas cento e vinte vezes a bôcca aberta d'um enorme canhão. Em torno de vós reina perfeita ordem; no todo como nas partes, tudo se acha com um luxo de asseio, diria quasi de garridice sem equal. Todavia alli vivem mil e cem homens, desde a idade de oito a nove annos até á de trinta ou quarenta: todos obedecem ao mais pequeno signal e manobram com uma precisão que não soffre nem hesitação nem demora. A' vista de semelhante espectáculo, não vos será, penso eu, mais difficil que a mim convir em que um vaso de guerra é uma maravilha: ora tal era o *Océan*. Pilotados pelo capitão H., visitamos com admiração todas as partes do soberbo navio. Em quanto estavamos a bordo, desceu o almirante ao seu bote; a sua ausencia permittiu-nos entrar na sua habitação, e achamos que em nada ella cedia, pelo que toca a elegancia, aos quartos mais asseados das nossas grandes cidades.

O *Océan* tinha 1,080 homens de tripolação. E' muito; e sem embargo fiquei vivamente afflicto por não ver mais um; sim, faltava um homem; ai! falta a todos os outros nossos vasos: este homem que encontráis nos navios de todos os povos do mundo; este homem cuja ausencia deplo-ram as familias; este homem que os proprios marinheiros reclamam em altos gritos; este homem que o governo tanto interesse e facilidade teria em collocar nos nossos baixéis, é um capellão!... Apertou-se-me o coração, sobre tudo á vista daquelles jovens grumetes de oito a nove annos, separados de suas familias, e lançados no meio dos perigos do mar, sem soccorro religioso, nem

para a vida, nem para a morte. Pobres creanças! pobres mães! pobre sociedade!

Penetrados d'um duplo sentimento de pezar e admiração, descemos do real navio á nossa humilde barquinha. O velho Genovez teve a atenção de nos fazer passar em frente de dois vasos que os olhos não podem ver sem que se encha logo o espirito de graves pensamentos. O primeiro que vimos, tem na prôa o nome e a inscripção seguintes:

LE MUIRON.

*Esta Fragata, tomada em Veneza em 1797,
é a que trouxe Bonaparte do Egypto
em 1799.*

O segundo, muito mais pequeno, é a escuna *l'Etoile*, que transportou Napoleão da ilha d'Elba a Fréjus em 1815. Para representar as principaes vicissitudes daquella grande existencia, só faltava o *Northumberland*, no qual se verificou a viagem de Santa Helena.

Pelas tres horas da tarde, estavamos na entrada do arsenal, gloriosa fundação de Luis XIV: alli é a prisão dos forçados. Segundo o costume, foi-nos dado um *gendarme* para acompanhar-nos e servir-nos de cicerone. A prisão compõe-se de longas casas de pedra, com janellas guardadas de fortes varoens de ferro, abrindo d'uma parte sobre o vasto recinto do arsenal, da outra sobre o mar. Em todo o seu comprimento existem, a tres pés acima do chão, dois pavimentos obliquos, terminados na parte inferior por uma barra de ferro que se estende d'uma á outra extremidade:

é o leito dos condemnados. Separados de dia em quadrilhas, são os forçados sujeitos aos mais penosos trabalhos: serrar madeira ou pedra, mastrear os navios, transportar fardos, etc. A' mais pequena falta chovem-lhes nas costas as bastonadas ou as pranchadas. Se é mais grave a falta, encerram-os nas masmorras: se elles se mostram recalcitrantes, mettem-os, com dobradas cadeias, em prisões escuras, onde só teem por leito a humida lagea. Estava lá, quando passamos, o famoso *Tragine*, aquelle formidavel bandido que, disseram-nos, não suspirava pela liberdade senão para assassinar o corajoso magistrado que se havia apoderado da sua pessoa. Finalmente, quando a falta é verdadeiramente seria, um conselho de guerra maritimo julga o culpado e pronuncia sem appellação a sentença de morte, que se executa dentro em tres horas. Todos os forçados são conduzidos ao pé do cadafalso, formados em duas fileiras, com os joelhos em terra e as carapuças na mão. Na cabeceira de cada fila está uma peça d'artilheria, carregada de metralha, prompta a fazer fogo ao mais pequeno signal de revolta.

Dest'arte è a força bruta a unica lei da prisão. Não vos espanteis pois se os das galés empregam a sua actividade intellectual em buscar os meios de se evadirem; conseguem-o algumas vezes, apesar de toda a vigilancia de que são objecto dia e noite. Foi-nos referido que o conseguiriam muitas mais vezes se se não vendessem uns aos outros. Como se não existisse corrupção bastante entre aquelles entes degradados, fomenta-se, se não se estabelece entre elles, uma especie de policia secreta, ou antes de espionagem, de que são elles os agentes. Muito pouco tempo

antes da nossa chegada, haviam conseguido dois velhos septuagenarios conservar-se escondidos por espaço de quinze dias n'um canto do arsenal, á espera, no meio de todas as especies de privações, que uma noite bem escura lhes permittisse o tentarem uma evasão. Ella chegou: durante as mais densas trevas, caminham, andando com pés e mãos, até á porta da sahida. A sentinella toma-os por cães e deixa-os passar. Introduzem-se n'uma especie de locutorio, e quebram os vidros d'uma janella. Estes cahindo dão o rebate. Um dos dois é apanhado; o outro ja tinha abalado. Pela manhan, foi içada a bandeira azul: é o signal da evasão d'um forçado. Os habitantes das aldêas conhecem-o e estão precavidos. A *gendarmeria* vai fazer pesquisas em todas as direcções: raras vezes consegue o infeliz gozar por muito tempo a liberdade. E' dado um premio áquelle que reconduz o fugitivo; é de 25 francos quando se se encontra o forçado no interior do arsenal; de 50 no recinto de Toulon, e de 100 fóra da cidade. No mesmo dia da nossa chegada, os aldeãos das vizinhanças reconduziam o velho fugido havia quarenta e oito horas. Cada tentativa de evasão é seguida de um agravo de pena. « Ha seis mezes, disse-nos a pessoa que nos servia de guia, que nos chegou um condemnado por cinco annos. Tem obrado de tal sorte, que o está hoje por cento e treze annos. »

Estavamos nós a examinar por meudo o inferno da justiça humana, quando se fez ouvir grande ruido de cadêas. Eram os forçados que voltavam do trabalho. Horrendo espectáculo! não o esquecerei em toda a minha vida. Desfilaram por diante de nós, presos dois a dois, muitos

milhares de infelizes carregados de ferros. Mancebos de passo seguro, e cabeça levantada, e velhos de cabellos brancos, e de andar froixo, pela maior parte tem no rosto dois traços que se assemelham: o cynismo e a astucia. O seu vestido tem algum tanto de sinistro e ignobil. Uma alta carapuça de lac, vermelha para os condemnados por tempo, verde para os condemnados por toda a vida; uma larga vestia ou sobretudo vermelho, que desce abaixo da cinta, com mangas verdes para os reincidentes, vermelhas para os outros; finalmente, umas calças de estopa cinzenta por baixo das quaes passa uma cadêa de coisa de quinze ou vinte arrateis, atada em volta dos rins, e vindo prender-se a um anel que liga o pé por cima do tornozelo. Tal é o ignominioso traje do calceta.

Seguimos os das galés até á entrada das vastas casas que lhes servem a um tempo de dormitório e salla de comer. Quando estavam estendidos sobre a sua dura cama, um guarda-chusma passou a barra de ferro por entre os aneis das cadêas, e todo o movimento com o pé fez-se impossivel. Depois, como se não fosse isto bastante precaução e rigor, trouxeram para a porta de cada salla uma peça de artilheria carregada de metralha, com a bôcca virada para o interior da prisão. E' assim que no seculo XIX crê a sociedade dever velar pela sua propria segurança.

Longe de nós o pensamento de tomarmos aqui o papel d'accusador; porem, á vista do horrivel espectáculo, não pôde um homem deixar de perguntar a si mesmo se a sociedade actual desempenha dignamente a importante missão que lhe impõe Deus para a conservação da ordem moral.

Deter o mal no pensamento mesmo que o gera, intimidar o mau e rehabilitar o culpado: taes são os seus imprescriptiveis deveres. Examine-se a sociedade sobre estes tres artigos, e veja se não tem alguma exprobração que fazer a si propria.

Tem ella empregado todos os meios que estão em seu poder para prevenir o crime que conduz á prisão dos forçados? Não tem nunca fomentado ou tolerado as doutrinas immoraes, que, mais cedo ou mais tarde, fazem do homem um scelerado? Não tem nunca ensinado, com o seu exemplo, o desprezo da lei divina, base de todas as leis, freio de todas as propensoens e regra de todas as accoens?

Que faz ella para intimidar o mau, suspender a mão que prepara o veneno, que alia o punhal ou que accende nas trevas o facho incendiario? Certamente, mostra-lhe em perspectiva a deshonra, a cadêa e o cadafalso. Porem não lhe mostra já o remorso implacavel, rasgando-lhe o coração, envenenando-lhe os prazeres do dia e perturbando-lhe o somno das noites; nem a prisão eterna do inferno, á qual nem a fuga, nem o erro dos juizes mortaes, nem a sua fraqueza pode subtrahir o culpado. Dest'arte, deixando repetir aos homens, e isto todos os dias, em todos os tons e por numerosos órgãos, que Deus não é mais que uma palavra e o inferno uma chimera, tem a sociedade tornado impotente o seu systema de intimação.

Uma vez commettido o crime, que faz ella para lhe prevenir a repetição rehabilitando o culpado? Sabe bem que quando deixa viver o malfeitor, deve o castigo que lhe inflige ter por alvo

a expiação da falta e a emenda do culpado, aliás é immoral? O homem é abaixado ao nível do bruto; o castigo não é mais que a bastonada dada ao cão que vos mordeu; e a prisão, a jaula da hyena enfurecida. Em vez de ser uma *correção*, torna-se a pena uma vingança desprovida de moralidade, que exaspera o culpado e estabelece entre elle e a sociedade um duello de morte. Não está alli, na practica da prisão dos forçados, a theoria do código penal? E quaes são os resultados? Affirma-se que de cem forçados libertos, oitenta voltam á prisão ou sobem ao cadafalso. E' penoso confessal-o, porem concebe-se que assim deve ser: *Todo o homem infamado e não rehabilitado, será sempre um ente inutil ou perigoso.* Ora, ao ferrete civil que ao culpado imprimem os arestos da justiça, ajunta a vivenda da prisão um ferrete moral, ainda mais odioso e sobre tudo mais indelevel. *O condemnado sahe da prisão mais perverso do que entrou:* tal é a inexoravel sentença da opinião publica. Esta sentença, que a experiencia justifica, faz do *liberto* um objecto de temor e desconfiança universal. Repellido por todas as pessoas honradas, abandona-se de novo aos seus maus instinctos, torna a procurar a sociedade dos seus eguaes e torna-se com elles o flagello das nossas cidades e aldêas. A não ser que se sustente que o mau é incorrigivel, não é este resultado a condemnação sem appellação do systema penal seguido em nossos dias? Systema materialista, e por conseguinte absurdo: que, á força de humilhação e rigor, póde muito bem extinguir no homem o senso moral e embrutecer o culpado; porem corrigil-o, nunca; rehabilital-o, ainda menos. Comtudo cor-

rigir o malfetor, a fim de reabilitá-lo, tal é o dever da sociedade, e tal deve ser o alvo de toda a legislação humana, desde que deixa a vida ao criminoso.

Entre o dia em que tomei estas notas em Toulon e aquelle em que as redijo, tem-se manifestado uma feliz mudança nos espiritos acerca do systema penal. O governo parece que quer seriamente atingir o fim moralizador de que fallamos; o systema cellullar ganha credito; chama-se a religião para adoçar, sanctificando-os, os rigores da justiça. Assim, quer-se que a opinião publica modifique a severa, mas justa sentença que estereotypou contra o liberto da calceita; quer-se que este cesse de ser um objecto de repulsão. Ora, elle cessará de ser-o, quando se cessar de desprezá-lo e de temel-o, quando se souber que já não é o mesmo, que está *convertido* e que deu penhores certos disso. Tudo isto é justo, moral, digno d'uma nação civilisada; sómente diremos que cumpre ter cuidado em não destruir com uma mão o que se quer edificar com a outra; e que se importa reabilitar o criminoso, muito mais importa impedir que o homem o venha a ser. Quando pois a sociedade houver feito o que lhe é possível fazer, nos limites da sua organização e sob a influencia das circumstancias, para prevenir o mal e intimidar o mau, ella cuidará, de concerto com a religião, nos meios de reabilitar o criminoso; então o systema penal será verdadeiramente efficaz por isso que será completo e moral. Até lá, será mister contar com muitas esperanças frustradas.

Relativamente ao systema penitenciario que

se quer substituir á calceta , diremos ainda com um homem insuspeito (1): « Não olvideis que o regimen penitenciario nasceu catholico , e que não póde produzir fructos felizes senão permanecendo fiel á sua origem. » E' porque effectivamente a mudança dos coraçoes é privilegio exclusivo da religião. Se entorpecerdes a sua acção reparadora, serão vãos todos os vossos esforços. Pelo contrario , se a deixaes perfeitamente livre para instruir, consolar e curar, póde-se contar com o bom exito. E porque não mudará ella o coração dos nossos forçados das galés? .Ella mudou bem o do genero humano , desse grande forçado que se havia degradado durante dois mil annos na prisão da idolatria ! Chamai pois francamente em vossa ajuda a religião com os seus padres, com os seus irmãos, com as suas irmans, com as suas sociedades de charidade, e depressa veremos que ella tem hoje , como teve n'outr'ora , o poder de fazer das mais brutas pedras homens inoffensivos, cidadãos uteis á terra e até candidatos do Céu.

Sahindo do arsenal ás cinco horas , tornamos a partir para Marsolha na seguinte noite ; e no dia seguinte , antes do meio dia , estavamos de regresso á estalagem do Oriente.

11 de Novembro.

O resto do dia foi consagrado á nossa correspondencia , e aos nossos preparativos de viagem. Sob pena de nos desavirmos com os nossos

(1) M. Cerfbeer.

amigos, era muito necessario escrever-lhes antes de deixarmos a França. No dia seguinte, iamos dar à vela para Italia. Os nossos logares estavam arrançados no pyroscapho toscano o *Lombardo*.

12 de Novembro.

Navegação. — Inglezes. — Beliche. — Conversação.

Por um tempo magnifico deixamos, em numerosa companhia, o porto de Marselha pelo meio dia. Uma derradeira saudação foi enviada a Nossa Senhora da Guarda, cujo sanctuario domina ao longe o vasto mar que iamos percorrer. A tripolação rogou-lhe nos preservasse da *refega de vento dos mortos*, perigosa; tormenta que se faz sentir regularmente no principio de novembro, no golfo de Genova e de Lyão. Situado na pôpa do vaso, com os olhos virados para a collina sancta, sento o passageiro catholico descer-lhe à alma grande confiança. Que podemos nós temer? pergunta elle a si mesmo: acolá em cima reina uma doce virgem que tem nas suas mãos o sceptro dos mares. E, por um privilegio que so a ella pertence, esta virgem, minha mãe e irmão, tem o direito de dizer, apertando sobre seu coração a Deus e ao homem: *Meus filhos!*

Apenas afastados da costa, dirigiram-se os nossos olhares para a equipagem, e tudo nos annunciou que haviamos deixado a França. Quatro ou cinco linguas nos feriam os ouvidos com os seus sons para nós incomprehensiveis. Physionomias estranhas passavam e tornavam a passar pôr ao

pé de nós. Ao lado das caras largas e medias dos nossos marinheiros genovezes e toscanos, tostadas pelo sol, assombradas por espessa barba preta, appareciam em grande numero rostos pallidos e compridos, pela maior parte coroados de uma cabelleira de *loiro duvidoso*. Era impossivel enganar-se a gente: eram rostos inglezes. Onde se não encontram filhos e filhas d'Albion? Este povo nomada, verdadeiro judeu errante da civilização, acha-se em todas as partes. Passeios, hospedarias, monumentos, barcos a vapor, sitios pitorescos na Suissa, em França, na Italia, invado tudo, passeando por todas as partes sem aborrecimento, e semeando os seus guineos por todos os caminhos do mundo; em tanto que os seus artistas morrem de fome á porta das suas fabricas fechadas, ou no limiar dos seus castellos solitarios.

Até às cinco horas, fez-se a viagem às mil maravilhas. Neste momento bom numero de passageiros começaram a sentir os primeiros ataques do enjão. Mais feliz eu, não passou para mim a coisa de uma indisposição geral que não trouxe consigo os accidentes conhecidos. Entretanto que a maior parte dos meus companheiros de viagem representavam gratuitamente na coberta a scena tragi-comica, recitava eu tranquillamente o meu breviario no beliche que nos estava destinado, e cuja descripção talvez não careça de interesse. Em volta da grande camara, toda brilhante de espelhos e embutidos de madeira roxa, haviam caixilhos de corrediças, servindo de portas aos beliches, ou quartinhos de dormir; sete pés d'altura, cinco e meio de comprimento, tres de largura, eis as dimensoens geometricas de cada quar-

to. Se vos dissessem : N'este pequeno espaço , devem caber rigorosamente uma cadeira , tres leitos , tres malas , tres homens , aos quaes deixareis um corredor , como resolverieis o problema ? Para poupar-vos o trabalho de adivinhardes a coisa , o que poderia ser um pouco longo , vou explicar-vol-a. Na parte exterior do beliche estão fixas tres pranchas de pé e meio de largura , e collocadas umas por cima das outras a dois pés pouco mais ou menos de distancia ; cada prancha tem em cima um colchão de duas pollegadas de espessura , coberto com um lençol e terminado por um pequeno travesseiro , ao qual se pôde comparar , em quanto á molleza , a pedra nua sobre que Jacob repoisou a cabeça no deserto. A' cabeceira do primeiro leito , elevado um pé do soa-lho , està a cadeira que serve de escabello para subir aos leitos superiores. As malas estão no fundo do corredor que , deduzindo a medida dos leitos , conserva uma largura de quarenta e cinco centimetros. Em quanto ás janellas , é mister estar-se deitado para as ver. Então , ao lado da vossa cabeça , se abre uma portinhola que vos proporciona o triple gosto de respirardes a brisa refrescante , de verdes a vaga que bate os costados do navio , e , se fordes atacado do enjão , de vos alliviardes sem incommodar a vizinhança. Este quarto em miniatura não carece de elegancia ; porem de commodidade , isso é outra questão. De resto , para que se ha-de a gente lamentar disso ? Tanto no mar como na terra , tanto nos dias da nossa brilhante civilisação , como nos tempos mais simples dos patriarchas , não é sempre o homem um peregrino , e não é bom que elle se recorde disso ? E depois , exercite-

mos o nosso corpo no trabalho, sejamos sobrios, tenhamos tranquilla a consciencia, e o somno virá visitar-nos sobre a maca, balouçada pelas ondas, talvez mais seguramente que nos macios leitos de nossos quartos doirados.

Por isso, não obstante a vaga que vinha quebrar se aos nossos ouvidos, bastaram poucos instantes para adormecermos profundamente. Pelas quatro horas da manhã, percebi pelo balanço do navio que estava o mar fortemente agitado; subi á coberta, para gozar aquelle espectaculo tam grave em si mesmo, e para mim tam novo. Brilhavam as estrellas no firmamento, e profundo silencio reinava entre a equipagem: os passageiros dormiam; só o piloto velava ao leme, com os olhos fitos na bussola; ao pé da prôa estavam assentados dois personagens, que pela lingua reconheci serem hespanhoes. Era um religioso jeronymo, ancião veneravel pelos seus cabellos brancos, pelo seu trajo antigo, pela sua bella barba que lhe descia ao peito, e sobre tudo pela tranquillidade e dignidade do seu nobre rosto; o outro era um militar moço, de cabello preto, olhos vivos, modos sacudidos, e fallar apressado: ambos, desterrados da patria, iam esperar dias melhores 'a Roma, asylo de todos os infortunios. A conversação, tomando successivamente o character de cada interlocutor, era alternativamente grave e animada. « E' injustamente, dizia o ancião ao seu joven amigo, que murmuraes contra a Providencia. Bem sei que o seu proceder é para vós um mysterio; porem deveis saber que os successos politicos de que somos victimas, as desordens apparentes que vos indignam nas obras do Creador, não são mais que doceis agentes da sua

infallivel sabedoria. Tinha eu a vossa idade, quando parti para o Mexico. Antes de me embarcar, nunca tinha visto o Oceano, os navios, os marinheiros e as suas manobras seão nos meus livros. Levantou-se ancoraçã ao cahir da noite. Immediatamente, eis todos os homens da equipagem n'um perpetuo movimento; as suas operaçoens, tam variadas e extraordinarias; o proprio navio que ia ora para a direita ora para a esquerda, segundo a impulsão d'uma força que me era desconhecida; todo este espectáculo de que eu nada comprehendia, me causou um assombro e um susto verdadeiramente risiveis. Muito peor foi quando ao apontar o dia, fomos acommettidos por uma tormenta. O navio, batido pelas ondas e levantado pelas vagas, cambaleava como um homem embriagado, e cahia ora sobre o costado, ora sobre a quilha; julguei-me morto. As manobras da equipagem, que devêram dar-me alguma confiança, acabavam de me desesperar; via todos aquelles homens indo e vindo como maniacos: desciam uns ao porão, trepavam outros aos cabos, punham-se escarranchados nas vergas, levantavam, abaixavam, viravam as velas em todos os sentidos; aquelles fechavam as escotilhas, tapavam as portinholas; estes trabalhavam á bomba, e tudo isto se fazia no meio d'uma continua troca de gritos, palavras, signaes, de que eu nada comprehendia: julguei ver a imagem do caos; a meus olhos a equipagem perdêra a cabeça e obrava completamente ao acaso.

« Tremulo e perturbado, desci machinalmente á camara do piloto; alli, encontrei um velho de cabeça calva, e physionomia meditativa; estava só, recolhido e pensativo, com a mão en-

costada ao leme, e os olhos fitos n'uma carta marítima: ora o via eu medir com o quadrante a altura do sol, e marcar com precisão os graus do meridiano; ora examinar na bussola o desvio polar. Em toda a volta da sua camara, via eu suspensos astrolábios, rélogios marítimos e telescópios; notei que elle se servia de todas estas coisas, cujo uso eu ignorava, para a direcção do navio; notei tambem que do seu camarim elle enviava todas as ordens á equipagem, que as recebia com respeitoso silencio e corria a executal-as. Compreendi então que todas as operaçoens inintelligiveis para mim, que se executavam nas diversas partes da embarcação, eram preparadas, ordenadas e calculadas com sabedoria para a salvação do navio. Nem por isso eu as comprehendia melhor. Todavia, a alta idéa que tinha da sciencia e habilidade do piloto, bastou para me tranquillisar completamente, até ao cabo da nossa navegação.

« Mancebo, é o mundo um oceano, a sociedade um navio que Deus conduz; os homens, as suas paixoens, as creaturas, os successos diversos, são os cabos, os mastros, as velas, as ancoras, os astrolábios e os marinheiros da Providencia. Vós nada comprehendeis da acção combinada de todos estes instrumentos, e tremeis, e clamais! Meu amigo, fazei como eu; entrai na camara do piloto. Em vendo a sabedoria infinita, com a mão sobre o leme, com os olhos fitos no alvo, e o universo inteiro submettido ás suas leis, dissipar-se-hão os vossos sustos, córareis dos vossos murmurios, e o vosso coração repousará docemente na confiança e na paz. »

O moço militar levantou os olhos ao céu, in-

clinou a cabeça e aproximou dos lábios a mão do ancião, a qual molhou com lagrimas; depois calou-se e embrulhou-se no capote. Esta conversação, de que eu não podéra colher senão o fim, impressionou-me tam vivamente, que fiquei por ella preocupado durante o resto da viagem.

13 de Novembro.

Cozinha italiana. — Vista interior de Genova. — Influencia franceza. — Espirito religioso. — Anecdota.

Eram onze horas da manhã, e o sol brilhava com todo o seu fulgor, quando saudamos Genova, *a soberba*. Vista da banda do mar, offerece esta cidade de marmore um aspecto magnifico. Assentada sobre um plano inclinado, a segunda rainha da idade media, a patria de Colombo, banha os seus dois pés no mar e apoia graciosamente a cabeça em montes cobertos de aprazivel verdura, e coroados de importantes fortificaçoens. Antes de transpor o espaço em que se pagam direitos maritimos, lançou-se ancora; eis que vem immediatamente uma frota completa de embarcaçoens ligeiras, destinadas a transportar os viajantes ao escriptorio da policia. Na praia, ao pé daquelle antro de Pluto, antro estreito, escuro e defumado, esperam-vos nuvens de harpias e abutres chamados *fracchini*, que saltam na vossa barca, apoderam-se das vossas coizas, e vão lançal-as aos pés do argos de uniforme, que, é mister dizel o em seu louvor,

revolve desapiadadamente a vossa bagagem, sem pedir retribuição alguma. Concluída a sua visita, precipitam-se de novo os mariolas sobre as vossas malas e sobre os vossos alforges, e, mediante dinheiro de contado, as levam ás estalagens da sua escolha. A esta turba, ajuntai os creados de casas de pasto, os rapazes de estalagens, os ciceroni, os calceiros que disputam uns com os outros as vossas pessoas e a honra de vos servirem, e tudo isto ao mesmo tempo, e n'uma linguagem que não é a de nenhum povo civilizado. E' d'a gente não saber para onde se hade virar, e o infeliz viajante deixa-se levar. Precedidos, seguidos, cercados por não sei quantas destas figuras inhumanas, chegamos á *Estalagem dos estrangeiros*.

Não tínhamos comido havia coisa de vinte e quatro horas: o ar do mar faz appetite, e nós tínhamos pressa de tomarmos conhecimento com a cozinha genoveza. A nossa primeira sessão gastronomica em paiz estrangeiro merece uma menção, se não honrosa, pelo menos circumstanciada. No centro de uma grande sala quadrada, nua, cinzenta, guardada d'um velho armario, elevava-se uma meza coberta com um tapete de lan vermelha, azul e amarella, sobre a qual estava uma toalha branca outr'ora, ornada de tres ovos frescos, ou suppostos taes, de dez pães da grossura d'uma pollegada, e de quatro pequenos vasos de vidro que nós tomamos por saleiros. A' vista desta estranha cobertura, conhecemos que decididamente havíamos passado as raias da Gallia Transalpina: acabaram de nos annunciar que estavamos em paiz estrangeiro a natureza dos pratos e a sua preparação. Um dos nossos jovens

amigos, inimigo jurado do assucar de canna ou de beterraba, toma com a ponta da faca um pouco daquelle pó branco contido nos vasos de vidro, deita-o no ovo, crendo lançar-lhe sal, e come avidamente. De repente uma careta modelo, acompanhada de um riso homerico, trahe um engano: o sal era assucar.

A experiencia serviu-nos, porem não corrigiu o nosso esfomeado. Acabavam de trazer n'um grande prato cinco ou seis legumes, cuja duvidosa physionomia os fez confundir com rabanos. Francisco pegou no maior, no qual enterrou sufregamente os incisivos; desgraçado! havia mordido n'um *peperone*, especie de malagueta ou pimentão que queima o paladar. A bôcca abriu-se-lhe até ás orelhas, e os labios e a lingua, como tres molas que se desarmam ao mesmo tempo, fizeram á maldita planta a despedida, se não a mais polida, pelo menos a mais prompta que imaginar-se pôde. Contavamos, para nos indemnizarmos, com uma sopa que em bom italiano haviamos pedido, porem cuja natureza não indicaramos. Eis pois que vem com grande cerimonia uma travessa, cheia de *maccaroni*, todos impregnados de manteiga quente, e de dimensão tal, que poderiamos comel-os d'um andar para o outro: julgue-se qual foi o nosso desalento. Por ultimo serviram uma pescada cozida; para lhe temperar a insipidez, era acompanhada d'um limão endurecido, do qual não fizera a melhor prensa hydraulica sair uma só gota de sumo. Tal foi, com péras *calçoens da Suissa*, a nossa primeira comida na terra estrangeira. Como todas as outras, tem tambem a medalha das viagens seu reverso.

A belleza de Genova fez-nos esquecer a sua

má cozinha. A *via novissima*, calçada ou melhor assoalhada de largas lageas dispostas em rabo d'aguia, guarnecida de largos passeios e aformoseada por magníficos palácios, justifica o que se disse de Genova, que parece haver sido edificada por um congresso de reis. No frontispício de diferentes egrejas vêdes suspensos muitos anneis das correntes que fechavam a porta de Pisa, e que os Genovezes conseguiram quebrar durante a noite. Estão alli como tropheus daquella gloriosa victoria, e como uma homenagem prestada pelos vencedores ao Deus das batalhas. O marinheiro-seralheiro que descobriu o segredo de despedaçar o obstaculo está em grande estima na sua patria. Hora ao povo fiel ao reconhecimento! A recordação, os louvores e as recompensas nacionaes, estimulam as bellas acçoens, e entre as naçoens christans a religião immortaliza-as consagrando-as. Segundo o costume a um tempo tocante e sublime, todos os annos, ha tantos seculos, reúne-se a população genoveza no tumulto do humilde marinheiro, e diz-se uma missa pelo repouso da sua alma.

Percorrendo os diversos bairros da cidade, no meio de uma numerosa turba de passeadores elegantes, e de trens soberbos, duas coisas impressionam os estrangeiros: a influencia do espirito francez, e a presença do espirito religioso. As nossas modas reinam soberanas sobre as classes elevadas da sociedade císalpina. Não fiquei mediocremente admirado de encontrar os nossos *janotas*, de pera, cabello comprido, calças de puchadeiras, cigarro na bôcca, vestidos segundo o talho e as côres do ultimo gosto parisiense. Ouvia fallar francez medianamente: lia a

nossa lingua nas taboletas das lojas ; isto enchia-me d'orgulho e dizia comigo muito baixinho : Ai ! porque se deve temer que os nossos caros vizinhos nos imitem em tudo ? Porque se deve recear para elles a invasão do espirito francez ? Imitai as nossas modas , estudai a nossa lingua , nada melhor ; guardai-vos porem de accetar as nossas doutrinas senão a beneficio de inventario ; aliás ellas derramariam o veneno nas vossas entranhas. A vossa sociedade , em summa , tam feliz e pacifica , breve seria victima de horriveis convulsões ; e quem sabe se a não arruinaria uma crise ? Quantas vezes esta primeira observação , estes votos , estes temores , se renovaram no decurso da minha viagem !

A presença do espirito religioso no seio desta activa população revelava-se de muitas maneiras. Todos aquelles moços elegantes de que fallei , passeavam e conversavam familiarmente com ecclesiasticos , a quem davam o braço. Esta feliz fusão do clero e do povo , causou-me uma mui doce commoção. Aparecia-me a sociedade no seu estado normal , ao passo que até então não a tinha visto senão n'um estado violento e valetudinario : o sacerdote d'um lado , o leigo do outro ; entre elles um abysmo.

Não só se não teme o contacto do sacerdote ; mas cada familia se honra de contar entre os seus membros um ministro dos altares. Dest'arte , a religião occupa na estima geral o elevado grau que lhe compete , e são os seus interesses os de todos ; e para todos são sagrados. Uma circumstancia particular testificou , durante a nossa demora , esta preciosa disposição. O rei da Sardenha , que se mostra cheio de benevolencia para

com os Genovezes, acabava de ordenar grandes trabalhos de aformoseamento no caes: deve um soberbo portico estender-se pelas praias do mar, e servir de passeio e d'armazens: ora, o plano traçado pelos architectos supprimia diversas *madonas* em que tinham os Genovezes desde tempo immemorial grande confiança. Este projecto havia posto em agitação toda a cidade; tinham-se reunido os principaes habitantes, e o negocio havia sido submettido ao proprio rei, que então se achava em Genova. Contra o voto dos architectos, ordenou este principe que fossem respeitadas as *madonas*: « Jamais permittirei, ajuntou, que se sacrifique uma idéa religiosa a uma linha recta » Conheceis alguma coisa mais real que estas palavras?



11 de Novembro.

S. Lourenço. — O Sacro Catino. — O Disco. — Villa Negroni. — Palacio ducal e Sarra. — Costumes italianos. — A refega de vento dos mortos.

Era domingo: dirigimo'-nos pela manhan cêdo á cathedral, onde eu desejava celebrar os santos mysterios. O frontispicio e o côro, de esmerado trabalho, são de marmore branco e preto; por cima da porta principal está um baixo relevo que representa o martyrio de S. Lourenço. E' uma eloquente prédica, para o sacerdote que vem oferecer o augusto sacrificio, e para o fiel que vem assistir a elle; dezeseis columnas de ordem com-

posita, de marmore branco e preto de Paros, ornava a grande nave. São os olhos deslumbrados pelas riquezas de todo o genero que decoram as differentes partes deste magestoso edificio; porem veio um espectaculo mais agradavel chamar-me a attenção: uma numerosa turba de homens e mulheres de todas as classes orava ajoelhada e recolhida na nave e nas capellas, rodeava a meza sancta ou se apertava junto dos tribunaes sagrados. Entrando na sacristia, apresentei a minha *pagella* (1), e foi-me graciosamente concedida a permissão de dizer missa.

No thesoiro de S. Lourenço conservam-se dois dos mais preciosos monumentos que se conhecem; é o primeiro o vaso de esmeralda conhecido em toda a christandade debaixo do nome de *sacro catino*, achado na tomada de Cesarea na Palestina. Pretende uma veneravel tradição que este vaso serviu a Nosso Senhor para comer o cordeiro pascal com seus discipulos. O tamanho deste vaso é de quarenta centimetros, e o seu ambito tem pouco mais d'um metro; é de forma hexagona e ornado de duas azas, uma das quaes está polida e a outra esboçada. E' o segundo um prato de agata, com a representação da cabeça de S. João Baptista. Faz-se sentir uma viva commoção, quando ao contemplal-o se pensa que é o mesmo prato em que foi levada á impudica Herodiades a cabeça do sancto Precursor. A fim de alimentar na mulher os dois sentimentos de humildade e reconhecimento, não se esquece o christianismo, que tem feito tudo por ella, de

(1) E' o nome dado em Italia ás Letras episcopaes que auctorisam o padre a dizer missa.

lhe recordar de vez em quando as suas iniquidades; assim é que em castigo do crime de Herodiades, é a capella de S. João Baptista, em S. Lourenço de Genova, defendida a todas as pessoas do sexo feminino.

Antes de voltarmos á estalagem, visitamos a *Villa negroni*, duas vezes interessante pela sua posição que permite gozar o panorama de Genova, e pela sua collecção d'antiquidades, cujas honras faz aos estrangeiros o proprietario em pessoa. Todavia esta villa, rogo-vos não o esqueças, só offerece um interesse mui secundario. O palacio ducal, antiga residencia dos doges, com as suas graves recordaçoes, com a sua fachada ornada de cornijas e balaustradas de marmore, com as suas grandes abobadas e com o seu telhado sem vigamento nem ferragem; o palacio Sarra, na *via nuova*, com o seu salão, um dos mais bellos que ha na Italia por a elegancia das proporçoes, a riqueza dos seus ornatos, o seu pavimento de mosaico e as suas portas chapadas de lapis-lazzuli, nos tornaram a chamar ao meio do mundo e nelle nos detiveram até ao meio dia.

Pela uma hora admiravamos, na igreja de *Santo Ambrosio*, a *Circumcisão de Nosso Senhor*, de Rubens, e a *Assumpção da Santa Virgem*, do Guido; por ultimo *Sancto Ignacio* libertando um possesso e resuscitando creanças: bella e forte composição de Rubens. Seria extenso e talvez enfadonho, passar revista a todós os quadros notaveis que decoram as differentes igrejas de Genova. A' vista das multiplicadas obras do genio moderno, comprehende o viajante que entrou no paiz das artes, e começa o observador os estu-

dos que devem formar o seu juizo acerca do espirito e dos elleitos da *renascença*; pode tambem colligir diversos pormenores acerca dos costumes, diversamente apreciados, das populaçoens italia-
nas.

Neste intuito dirigimo'-nos á bella egreja da *Annunziata*, onde reside um religioso francez. O padre G, homem d'idade madura, dotado de notavel talento d'observação, estabelecido em Genova havia doze annos e occupadissimo no ministerio das almas, estava nas mais favoraveis condiçoens para nos instruir. Ora, das suas conversaçõens intimas resulta para nós que, debaixo do ponto de vista moral, é a Italia, considerada *nas mussas, salvas algumas differenças, a idade media no decimo-nono seculo*. Alli, encontram-se ainda em todo o seu vigor, os dois principios que desde a queda original se combatem no seio da humanidade. A victoria pertence ora a um, ora a outro; porem no meio das ruinas da virtude, fica a fé ordinariamente em pé. Ora, esta fé salutar cura cedo ou tarde as feridas do coração, e torna a pôr as armas nas mãos do vencido, quasi sempre victorioso no ultimo combate. Em quanto ás *classes elevadas*, soffrem ellas mais ou menos a influencia que alem dos montes se chama as idéas francezas. Provas de todo o genero se accumulam em apoio desta dupla observação; e devo dizer que se encontram nos differentes pontos da Italia, desde Genova até Napoles.

Quarenta e oito horas apenas haviam decorrido desde a nossa partida de França, e parecia-nos, escutando os pormenores fornecidos pelo 'excellente religioso, ter retrogradado cinco seculos e achar-nos no tempo dos Paulos de Laraza

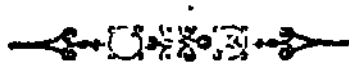
e dos Guilhermes d'Aquitania. Passeavamos com elle na vasta sachristia que separa do convento a egreja: « Observai, nos dizia, esta porta furtada que dá para a ruasinha; todos os dias está aberta até ás dez horas da noite. Quando é noite fechada, os numerosos confessionarios que aqui vêdes, estão occupados pelos nossos Padres: os homens vem aqui ter connosco. Acreditariais que nos chegam ás vezes facinorosos, perseguidos pelo remorso, e cuja cabeça está a preço? Durante as trevas, descem das montanhas, e veem procurar aqui algumas consolaçoens! Só Deus sabe todas as desordens que nós impedimos e que fazemos reparar. Como a nossa casa, estão os conventos dos Capuchinhos abertos todas as noites; e os bons padres vos dirão, assim como eu, que então se verificam no sancto tribunal ineffaveis mysterios de arrependimento e misericordia.» Eis justamente o homem com suas duas tendencias: d'uma parte as viciosas propensoens que lhe veem do primeiro Adão; e da outra a força de resistencia depositada na sua alma pela graça do segundo Adão. Ora, em quanto ha lucta, a acção do christianismo faz-se sentir, vive a fê e a esperanza subsiste. Porem os italianos commettem o mal, dizeis vós! — Ah! sob que clima são impeccaveis os filhos d'Eva? Peccava-se na idade media, peccava-se até nos primeiros seculos da Egreja, mas em geral não se podia viver com o remorso. Tal é ainda, salvas as excepçoens, o povo da Peninsula. — Arrepende-se, confessa-se, ajuntais, depois torna a cahir! — Nos paizes em que não se arrependem, onde se não confessam, estão os homens confirmados na graça? vivem como anjos? morrem como sanctos?

Mais tarde, estudaremos certas estatísticas e saberemos a que ater-nos.

No fim da nossa conversação fez-se ouvir um grande barulho n'uma escada visinha. « Eis, diz o Padre, os nossos mancebos que chegam: são horas do sermão dominical. » E com effeito, a flor da juventude, formada em associação pia, reúne-se todos os domingos para occupar-se em sanctas practicas, exercitar-se na charidade e collocar sob as duas egidas da oração e da palavra divina a mais delicada das virtudes. Depois de nos termos despedido do nosso amavel compatriota, que devia presidir em pessoa á interessante assemblea, voltamos á estalagem; eram quatro horas.

A reunião dos jovens Genovezes recordava-nos outra mui chara ao nosso coração e que se celebrava, em França, no mesmo momento. O pensamento de que nella se orava pelos viajantes veio-nos como um doce perfume. E quem sabe? á piedosa recordação daquellas almas fervorosas, deviamos nós talvez o acharmo'-nos ao abrigo da horrivel tempestade que agitava á nossa vista o golfo de Genova. Do balcão da estalagem, abraçavamos com a vista a ampla extensão das ondas. Estava o tempo frio, o vento violento e coberto o horisonte de escuras nuvens. Succediam-se os relampagos com rapidez, e o rolar do trovão, repetido pelos eccos das montanhas, se prolongava em rebombos magestosos, que iam expirar no profundo valle da Polcevera. Bramia o mar ao longe, e a vaga, que vinha quebrar-se com violencia d'encontro aos rochedos, saltava, escumando, a mais de vinte e cinco pès acima do molhe. Os navios agitados inclinavam os mastros em todos

os sentidos ; todos os marinheiros estavam a bordo, ferrando as velas, lançando novas ancoras, e fechando as escotilhas ; uma turba inquieta se apertava no caes : *A refega de vento dos mortos* passava. Durou a tormenta mais de duas horas ; porem graças á actividade das tripulaçoens, não houve sinistro algum que deplorar. Felizes por havermos desembarcado em Genova, tínhamos podido gozar sem perigo o espectáculo formidavel da tempestade ; ao passo que os passageiros que, na vespora, haviam continuado a viagem no *Lombardo*, foram retidos no mar por espaço de seis dias, expostos a perecerem.



15 de Novembro.

Hospital geral. — Quarto de Santa Catherina de Genova. — Egreja de Santa Maria di Carignano. — Partida de Genova. — Novi.

Assim como em todas as grandes cidades, encontram-se em Genova muitos pobres. A miseria destes contrasta penosamente com a extrema opulencia dos ricos. As fortunas de cem mil francos de renda não são raras na patria dos Doria's. Vem esta riqueza, em geral, do antigo commercio da republica, e ainda do commercio moderno : os Genovezes encontram-se ainda com seus navios em todas as escalas do Levante. Mas em Genova, bem como nas cidades catholicas, esforça-se a charidade por encher a distancia que separa os dois extremos, de modo que a abundancia d'uns suppre a indigencia dos outros.

A's dez horas, entravamos nós no hospital geral, magnifico edificio que pôde justamente chamar-se o *palacio real da Charidade*. Não sei se pôde ver-se alguma coisa mais respeitavel; a grande escadaria, as balaustradas, o pavimento das salas immensas, tudo é de marmore branco de Carrara, de um grão fino e de uma pureza sobremaneira notavel. Alli são tractados, sustentados, velados de noite e de dia por *anjos* idos de França, muitos milhares de doentes, desde o berço até á sepultura. No meio da sala principal está um quarto envidraçado, habitação do *bom Padre*. Digno filho de S. Francisco, velho de barba branca, está elle alli, de noite e de dia, como a sentinella no seu posto, lendo, escrevendo, rezando, prompto sempre a receber e consolar aquelles que *entram e sahem deste reino das dôres*. O hospital educa, á sua custa, mil raparigas expostas. Até á idade de doze annos, são postas na aldea: acabado este termo, se as mães não ficam com ellas, entram no *albergo* dos pobres onde passam algum tempo, e depois voltam ao hospital geral que se encarrega dellas pelo resto de sua vida. Unica capaz de conceber o bem em tam vasta escala, acha a charidade em seus inesgotaveis recursos o meio de o executar. E' o hospital geral sustentado pelos legados dos nobres Genovezes; cada bemfeitor é alli representado d'uma maneira differente conforme a grandeza das suas dadivas. Menos de cem mil francos dão direito a uma inscripção; para ter uma estatua em pé, é mister haver dado pelo menos cem mil francos; para estar assentado, mais de cem mil.

Esta comprida fileira de estatuas de marmore

branco, collocadas em nichos feitos por sobre as camas dos doentes, não produz sómente um agradável golpe de vista; mas desperta ainda na alma um sentimento delicioso. Collocava o paganismo as estatuas dos seus grandes homens nas thermas e nos amphitheatros, para presidirem ao prazer e á crueldade; o christianismo colloca as imagens dos seus no asylo da pobreza e da dor. Por ventura não è uma idéa encantadora o aproximar dest'arte a riqueza que protege e dá, da pobreza que recebe e bemdiz! Como ella traduz bem as palavras tam eminentemente sociaes do divino legislador: *Vós sois todos irmãos: reconhecer-se-ha que sois meus filhos se vos amardes uns aos outros!*

Não fallo do asseio que reina neste bello estabelecimento, que é exquisito; mas não admira, quando se viram os nossos hospitaes de França. Eramos conduzidos pela superiora, digna filha de S. Vicente de Paulo, que nos mostrou successivamente a botica, a rouparia, as salas, com a mesma graça e felicidade com que a dama do mundo faz as honras do seu salão. « Agora vou mostrar-vos, nos disse ella, o nosso thesouro; é o quarto e o corpo de Santa Catherina de Genova. » Seguindo-a entramos com respeito n'uma estreita cella, calçada de tijolos, alumada por uma janellinha, e cujas paredes denegridas estão cobertas de pinturas de fresco, representando as diversas scenas da Paixão. Com olhos avidos contempla o viajante christão todas as partes deste pobre retiro, e não pôde o homem do mundo deixar de exclamar: « Que! pois é alli que viveu por espaço de trinta annos uma nobre dozella, nascida nos degraus do throno, e que

ontava na sua liohagem todas as glorias humanas: vigarios perpetuos do imperio na Italia, generacs celebres, diversos cardeaes e dois papas, Innocencio IV e Adriano VI. E' alli que, ao pé d'um crucifixo, ella descansava á noite das fadigas do dia, e nutria aquelle activo zelo cujos milagres foram tam numerosos durante a terrivel peste de 1497! E' alli, finalmente, que morreu, inundada de castas delicias, a heroína da charidade! » Deve a gente admirar-se de que um sanctuario, cheio de similhantes recordaçoes, seja um *thesouro* para as Filhas de S. Vicente de Paulo? Do quarto da santa, passamos á egreja. O seu corpo, preservado da corrupção do tumulo, repousa n'um magnifico relicario, collocado no altar mor.

Não foram os exemplos de Santa Catherina perdidos para a sua patria. Alem do hospital, possui Genova um asylo justamente afamado pela sua magnificencia, sob o nome d'*Albergo de' Poveri*. Este estabelecimento, cuja fundação remonta a 1539, é uma officina de trabalho livre, que reúne cerca de 2,000 indigentes validos: 500 homens e 1,500 mulheres. Os pobres que carecem d'obra tem sempre a certeza de a acharem no *Albergo*. Empregam-os em tecer lan, algodão, fio de canhamo, e em fabricar tapetes, meias, fitas de sêda, etc. A casa fornece os objectos necessarios para o seu proprio consumo, e para o dos hospitaes e hospicios, parte dos objectos fabricados; tem aberto um armazem para vender os seus productos. A organização, o asseio, a ordem, o espirito deste precioso estabelecimento offerecem assumpto a uteis estudos e um bello modelo que imitar. As rendas montam a 300,000

libras, mais de metade das quaes provem de legados pios (1).

Do *Albergo* subimos á cupula de Santa Maria *di Carignano*, para gozarmos o panorama de Genova. Aos raios do sol, que brilhava com todo o seu fulgor, sob um céu sem nuvens, ostentava a soberba cidade ante nós os seus encantos e a sua magnificencia. Os seus grandes edificios e os seus palacios de marmore resplandeciam como um rio de diamantes na cabeça de uma mulher: segundo o testemunho de todo o mundo, é este um dos mais bellos golpes de vista que desejar-se pode. Os paineis e as estatuas que ornam a egreja, chamaram depois a nossa attenção. Nos quatro pilares que sustentam a cupula, estão quatro estatuas de marmore branco, de uns doze pés d'altura. As de S. Sebastião e do bemaventurado Alexandre *Pauli*, são do celebre *Puget*: a primeira passa por uma obra-prima.

O museu de Genova offereceu-nos uma prôa de galera romana, diz-se que a unica que existe.

Como haviamos resolvido visitar rapidamente o centro da Italia, antes de chegarmos a Roma, tomamos, pela tarde, o caminho d'Alexandria. Entranha-se elle no fertil valle da *Polcevera*, deixando á esquerda, da banda do mar, a villa de San-Remo, habitada pela familia Bresca, da qual fallarei mais adiante. Quatro horas são sufficientes para se chegar a Novi, pequena cidade celebre no commercio pelas suas sêdas brancas, e nos nossos fastos militares pela batalha onde pereceu,

(1) Veja-se M. de Gérando, *Tractado de Benef.*, t. III, pag. 516 — 539.

no anno VII da Republica, o moço e valente general Joubert.

16 de Novembro.

Alexandria. — Uma Irman parda. — Recordação. — Campo de batalha de Marengo. — Voghera. — O Rizotto alla Milanese. — Encontro d'um Padre Capuchinho.

Reinava o mais profundo silencio em Alexandria quando lá chegamos ; eram tres horas da manhã. Nada se parece mais com um vasto cemiterio do que uma cidade adormecida. Havia algum tanto de solemne naquelle socego absoluto, que era apenas perturbado pelos passos da sentinella que velava na muralha, ou pelo ruido da porta rodando pesadamente sobre os gonzos para deixar-nos passar. Esperando o dia e a carruagem de Turin que devia conduzir-nos a Placença, pernoitamos, segundo o costume, no escriptorio das diligencias. No meio do aposento estava um fogão, que os que primeiro se apearam se apresaram a tomar debaixo da sua mui immediata protecção. Mais tímida, uma religiosa, vinda de Genova comnosco, mas n'um compartimento differente, occupava um canto da salla. O seu traço, que me não era desconhecido, excitava-me vivamente a curiosidade ; aproximei-me e arrisquei-me a dizer-lhe em italiano : — « Senhora, se estivessemos em França, diria : Eis uma *Irman parda*. — E não vos enganariéis, responde-me ella em mui bom francez. — Como vos encontráis n'um paiz que não è o vosso ? Ella me disse sorria-

do-se : — As Irmãs da charidade são de todos os paizes. — Todavia, como vos achais aqui? — Pela vontade de Deus. » De subito recordei-me da historia do estabelecimento Bisontino das Irmãs pardas. Pronunciei o nome da madre Th..., e ficamos muito conhecidos.

Como Francez e do Franco-Condado, sube, com o mais vivo interesse, que o ramo separado da arvore tam vivaz da ordem de S. Vicente, havia lançado novos raminhos; que as Irmãs pardas estavam espalhadas na Saboia, no Piemonte, no Montferrat, no ducado de Modena, em Napoles, na Calabria; que ellas estavam encarregadas do hospital maritimo de Genova. Esta boa religiosa ia para Vercell, a fim de alli desempenhar uma das numerosas funcçoens do seu Instituto. O cuidado dos doentes e a educação dos filhos do povo formam, em França, as duas tarefas das Irmãs de S. Vicente; na Italia, juntam-lhes a limpeza das salas d'asylo e a instrucção das meninas. Este ultimo ministerio é-lhes commum com as Claras e Ursulinas. Destas tres ordens reunidas, recebe a classe abastada uma educação simples, mas solida. N'um paiz em que todos são artistas, sabem todavia encerrar-se em justos limites, e antepor o principal ao accessorio. A loucura da musica e das artes de divertimento ainda não passou os Alpes; Deus queira que nunca os transponha !..... a não ser para nos deixar.

Havia-se a conversação prolongado mais de uma hora, quando ao som d'uma sineta, que tocava a *Ave Marias*, levantou-se a irman e sahio. Tudo dormia ainda; porem já os anjos da charidade e da oração haviam começado o seu sancto e util dia.

Eu sahi pela minha vez e visitei parte da cidade. A' excepção do Palacio Real, das egrejas de Santo Alexandre, de S. Lourenço e da camara municipal, nada offerece notavel a antiga *Alexandria stelliatorum*. Sem embargo, ao percorrer aquellas ruas, aquella praça d'armas, aonde chegava, ao toque de caixa, parte da guarnição, uma bem cara recordação me fazia tomar interesse pelas coisas mais communs. « Em 1811, dizia eu comigo, estava aqui, nesta cidade então franceza, um irmão muito amado: elle viu estes mesmos palacios, percorreu estas mesmas ruas, protegeu estas mesmas muralhas. Onde está elle? onde estão esses numerosos companheiros d'armas, velhas glorias de um imperio que já não existe? Vejo muitas bandeiras e uniformes; oiço o som do tambor, porem nada de tudo isto é francez. » A longa successão dos acontecimentos, desenrolado-se com rapidez, abria vasto campo ás reflexões; porem foi mister terminar naquelle ponto: era dado o signal da partida.

Pelas oito horas da manhã, deixamos Alexandria. Passeando a vista pela extensa planicie que rodea a cidade, comprehende-se que os soberanos alliados mandassem arrasar os immensos trabalhos executados pelos Francezes. Aquella formidavel cerca de fossos e muralhas fazia d'Alexandria o baluarte da França pelo lado da Italia, e uma das praças mais fortes da Europa. Passado o Tanaro, achamo'-nos, em alguns instantes, nas margens escarpadas do Bormida, cujo nome apparece muitas vezes nos nossos fastos militares. Transpondo esta especie de torrente de largo alveo e bordas escarpadas, uma grande recordação nos preoccupava. De repente faz o conductor

parar os cavallos, e nos brada: « Eis o campo de batalha do Marengo! » A estas palavras, pozemo'-nos em pé; pulsava-nos com força o coração; e abarcavamos com a vista o theatro do memorando combate que veio mudar a face da Europa, illustrar o consulado e preparar o imperio:

Não pôde a gente deixar, ainda que não seja da profissão, de admirar o genio do grande capitão que ganhou a victoria. Era impossivel calcular com mais precisão e pôr mais completamente da sua parte as alternativas favoraveis do tempo e do logar. Que exercito de pensamentos, de recordaçoes, de reflexoes, de liçoens, se alça ante vós quando atravessais este campo de batalha! Eu passei-lhe rapidamente revista; e depois, com o coração commovido, recitei, por todo aquelle povo de mortos, um fervoroso *De profundis*: é esta a flor que o christão deposita ao passar no tumulo de seus irmãos.

Entretanto podemos ver a elevação coberta de vinhas, onde succumbiu o bravo Desaix no seu triumpho; depois a planura d'onde Kallermann arremessou a gallope a sua numerosa cavalleria contra as columnas austriacas, que conseguiu abalar e desbaratar. Dois rasgos que pintam bem o caracter francez, me vieram então á memoria. O general Bessières, á testa dos granadeiros e dos caçadores da guarda consular, avançava sobre o inimigo; os ferros dos Francezes e dos Austriacos iam cruzar-se, quando um cavalleiro hungaro, que acabava de ser deitado por terra, estendeu as mãos para os nossos bravos, supplicando-lhes não o calcassem debaixo das patas dos seus cavallos. Bessières vê-o: *Meus amigos*, brada elle, *abri as vossas fileiras, poupemos este desgraçado.*

Na maior força do combate, foi levada ao tenente d'artilheria Conrad uma perna por uma bala de canhão; logo que cahiu, levanta-se para observar o tiro da sua bateria. Os artilheiros querem levá-lo; elle oppõe-se a isso: *Servi a vossa batteria, lhes diz elle, e tende o cuidado de fazer a pontaria um pouco mais baixa.*

A planicie de Marengo, e de toda a Lombardia não é bella, como se disse, senão para batalhas. Não tem bosques, nem vergeis, nem sebes vivas, e tem poucas vínhas; porem, de todos os lados, campos a perder de vista, que se prolongam até Stradella, villota á entrada do ducado de Parma. Antes de alli chegar, passa-se por Voghera, ultima cidade do reino da Sardenha. O estado maior do exercito francez havia alli jantado na vespora da batalha de Marengo. Posto não tivessemos que dar batalha, quizemos imitar este *nobre* exemplo. A' vista de Napoleão e dos seus generaes, cujos retratos ornavam uma vasta sala de comer, pozemo'-nos á meza em companhia d'alguns Lombardos vindos dos Appenninos. Começamos por tomar conhecimento com uma iguaria do paiz, que, creio firmemente, não póde deixar de ser o resultado de um congresso ecuménico de alchimistas, boticarios e envenenadores. Arroz cozido, queijo, aletria, trufas piemontezas cortadas em taíhadas delgadas como folhas de tabaco, aromaticas como cravo da India, azeite, sal e açafão em abundancia; tal é a infernal composição que nos serviram em guisa de sopa. Vou dizer-vos o seu nome, para que, se algum dia, passando por Voghera, vos ouvirdes ameaçar com esta medicina, não percais um minuto sem mandardes pôr os vossos cavalloos á car-

ruagem e partirdes a gallope. Esta *minestra* chama-se *Rizotto alla milanese*. De resto, tranquillisaí-vos, que este prato não será perdido: delle fazem os Lombardos as suas delicias, podemol-o affirmar.

Terminado o jantar, continuamos a nossa jornada atravez destes campos da Italia, todos cheios de recordaçõens francezas. Conquistada pelos soldados de Brenno, a Gallia cisalpina tornou a ver muitas vezes os filhos dos antigos Francos. Não ha um oiteirinho, não ha uma sarça, não ha uma torrente, não ha uma aldêa desta terra tam justamente chamada por Montaigne o *divertimento dos reis e a sepultura do nossos exercitos*, que não lembre algum feito d'armas, algum nome famoso nos nossos annaes militares. E comtudo, nunca alli podemos estabelecer solidamente a nossa dominação! hoje mesmo não possuimos alli uma pollegada de terreno; isto, não obstante as sympathias das populaçoens que foram sempre por nós e não pela Austria. Este facto extraordinario procede sem duvida de communiidade de origem; porem não parece indicar elle á França que é chamada a reinar sobre a Italia d'outro modo que não pelas armas? Torne-se ella francamente catholica, e depressa terá reconquistado na Italia, assim como no Oriente, assim como em todas as partes, o imperio mais honroso, o imperio moral. Tal é, não esqueçamos, o glorioso privilegio que o Principe das naçoens parece haver reservado à filha primogenita da sua Igreja.

Continuavam as *recordaçõens militares* a occupar os nossos espiritos, quando veio um encontro imprevisto chamar-nos a outra ordem de

idêas. Na encosta d'uma pequena collina assombrada por olmos e amoreiras, vimos, descendo uma estreita senda, um religioso de S. Francisco. Pela sua veste de burel côr de castanha, pela sua comprida barba grisalha, pela sua cabeça rapada, pelas suas pernas nuas, reconhecemos logo nelle um capuchinho. O humilde padre caminhava silencioso e recolhido. Com uma mão sustentava o alforge que lhe pesava sobre as costas já curvadas, e com a outra apoiava-se n'um ramo d'arvore em guisa de bordão. Pobre voluntario, vinha elle de pedir esmolas a seus irmãos, os pobres habitantes dos campos. Não havia embalde pedido, que o seu fardo o annunciava. E em troca do pão que tinha recebido, havia elle dado, só com a sua presença, um salutar exemplo, algumas boas palavras à familia, algumas consolaçoens aos doentes, e alguns affagos às eriancinhas. Tocante commercio, em que recebe aquelle que parece despojar-se, mais do que dá; deliciosa harmonia, em que se prestam o homem do trabalho e o homem da oração mutuo soccorro para chegarem ao mesmo termo. Vivas recordaçõens dos seculos de fé, santas visoens d'outra idade, como sois doces para o coração christão! Entretanto, apesar da rapidez da nossa marcha, aproximava-se a noite: era fechada quando chegamos a *Stradella*.

17 de Novembro.

Aventura de Stradella. — A Alfandega. — Passagem do Trebia. — Inscriçoens. — Placença. — Aspecto da cidade. — Recordaçõens. — Hospital.

Avia-se convencionado que dormiriamos a

16 em Placença. Porem veio o conductor annunciar-nos que a allandega, cuja visita deviamos soffrer, antes de passarmos o Trebia, se fechava ás cinco horas da tarde, e que assim se tornava impossivel a passagem naquelle dia; e que se nos obstinássemos, o menor inconveniente era passarmos toda a noite na estrada real. Força nos foi achar boas as suas razoes. Sômente nos promettemos supplicar humildemente a S. M. I. Maria Luisa, hoje duqueza de Parma e Placença, tivesse por bem ordenar aos seus aduaneiros se deitassem um pouco mais tarde.

Apeando no *Real Albergo*, de Stradella, pedimos ao môrdomo que nos acordasse ás quatro horas da madrugada, a fim de partirmos ás cinco. Exacto como o soldado da ronda, o camareiro entrava no quarto dos meus dois jovens amigos, à hora indicada. Disseram-lhe que me levasse luz ao aposento visinho; porem a ordem não foi comprehendida, pois o velho servo não entendia uma só palavra de francez. D'aqui proveio grande embaraço de parte a parte. Henrique poz-se a gritar: *Porta*, palavra que quer dizer egualmente *porta* e *traz*. O Italiano apressa-se a satisfazer o supposto desejo do meu joven amigo e apresenta-lhe a primeira coisa que encontra à mão: era a bacia de mãos. Francisco, do seu lado, riundo-se ás gargalhadas, grita com mais força: *Porta, porta*. O Italiano redobra em zelo, e *traz* as calças e as botas. O pobre homem esmera-se, e crendo ter adivinhado, *traz* o movel indispensavel d'um quarto de dormir: então é que foi arrebentar com riso. Posto que desconcertado, o *camareiro* participa da hilaridade dos meus amigos, e, andando em volta do quarto, vai pro-

curando por todas as partes o que podem pedir-lhe, e repetindo a cada passo: *Ma che diavolo?* Ia toda a mobilia passar-lhe pelas mãos, quando ouviu rir no aposento visinho: *Capito! Capito!* exclama, comprehendi, comprehendi; depois abre-me a porta, e accende-me a vela repetindo com um ar meio enfadado, meio risouho: *Ma che diavolo!*

Ainda nos divertia esta pequena repetição da Torre de Babel, quando tocamos nas fronteiras do ducado de Parma. Por espaço de cinco quartos d'hora, esperamos na estrada, tiritando de frio, que aprouvesse aos senhores aduaneiros cumprirem o seu dever. A visita durou, o muito, o tempo que eu gasto em escrever; porque foi a coisa mais simples do mundo. Um velho aduaneiro aproximou-se de nós, e estendendo de debaixo do seu capote pardo, debruado de verde, uma mão magra, armada de cinco dedos manhosos, disse-nos a meia voz: *Signori*; comprehendemos. A *buona mancia* cahiu no recipiente, maravilhosamente prompto a fechar-se, e tudo ficou concluido. Um instante depois, estavam na carroagem, brancos como neve e fazendo muitas reflexoens a respeito do que acabava de ter lugar.

Pelas nove horas, avistaram-se as margens famosas do Trebia. Torrente melhor que rio, corre o Trebia, como o Bormida, n'um leito de seixos, cuja extrema largura nos fez comprehender que formidavel obstaculo pode apresentar a um exercito, no momento das cheias. Annibal, que haviamos encontrado nas bordas do Rhodano, appareceu-nos aqui com os seus elefantes, e as suas tropas africanas, hespanholas e gaulezas. O

consul Sempronio, com os seus Romanos, mostrava-se na margem opposta. Um pouco mais, e teriamos ouvido o tinido das armas, tam exaltada se achava a nossa imaginação classica. Porém o ecco repete um outro ruido apenas expirante, que é o da artilheria alleman e franceza, que ha pouco abalou aquelles logares e aquellas aguas tantas vezes tingidas com sangue humano. N'aquelle mesmo terreno, onde, dois mil annos antes, haviam sido os Romanos vencidos pelos Carthaginezes, deu Macdonald, a 19 de junho de 1799, ao formidavel Sawarow, o sanguinolento combate que durou tres dias. D'uma e outra parte, queimaram-se cinco milhoens de cartuchos e dispararam-se setenta mil tiros de canhão; quinze mil homens pereceram, e os exercitos dormiram no campo da batalha.

Em breve chegamos á magnifica ponte construida por Maria Luisa. Mesmo defronte da columna que està no meio, transcrevemos a inscripção *soffrivelmente austriaca* que consagra todas as recordaçoes militares, de que acabo de fallar :

MARIA LUDOVICA

IMP. FRANCISCI I CAES. FILIA

ARCHIDUX AUSTRIÆ

DUX PARV. PLAC. VAST.

TREBIÆ

QUAM ANNIBAL AN. U. C. DXXXV

LICTENSTEINUS AN. CHR. M. DCCXXXVI

SOWAROFIUS ET MELAS AN. CHR. M. DCCXCIX

BELLO VICTORES

ILLUSTRABERUNT ;

PRINCEPS BENEFICENTISSIMA
FACTA PONTIS COMMODITATE
GLORIAM FELICIOREM

ADJUNXIT.

ANNO M. DCCCXX (1).

Um pouco mais adiante, nos limites sangrentos de todos aquelles campos de batalha, lêmos uma inscripção de bem differente genero. Na frontaria d'uma graciosa casinha, caiada de fresco, via-se uma madona, aos pés da qual estavam ajoelhados dois peregrinos. Por baixo desta linda pintura estavam escriptas as seguintes palavras, que pareciam dirigirem-se a nós:

*Figli d'Eva che per le vie andate
Di salutar Maria non vi scordate (2).*

E' a Italia, por excellencia, o paiz da devoção para com a santa Virgem. A sua doce imagem apparece em todas as partes aos olhos do

(1) Eis aqui a sua traducção literal: « Maria Luisa, filha do imperador-cesar Francisco I, archiduqueza d'Austria, duqueza de Parma, de Placença, ao vasto Trebia que Annibal no anno de Roma 535, Lichtenstein no anno de J. C. 1746, Sowarow e Melas no anno de J. C. 1799, illustraram com suas victorias; esta princeza benefica ajuntou uma gloria mais feliz com a construcção de uma ponte, no anno de 1820. »

(2) Filhos d'Eva que andaes pelos caminhos, não vos esqueçais de saudar a Maria.

viajante ; e o pobre peregrino da vida é incessantemente advertido, de que ao atravessar o valle de lagrimas tem no céu uma mãe que vela por elle.

Entramos em Placenza pelas dez horas da manhã. Muros, casas, palacios, egrejas, é tudo de tijolo; as ruas são largas, compridas e pouco frequentadas: isto é bastante para dizer quam triste e severo é o aspecto geral daquella grande cidade. Orphan da sua gloria e da sua numerosa população, nunca mais Placenza se resarcio do espantoso saque que lhe fez soffrer, em 1448, o terrivel Francisco Sforce. As egrejas, sobrecarregadas de ornatos, nada offerecem notavel, à excepção da cathedral, bella construcção gothica do XIII seculo. A cupula é ornada de pinturas mui estimadas, de Guerchin e Luis Carrache (1). No exterior da torre, vê-se a famosa gaiola de ferro em que, diz-se, foram encerradas, para alli as deixarem morrer, algumas das mais illustres victimas das numerosas revoluçoens italianas. Placenza traz á memoria do viajante christão a lembrança de dois concilios memoraveis. O primeiro, celebrado pelo papa Urbano II, em 1095, annullou o casamento que Philippe 1.º, rei de França, havia contrahido com Bertrade, depois de ter repudiado Bertha, filha do conde d' Hollanda; o segundo, celebrado por Innocencio II, em 1132, condemnou o anti-papa Anacleto.

A esterilidade das nossas primeiras excursões foi compensada por uma visita que aconselho a todos os viajantes; é a inspecção minui-

(1) Nascido o primeiro em Cento, em 1590; o segundo em Bolonha, em 1555.

ciosa do hospital geral. Como em Genova, encontramos nelle as filhas de S. Vicente de Paulo. Chamadas por Maria Luisa, não estavam lá senão desde o mez de julho. Sem embargo tudo havia mudado de face naquelle bello estabelecimento, onde reinava, antes da chegada dellas, uma ladroeira odiosa e uma indizivel porcaria. Com as boas irmans, cessaram todos os abusos. Por isso a administração lhes deixa plena liberdade de obra-rem e regularem todas as miudezas como bem lhes parece. Recordei-me de ter visto a mesma coisa em Lucerna e Neufchatel. Que humilhante contraste para os homens que governam a França! Mexeriqueira, minuciosa, desconfiada, a nossa *burocracia* (1) conserva as irmans n'um odioso estado de suspeição e constrangimento, ao passo que a Italia e Suissa, ainda mesmo protestante, ditosas por se descarregarem nas possas hospitaleiras do cuidado dos pobres e dos doentes, concedem-lhes illimitada confiança. O simples bom senso lhes diz assàs que as filhas de S. Vicente, feitas mães pela charidade, não dissiparão o patrimonio de seus filhos adoptivos.

A superiora, que pareceu encantada de ver compatriotas, conduziu-nos a todas as partes. Disse-nos com um accento de felicidade: « Aqui a roda não está supprimida. As nossas meninas são enviadas para a aldêa até á idade de doze annos. Se voltam ao hospital, tem a liberdade

(1) Não temos em portuguez palavra, por que se traduza a franceza *bureaucratie*; quer dizer — indevida influencia dos officiaes das repartiçoens do governo em alguma coisa.

de ficarem nelle toda a vida, a menos que não preferam casar ou irem servir. Neste ultimo caso, o amo obriga-se, por um instrumento publico, a encarregar-se dellas o resto da vida, ou a não as pôr senão em casas que effereçam todas as garantias desejaveis. ». Deve-se convir em que similhante systema atinge maravilhosamente o alvo da charidade. Segura ao mesmo tempo a vida physica, a educação christan e a sorte da orphan até ao fim dos seus dias. Em França, a charidade, debaixo deste ponto de vista, é incompleta. Abandonada a primeira vez ao nascer, a menina é-o de novo ao sahir do hospicio: a adopção social cessa nesse momento. Entrando no mundo sem protecção, permanece nelle com perigo, e, demasiadas vezes, afflictivas desordens vem inutilisar os custosos cuidados prodigalizados á sua infancia. Não se gabe pois demasiado a nossa philantropia: que ha mais d'uma lacuna em suas theorias, e todo o bem que ella faz, fel-o a charidade antes della e melhor que ella.



18 de Novembro.

Borgo San-Donino. — Casa di Lavoro. — Ponte do Taro. —
Damas do Sagrado Coração. — Estudos clericas. —
Vista de Parma.

A's sete horas da manhan, por um tempo frio e brumoso, tomavamos o caminho de Parma em companhia de quatro italianos. Depois de se terem atravessado vastas planicies; cuja monotonia por nenhuma irregularidade de terreno é cor-

tada, chega-se promptamente a Borgo San Donnino. Esta pequena cidade, elegantemente edificada, forma com o seu termo o quarto bispado dos Estados de Parma. A vista do seu hospital fez cahir o discurso sobre os estabelecimentos de charidade. Disseram-nos que havia em Parma, como em Genova, uma officina publica, onde os pobres validos iam trabalhar á vontade. Fazer ganhar a vida ao homem que a pode ganhar, e áquelle que é incapaz disso soccorrel-o em domicilio, é resolver o difficil problema de conciliar a lei do trabalho e da charidade. A officina italiana não tem o character dos nossos depositos; não priva o pobre do unico bem que lhe resta, a liberdade; e, todavia, atinge o fim que nós procuramos: a extincção da mendicidade. Teremos occasião de tornar a fallar sobre este estabelecimento.

A alguma distancia de Parma passa-se o Taro, por uma ponte que só tem de notavel o seu comprimento: é de quinhentos metros. Chegando á capital da nossa antiga imperatriz, sabe o viajante francez com felicidade que conta aqui nobres compatriotas, e uma das suas primeiras visitas foi ás *Damas do Sagrado Coração*. Mestras da classe pobre e da elevada, dão a uma e outra uma educação eminentemente christã; de mais, as suas pensionistas recebem uma instrução inteiramente franceza. Para lhes ensinarem a nossa lingua, unica que ellas estudam com o italiano, nas aulas falla-se o francez. Deste modo, graças a Maria Luisa, é o nosso nome ben-dicto em Parma e Placença, onde a nossa influencia se faz sentir em todas as edades e condições. Se a França quizesse recordar-se da sua missão providencial, e, cordialmente submet-

tida à Igreja, de quem é a filha primogenita, pozesse os seus cuidados e a sua gloria em propagar as idéas de sua mãe; o imperio dos povos lhe pertenceria e não lhe seria contestado. Vêde o que fazem em proveito do nosso nome as *Damas do Sagrado Coração* na Italia, as nossas *Irmãs de S. Vicente* no mesmo paiz, assim como no Oriente e na Africa. Que faria se a sua acção salutar fosse coadjuvada por aquelles que estão encarregados de velar pelos destinos do reino christianissimo? Que faria, sobre tudo, se, ao lado dos ensinamentos vivificantes e dos maternaes cuidados das nossas religiosas, não vissem os povos estrangeiros sahir de França outras doutrinas, que o instincto da conservação os obriga a rejeitar com toda a sua energia? Vergonha eterna áquelles que fizeram que as nações proscressem o pensamento francez, e alistaram na propaganda da impiedade o povo missionario da charidade e da fé.

A superiora do *Sagrado Coração* teve a bondade de nos fazer visitar a sua casa, e de nos relacionar com o capellão, joven sacerdote que me pareceu reunir ás maneiras mais delicadas um juizo recto e um espirito cultivado. Disse-me elle que a organização dos estudos ecclesiasticos é em Parma o que é em Genova e quasi toda a Italia. O grande e o pequeno seminario não formam senão um estabelecimento; e as condições rigorosamente exigidas para as ordens são o exame e o retiro de dez dias.

A hora avançada apenas nos permittiu lançassemos um rapido volver d'olhos sobre o todo da cidade. Situada n'uma vasta planicie, é Parma muito mais animada, e como costumamos dizer,

não sei porque, muito mais viva do que Placença: vel-a-hemos amanhã.



19 de Novembro.

Cathedral de Parma: — Baptisterio. — Museu. — Galeria. — Bibliotheca. — Interior da cidade. — Egreja de S. Quentino.

A temperatura, que, na vespera, era assás fria para conservar uma ligeira camada de neve nas planicies do Parmesado, havia-se suavizado. Não havia geada sobre as arvores, nem nevoeiros na atmosphera; mas um brilhante sol no horizonte, um ar tepido e quasi quente, finalmente um bello dia d'Italia que nós começamos pela visita do *Duomo* ou da cathedral. É um vasto edificio de estylo gothico, cujas partes não carecem nem de delicadeza, nem de elegancia, mas cujo todo é um tanto carregado. A cupula é sobre tudo notavel pela sua elevação e pelas pinturas de que é ornada. Estas pinturas passam pela melhor obra de Corregio (1), e representam a *Assumpção da Santa Virgem no meio dos anjos*. Ao entrar na egreja vê-se á direita, no fundo de uma capella lateral, o monumento, de bem fraca apparencia, consagrado á memoria de Petrarcha: sabe-se que o celebre poeta foi por muito tempo arcediago de Parma. Não me demorarei a descrever, nem a julgar os numerosos paineis que guarnecem o sombrio *duomo*, assim como a brilhante egreja dos Benedictinos.

(1) Nascido em Correggio, em 1494.

Esta profusão de quadros, estatuas e doirados espalhados por todas as egrejas d'Italia, dá margem a uma observação que não deve escapar ao viajante attento. Mais que nenhum outro, parece o povo italiano ter precisão das artes para se elevar á meditação das coisas espirituaes. Tirai-lhe a sua musica, a sua pintura, a sua escultura, as suas festas religiosas, o luxo dos seus templos, e este povo cahirá perpetuamente no sensualismo; a vivacidade do seu sangue, a mobilidade do seu character, o calor do seu temperamento, o ardor da sua imaginação, a suavidade um tanto froixa e as graças effeminadas da lingua que falla, os encantos e a riqueza do paiz que habita, a belleza do céu sob que respira, não deixam, sobre este particular, duvida alguma ao observador reflexivo. Que no meio dos povos do Norte revista a religião formas severas, concebo; porem concebo tambem que na Italia, e em todas as naçoens meridionaes, deva ella cercar-se de harmonia, ornar-se de graças e performar-se de incenso: e fal-o. E eis um novo aspecto sob o qual ella se mostra verdadeiramente catholica. Admiravel instincto que nenhuma seita estranha possuiu nunca! Só a verdadeira Igreja pôde, sem nem comprometter a sua existencia, nem a sua dignidade, nem a sua santa auctoridade, pôr-se em harmonia com o character, os costumes e as precisoens dos habitantes de todos os climas; n'uma palavra, fazer-se toda para todos, para os ganhar a todos para o espiritualismo, para Deus, para a virtude, para o céu.

A visita das egrejas de Parma conduz a outra observação cujo motivo se reproduz por todas

as partes na Italia. Por baixo da taboa do altar, sustentada por quatro columnas, repouza o caixilho que contem as reliquias dos martyres. Ficase vivamente commovido com este uso invariavel que suscita a recordação triste e gloriosa das catacumbas e perpetua em favor das ultimas geraoens catholicas um grande mysterio e uma sublime lição.

Da cathedral passamos ao *Baptisterio*, que só é separado della pela largura d'uma rua. Est'outro monumento da nossa veneranda antiguidade, é um edificio gothico, de forma octogona, cujas partes todas, convergendo para o mesmo centro, vos dão uma cupula de maravilhosa elevação. E' todo de marmore veronez e data de 1196. Em torno da vasta cupula ha galerias, d'onde podiam os numerosos assistentes gozar as magnificas ceremonias do baptismo solemne. Todo o circuito é ornado de pinturas antigas; as mais salientes são: *Santo Octavio cahindo do cavallo* e o *Baptismo de Constantino*. O meio do Baptisterio é occupado pela grande pia á qual se desciam os cathecumenos; é octogona e d'um só pedaço de marmore vermelho. No centro da vasta bacia, abre-se o espaço quadrangular, onde se collocava o bispo com os seus ajudantes para effectuar as duas ceremonias da immersão e da unção. Que de recordaçoens, que de impressoens á vista de todas aquellas coisas tantas vezes veneraveis! Transportando-se o pensamento áquellas noites brilhantes e solemnes em que o Baptisterio estava illuminado por milhares de tochas, vê-se nas galerias aquelle povo de christãos, que assistiam á renascença d'outro povo; ao pé da ampla bacia, o pontifice com os seus ricos ornamentos, seguido

d'uma tribu de levitas; depois aquelles numerosos cathecumenos, com seus vestidos brancos e seus cirios na mão: ouve-se o cantico dos canticos santos, as oraçoens e as palavras sacramentaes, e associa-se a gente a todos aqualles mysterios de amor e felicidade, com uma embriaguez deliciosa, que bem pôde o coração sentir, mas que a penna, ainda menos que a bôca, não traduzirá jamais.

Posto que a disciplina da Egreja haja mudado, não se abandonou o verdadeiro Baptisterio. Junto da bacia antiga está collocada a pia sagrada, de modo que todas as creanças da cidade de Parma vão beber a vida divina ao mesmo logar onde seus pais a recebiam. Por cima da pia actual lêdes a simples e sublime inscripção seguinte:

*Hic renascimur
Ad immortalitatem (1).*

Ainda todos embalsamados dos religiosos perfumes do Baptisterio, entramos n'um palacio onde se respira uma atmospherá mui differente. A *Pilotta*, ou palacio Farnese, encerra o museu, a academia e a bibliotheca. No museu, aliás riquissimo, dirigiu-se a nossa attenção quasi exclusivamente para a famosa *Taboa Trajana*, cuja historia è esta. Não longe de Parma estava *Velleja*, pequena cidade que se tornou, pelas numerosas antiguidades encontradas nas suas ruinas, a Pompeia da Italia central. No seculo passado, quatro aldeoens cavavam naquelle fertil campo. Acharam

(1) « E' aqui que renascemos para a immortalidade. »

a taboa de que fallamos, quebraram-a em quatro pedaços e a venderam a um fundidor de sinos. A destruição total deste curioso monumento ia consummar-se, quando um antiquario a comprou, uniu os pedaços e a mandou collocar no museu. Sabe-se que os Romanos gravavam as suas leis em taboas de bronze, a fim, sem duvida, de assegurarem a inteireza do texto, de mostrarem a duração e talvez o inflexivel rigor delle. Ora, a taboa trajana reúne todas estas condiçoens. E' uma comprida e larga chapa de bronze, coberta de caracteres gravados ou abertos ao buril. A lei cujo teor ella apresenta é um contracto hypothecario sobre os fundos de Velleja, debaixo da garantia imperial de Trajano. Os doadores hypothecam uma somma de 10,040 sestercios para o sustento das creanças pobres, legitimas ou illegitimas. E' um documento precioso para a historia da administração romana (1). Ao pé desta taboa está outra igualmente de bronze, e de maior antiguidade. E' a quarta folha d'um *senatus-consulto* que regulava os interesses da Gallia Cisalpina, cem annos antes de Jesus Christo.

Depois de termos dado os nossos *agradecimentos* ao cicerone do museu, entramos na academia, guiados por um novo demonstrador. As duas estatuas collossaes de *Hercules* e *Baccho*, de basaltes ou granito egypcio, feriram desde logo os nossos olhares, mas não os occuparam inteiramente; ellas contam tantos objectos d'arte, que é necessario *ver* sem as *olhar*. De um trabalho e de uma conservação notaveis, estas estatuas fo-

(1) Veja-se o que dissemos na nossa *Historia da Familia*.

ram achadas nas ruínas do palacio de Nero, e coviadas por Paulo III, da familia Farnese, a Parma, sua patria. Mas o que absorveu a nossa attenção foi o *S. Jeronimo do deserto*, obra-prima de Corregio. O santo doutor está em pé, e tem na mão um rolo meio desdobrado contendo parte das suas obras; diante d'elle um anjinho apresenta a outra parte ao menino Jesus. O Salvador, assentado nos joelhos da Santa Virgem, estende a mão para receber as obras do santo anachoreta. Abaixo da santa Virgem está ajoelhada santa Magdalena, olhando o que se passa; atraz, na borda do quadro, um anjinho aproxima ao nariz o vaso dos perfumes do illustre penitente. Não sei se é possível imaginar alguma coisa mais doce, graciosa, natural e acabada que todas as figuras tomadas cada uma em particular. Consideradas nas suas relações; formam um todo cheio de encanto e harmonia: ficaes enlevado, commovido, faltam-vos as palavras, só podeis admirar. A impressão tam viva e socegada que produziu em nós a vista daquella obra-prima christã, revela uma verdade que convem exprimir muito alto: *A fé que inspira o artista dá áquelle que o não é o sentimento do bello.*

Na bibliotheca, mui numerosa e mui bem arranjada, examinamos, com avida curiosidade, as *Horas* de Henrique II, rei de França, com o seu crescente e a divisa, que estaria melhor collocada em outra parte, de Diana de Poitiers: *Donec totum impleat orbem*; o *Coran* de Kara-Mustapha, encontrado na sua tenda depois do levantamento do cerco de Vienna; um *Psalterio* em hebreu, contendo notas interlineares da mão de Lutero: o pai da reforma escrevia mui pouco legivelmente.

Depois de termos visitado, em todas as suas partes, a morada da familia Farnese, orphan hoje de seus illustres donos, passamos e tornamos a passar pelo pateo do palacio silencioso, habitado por Maria Luisa. De Paris a Parma, das Tulherias ao palacio ducal, que distancia! Que nova prova da instabilidade das coisas humanas! Foi o resto do dia empregado em percorrer a cidade em todos os seus bairros. Ora a patria de *Cassio* e de *Macrobio* nada offerece que se não encontre nas nossas cidades modernas. Deve-se exceptuar um spectaculo que interessa vivamente o viajante christão, porque é uma manifestação publica da piedade dos Parmesanos. No centro da cidade eleva-se uma bonita egreginha, cujo frontispicio e cujas paredes são guarnecidas de braçoens e de marmorez funebres; esta egreja é dedicada a *S. Quentino*. Os emblemas da morte estão assim collocados para recordar aos que passam aquelles que já não existem e convidal-os a rogárem por elles. Depois d'um tempo determinado, novos emblemas succedem aos primeiros; de modo que a egreja está sempre coberta delles, *tam prompta è a morte em encher os seus logares!* Mas a charidade dos habitantes não para aqui. Todos os dias o sangue redemptor é publicamente offerecido a favor de todas as almas que soffrem. No correr do anno, cada freguezia da cidade se dirige a *S. Quentino*, onde celebra uma novena de missas e de oraçoens solemnes pelos defunctos que lhe pertencem. Este uso tocante, que a França deve invejar à Italia, não é digno de elogios somente por ser muito religioso, mas ainda por ser muito social: tudo o que favorece a piedade para com os mortos é eminentemente util aos vivos.

20 de Novembro.

Partida de Parma. — Aduaneiro. — Reggio. — Modena. — Muratori. — Tiraboschi. — Triumvirato. — Bologna. — Santa Virgem. — Procissão do Santissimo Sacramento.

A's quatro horas da manhã, cantava um homem na rua, batendo apressadamente á porta da *Locanda Tedesca*, onde nos havíamos apeado. Este homem era o nosso caleceiro, honrado vampiro a quem nos havíamos entregado de Parma a Modena. Vinha acordar-nos e carregar as nossas bagagens. Uma hora depois, estávamos nós a caminho por um tempo frio e nebuloso. A' porta da cidade, velava o agente da policia, que teve por bem permittir-nos que sahíssemos, mediante a entrega das nossas cartas de segurança. Dez minutos depois, tocava o *Legno* nas fronteiras do ducado de Modena. Alli nos esperava a inevitavel alfandega. O empregado de guarda era um homem de seus cincoenta annos. Ao ruido da carruagem, sahe do seu aposento, e, assomando à portinhola a sua magra face, precedida de um nariz gigantesco, pede-nos, segundo a formula, para ver os nossos passaportes e visitar as nossas bagagens. Os passaportes são exhibidos, dizendo-se-lhe que as nossas malas não contem contrabando— *Lo credo, ma . . .* Acredito-o, mas . . . Mas por favor, deixai-nos em paz, lhe respondeu um italiano, nosso companheiro de jornada, e eu vos *tocarei a mão: e ti toccherà la mano*. O aduaneiro pareceu-nos muito sensivel a esta encantadora expressão. Todavia, abanou a cabeça dizendo: — Não posso; as minhas ordens são for-

maes. — Vamos, meu bravo, torna o nosso italiano, que temes? — Temo o tenente. — Respondo por elle. — Affirmais-me que não trazeis nada prohibido? — Nada. — Então vira a cabeça, olha para as janellas do corpo da guarda; depois, fazendo com o beijo inferior uma carelinha muito engraçada, mette furtivamente atravez da portinhola a mão embrulhada n'um manguito. Apresamo'-nos a *local-a*, comprehendeis de que maneira. Logo, com uma voz estrondosa, brada: *Vetturino, avanti, caleceiro, avanti*; estes senhores estão em regra. Para nosso divertimento, a mesma scena se renovou *nove* vezes, com algumas pequenas variantes, durante este memoravel dia.

Apezar de todas estas importunaçoens fiscaes, chegamos a Reggio pelas nove horas da manhã. E' Reggio uma pequena cidade encantadora, à qual um numeroso mercado dava então uma physionomia muito animada. O tempo nos permitia vissemos o que ella offerece mais notavel: é o grupo de *Adão e Eva*, na frontaria da cathedral; *Nossa Senhora della Ghiara*, bellissima igreja, miniatura de S. Pedro de Roma, com pinturas e um *Christo* de Guerchin: por ultimo a casa onde uma tradição, que creio duvidosa, faz nascer Ariosto; está sita na praça da Cathedral.

Ao meio dia estavamos em Modena. A antiga *Matina*, celebre colonia dos Romanos, é uma cidade importante situada n'uma planicie agradável entre a *Secchia* e o *Panaro*. Largos alpendres se estendem ao comprido das ruas e abrigam da chuva e do sol as pessoas que andam a pé. Modena, cuja população não passa de 30,000 almas, conta cincoenta igrejas. A cathedral, de estylo

lombardo, com a sua torre quadrada, isolada e toda de marmore, apresenta um todo que carece de harmonia. No fundo desta torre conserva-se o velho balde de pinheiro que os Modenezes arrebataram aos Bolonhezes, e que deu logar ao poema heroi-comico de Tassoni, intitulado: a *Secchia rapta*. Na cathedral está o humilde tumulo de Muratori, abbade de Santa Maria de Pomposa; este homem, um dos mais sabios da Europa, morreu em 1750. Todo o mundo conhece ou deve conhecer a sua obra, intitulada: *Il cristianesimo felice nelle missioni del Paraguay*; é um quadro fiel daquellas novas christandades da America meridional, que realisaram as maravilhas fabulosas da idade de ouro, e de que os proprios philosophos fallaram como d'uma das glorias exclusivas da religião. A bibliotheca de Modena conta mais de 90,000 volumes e 3,000 manuscriptos. Recordou-nos o celebre Tiraboschi, a quem ella se honra de ter tido por conservador. Este sabio jesuita fallecido em 1794, é auctor da interessante *Historia da litteratura italiana*. A especie de idolatria que manifestou o seculo XVI pelos classicos pagãos de Athenas e Roma, foi o objecto da sua justa critica. Com tanto engenho como razão, zomba especialmente do P. Maffei, que *pediu ao papa licença de ler o breviario em grego, a fim de não corromper o estylo lendo o latim da Vulgata*.

Ja era tarde quando partimos para Bolonha, atravez dos vastos campos que tinham visto os derradeiros esforços da liberdade romana. Vencido em Modena pelo consul Pansa, fugiu Antonio para as Gallias e tornou a apparecer em breve na Italia á frente de vinte e tres legioens e dez mil cavallos. Não deixamos o campo occupado

n'outr'ora por aquelle exercito *liberticida*, como se dizia em 94, senão para atravessarmos o *Reno*, antigo *Labinius*, assignalado por uma monstruosa recordação. Foi n'uma insua formada por este rio, que se estabeleceu o triumvirato entre Octavio, Antonio e Lepido. Os triumviros entregaram uns aos outros reciprocamente a vida de seus amigos e inimigos; a sua defirante crueldade ordenou até, sob pena de morte, que cada um tivesse de se regosijar com as proscripçoens delles; finalmente, a cabeça de Cicero, regateada durante dois dias, tornou-se o penhor da sua aliança. Este pacto sangrento que nos enchia o espirito de tristes pensamentos, fazia necessarias impressoens d'outra ordem: esperavam-nos em Bolonha.

A's sete horas da tarde paravamos á porta; compridas as formalidades do costume e depositados os nossos passaportes, entramos na cidade. Era sabbado, vespera da festividade da *Apresentação da santa Virgem*. Bolonha estava illuminada pela piedade dos habitantes. Debaixo dos grandes alpendres, de que as ruas são guarnecidas, appareciam numerosas madonas de todos os tamanhos e de todas as formas, alumizadas por tochas e ornadas com flores. Não era aquillo uma van demonstração á qual os coraçõens ficavam estranhos; de distancia em distancia fieis ajoelhados rezavam aos pés das santas imagens. Pela primeira vez na minha vida, era testemunha d'um semelhante espectáculo. Não posso explicar que deliciosa impressão produz no coração, o testemunho publico e espontaneo da piedade de todo um povo para com a mais amavel das creaturas, a Mãe de Deus, e a Irman do genero humano.

Julguei tambem observar grande numero de casas reparadas de fresco, com as fronteiras *amarellas claras ou vermelhas côr de telha*. Estavamos longe de suspectar que eramos ainda devedores desta linda perspectiva á fé viva dos Bologhez. A nossa ignorancia foi breve dissipada. Apeados em casa d'um Francez, estabelecido em Bolonha havia trinta e dois annos, homem instruido e bom christão, apressamo'-nos a pedir-lhe a explicação do que haviamos visto. « Bolonha, nos disse elle, conta 75,000 habitantes e vinte e duas freguezias. Cada anno a procissão solemne da festa do Corpo de Deus faz-se em duas freguezias somente, e por turno. E' costume immemorial os habitantes das ruas que devem ser honrados com a passagem do Santo Sacramento, concertarem o interior e o exterior das suas casas. Os proprietarios de todas as classes mostram igual zelo. Se, apezar da sua boa vontade, não pode o pobre fazer o que deseja o seu coração, não teme pedir emprestado para prover a uma despesa que olha como sagrada. Vós vêdes, continuou, que o interior dos meus quartos está por acabar, e isto provem de que todos os officiaes estiveram occupados nas freguezias que tiveram este anno a procissão; e não me admiraria de que fossem já começadas as obras nos bairros por onde ella deve passar o anno que vem. Eis ahí o que vos explica a apparencia nova dos nossos velhos edificios e o asseio garrido das nossas velhas ruas. »

Durante esta narração, eu estava em França, chamando todos os ouvidos francezes para a escotarem. Oh meu Deus! quam longe estão estes testemunhos de fé dos nossos costumes actuaes.

Mui culpados são aquelles cujas doutrinas e cujos exemplos hão gelado os nossos corações naturalmente tam ardentes e generosos. Eis ahí o que se passa em Bolonha ; e, na capital do reino christianissimo, o Filho de Deus acha-se reduzido a não sahir ostensivamente dos seus templos !



21 de Novembro.

Serenata. — Imagem d'uma cidade christan. — Educação. —
Torre dos *Asinelli* e da *Garizenda*. —
Universidade.

Hontem haviamos sido acordados d'uma maneira mui pouco harmoniosa pela rouca voz do caleceiro ; succedeu muito diversamente dia da *Apresentação*. Em França damos ás auctoridades, ás pessoas veneradas e queridas, serenatas na noite que precede o dia do santo do seu nome ; o mesmo costume reina na Italia. Somente, entre as auctoridades ou os parentes a quem alli se faz esta honra, a piedade filial, esclarecida pela fé, conta mais uma : é Maria. A's quatro horas da madrugada, fomos arrancados do nosso somno pelo brilhante repique de não sei quantos sinos, que, tocados a compasso, formavam por sobre a cidade um como mar de harmonia. Dir-se-hia um concerto dos anjos, ao qual responderam bem depressa mil vozes da terra. Entrando pela manha cêdo na egreja visinha, encontramos-a cheia de homens, mulherés e creanças de todas as condições. Foi-nos grato associar a nossa oração á

oração da multidão recolhida que, apertada em torno dos altares da Rainha do céu, offerecia a esta mãe muito amada os seus *comprimentos* e os seus *ramilhetes*. O canto simples da *Ladainha* repetido em côro por todo o povo, causou-nos o mais vivo prazer.

Acabava de bater meio dia, quando nos lançamos no interior da grave e estudiosa Bolonha. Foi com felicidade que contemplamos, pela segunda vez, o espectáculo d'uma cidade christã, nos domingos e dias sanctificados. Não havia armazens abertos, nem trabalhos, nem barulho; a mesma partida dos obreiros estava suspensa: reinava silencio e repouso universal. Os porticos estavam animados com passeadores de todas as classes que tomavam ar; e as egrejas cheias de fieis que oravam. Para o centro da cidade, encontramos um rapazinho, de uns doze annos, que tinha, na mão direita, um grande crucifixo; e, na esquerda, uma sineta que agitava continuamente. Era um menino do cathecismo. Percorreria assim todas as ruas da freguezia, chamando os seus camaradas á reunião. E houvereis visto todos os *ragazzi* deixarem os seus brinquedos, e dirigirem-se docilmente á sua capella. Eis ahi um desses traços de costumes que nos separa da Italia com uma barreira mais alta que os Alpes. Em Bolonha, é o povo geralmente instruido. O mesmo succede no resto dos Estados pontificios, onde os ignorantes são em proporção muito menor que em França. M. de Tournon já havia feito a mesma observação: « A instrucção pri-
« maria, diz, é offerecida ao povo, nos domi-
« nios pontificios, com uma liberalidade de que
« poucos governos dão exemplo. Nas cidades e

« nas mais pequenas aldêas, mestres, pagos pelo
« publico, ensinam a ler, escrever e contar; de
« modo que não ha um só menino que não possa
« receber o beneficio da instrucção elementar (1);
« e de facto, os meninos que frequentam as es-
« cholas estão na proporção de 1 para 11 habi-
« tantes. Na Inglaterra, a media, com relação
« á população, è tambem de 1 para 11; em
« França, de 1 para 20. Ella é, nos Estados
« Unidos, de 1 para 4; no ducado de Baden e
« no Wurtemberg, de 1 para 6; na Prussia, de
« 1 para 7; na Baviera, de 1 para 10; na Aus-
« tria, de 1 para 13; na Irlanda, de 1 para 19;
« na Polonia, de 1 para 78; em Portugal, de 1
« para 88; e na Russia, de 1 para 378. Vê-se
« que os Estados pontificios se classificam entre
« as naçoens em que está mais espalhada a ins-
« trucção primaria (2). »

Em Bolonha, a educação das meninas está confiada a mestras d'uma virtude experimentada, ou a religiosas. Todos os meios de avançar na carreira das sciencias são offerecidos aos jovens: e são gratuitos todos estes meios. E que direi do bem-estar material? Em Bolonha ha, como em Parma, uma casa de trabalho para os pobres. A nossa longa serie de tributos sobre as portas, janellas, patentes è alli desconhecida; em summa, este povo submettido ao poder temporal do Santo Padre, está, em muitas coisas, mais adiantado que certa nação que se gaba de estar á testa do

(1) Vêde Prefacio aos Istit. de Benef. de Roma, pag. 99.

(2) Estudos estatisticos, t. II, pag. 87.

progresso universal: é sobretudo mais feliz do que nós, e isto com menos despesas.

No meio da nossa excursão, tivemos de parar diante das duas famosas torres, inevitavel objecto das narraçoens e da admiração dos viajantes. São de tijolo e de forma quadrada. A torre dos *Asinelli*, a mais alta da Italia, excede alguns pés a agulha do zimbório dos Invalidos. De vez em quando, serve para observaçoens astronomicas. A *Garizenda* só tem quarenta e oito metros d'altura. O que as torna a ambas curiosissimas, diria até medonhas, é a sua inclinação. A primeira tem de pendor tres pés e meio; a segunda oito pés e duas pollegadas. A gente tranquillisa-se todavia ao pensar que ellas estavam no mesmo estado ha muitos seculos: o Dante não deixa a este respeito duvida alguma (1). E' ao aluimento do terreno, é á vaidade rival dos antigos nobres Bolonhezes que se deve attribuir a extraordinaria inclinação destes dois monumentos? Não obstante os armazens de tinta e papel que tem feito gastar, a questão está ainda indecisa; acho-a bem assim: continuemos.

A Universidade de Bolonha, a mais antiga da Italia e uma das mais celebres do mundo, attraheu bem depressa a nossa curiosidade. Fundada em 425 pelo imperador Theodosio, merccu ter por protector o proprio Carlos-magno, que lhe deu novo lustre. Seria longo nomear todos os

(1) Qual pare a riguardar la *Garizenda*
Sotto'l chinato, quand'un novel vada
Sovr'essa sì, ch'ella in contrario penda;
Tal parve Anteo.

grandes homeas que ella produziu. As paredes e abobadas dos immensos claustros estão ornadas de uma multidão de escudos d'armas que recordam os sabios de toda a especie e as personagens nobres, discipulos e mestres desta gloriosa universidade. Os seus nomes, mostrados com orgulho aos estrangeiros, são um estímulo perpetuo para as geraçoens novas, chamadas aos trabalhos da intelligencia sob semelhantes testemunhas. Nos tempos modernos, a Uuiversidade conta entre os seus membros Bento XIV, Galvani, o cardeal Mezzofanti, que bastam para fazer a sua gloria immortal. A bibliotheca possui oitenta mil volumes e quatro mil manuscriptos, alguns do sexto e até do quinto seculo. Entre estes ultimos, corremos com enternecimento as *Imagens de Philostrato*: esta obra recorda tocantes infortunios; é da mão de Miguel Apostolio, um dos gregos fugitivos de Constantinopla, no decimo quinto seculo, e tem esta inscripção: *O rei dos pobres deste mundo escreveu este livro para viver*. Não se pode dar um passo na Italia, sem encontrar alguns grandes ludibrios da fortuna.



22 de Novembro.

Madona de *san Luca*. — Sua festa. — Campo santo.

Se, do alto da *Garizenda*, virais os olhos para o occidente, avistais uma verde collina, situada a uma legua de distancia de Bolonha. Sobre o cume esguio deste monte solitario, ergue-se uma rica egreja, cuja esbelta torre e brilhante cupula

chamam de longe a attenção do viajante : è Nossa Senhora da *Guarda*, ou a madona de *san Luca*. Alli, venera-se uma imagem maravilhosa da sancta Virgem, pintada por S. Lucas. Segundo uma antiga tradição (1), este retrato fôra trazido de Contantinopla a Bolonha, em 1160, por um pio eremita, que o depositou n'uma capella solitaria, ao pé da qual habitava uma santa rapariga, chamada *Angela*.

A Rainha do ceu não tardou a signalar a sua

(1) No dizer do P. Lanzy, na sua *Historia da Pintura*, aquelles que examinaram os quadros attribuidos a S. Lucas, convem em que elles não podem realmente pertencer-lhe, ao menos no estado em que se acham. Fôra mister suppor uma serie de retoques que teriam acabado por fazer quadros inteiramente differentes da obra primitiva. Nenhum, tal qual está, passa da epocha dicta Byzantina. Segundo Mazzolari, deve-se certamente exceptuar a madona de Santa Maria Maior, em Roma. No entanto a tradição que attribue quadros ao santo Evangelista está de modo tal espalhada no Oriente e Occidente, que é provavel terem realmente existido. Muitos daquelles que se dão como taes são até talvez as primeiras madeiras, em que se exercitou e pincel do companheiro de S. Paulo. Mas a mesma Roma está longe de affirmal-o. Indicando os dias em que se descobrem as virgens, o *Diario Romano* contenta-se com dizer : *Dipinte, come decesi, da san Luca*. E' no sentido desta nota que se deverão entender todas as expressoens de que me servir no seguimento da viagem, fallando das virgens pintadas por S. Lucas.

presença com favores multiplicados, aos quaes Bolonha correspondeu com testemunhos não equívocos de gratidão. A piedade de seus habitantes substituiu a modesta capella por uma magaifica egreja, e, nestes ultimos tempos, quiz tornar agradavel e commodo o caminho que conduz á *fonte das graças*. Uma maravilhosa estrada, cujo typo só encontraes na Italia; uma estrada, que atesta o poder da fé e da charidade, une a cidade ao cimo da alta montanha. E' um alpendre de alvenaria, composto de seiscentas e trinta e cinco arcadas, a maior parte ornadas de pinturas e inscripçoens pias. Formado por duas muralhas de coisa de vinte e cinco pés de elevação, sobrepujadas por uma elegante abobada, apresenta um caminho de uns doze pés de largura. Uma das paredes é massiça; a outra, composta de arcadas sustentadas por columnas ou pilastras, permite-vos gozeis a paizagem. Este soberbo alpendre estende-se com graça pela planicie, depois eleva-se serpenteando sobre o flanco da collina, e vos introduz suavemente no templo de Maria. Não lêmos sem commoção os nomes das pessoas cuja liberalidade construiu aquelles soberbos arcos. Aqui, os alfaiates, as modistas, os armadores; alli, os criados da cidade; um pouco mais longe, os lenhadores, os pedreiros, que reuniram as suas economias para elevarem uma, duas e até tres arcadas.

Trepamos vagarosamente aquella rampa sancificada pelas oraçoens e lagrimas de tantos piedosos peregrinos que a haviam subido antes de nós e que ainda a sobem todos os dias. Quantas vezes, durante a viagem, pede o coração enternecido um pouco d'aquella confiança filial que pro-

duz os milagres consoladores, cujas provas tam tocantes como variadas vêdes nos numerosos *ex voto* suspensos no altar de Maria! Expressimos ao sacristão o desejo de venerarmos a santa imagem. A nossa petição foi transmittida ao padre nomeado para a guarda da madona, e só o qual tem direito de a descobrir. Foram accesas algumas tochas; o padre revestiu-se do roquete e da estola, e seguimol-o atraz do altar-mor. Chegados com elle ao alto de uma escada de duas descidas, pozemo'-nos de joelhos, e tres vezes saudamos, com a oração angelica, a Mãe dos homens e Rainha dos anjos. Uma porta de bronze girou sobre os seus gonzos rodantes, e fomos chamados, um depois do outro, a contemplar as feçoens para sempre venerandas da augusta Virgem. Quer o retrato seja ao natural, como pretendem, quer seja um typo tradicional, o certo é que corresponde à idéa que os seculos christãos nos hão transmittido do rosto da Mãe do Salvador. Um oval de grande pureza, olhos perfeitamente rasgados, sobrancelhas graciosamente arqueadas, uma admiravel proporção das partes, uma côr trigueira, alguma coisa grandiosa nas feçoens, e uma doçura indefinivel espalhada pelo todo: eis ahí o que eu pude observar n'aquella pintura arrebatadora, á qual o tempo tem necessariamente feito perder parte da sua expressão.

Todos os annos a Rainha da montanha desce á cidade; passa nella tres dias. A sua vinda é um triumpho; os habitantes de Bolonha e os de toda a provincia, concorrendo á festa, compoem o cortejo. O cardeal arcebispo espera a amavel princeza á porta da cidade, cujas chaves elle lhe apresenta. Depois de a haver recebido com todas

as honras devidas ás testas coroadas , leva-a elle proprio á egreja de *S. Pedro*. Permanece quarenta e oito horas cercada , noite e dia , das desveladas homenagens d'um povo immenso. Ao terceiro dia visita a cathedral , onde dá a sua benção. D'alli toma de novo o caminho do seu palacio aereo , para proteger a feliz cidade que vê a seus pés. A sua volta não é menos pomposa que a vinda ; tem lugar nos primeiros dias de maio. Ora , é mister ter visto a Italia , para comprehender os encantos e esplendores que ajuntam a esta brilhante festa , as bellezas da primavera e a pureza do céu. Esta visão d'um mundo superior passou ; e todo o povo italiano é ditoso ; e aquellas imaginaçoens tam vivas , e aquelles coraçõens tam inflammaveis , são de novo sanctificados por castas imagens , por piedosas commoçoens ; e o *espirito* ha ganhado mais uma victoria sobre os *sentidos*. A' Italia sobre tudo é necessario o culto da Rainha das virgens ; d'ahi , sem duvida alguma , as festas , os symbolos , as inscripçoens , os usos variados e numerosos , que tornam alli Maria presente a todos. Que o viajante leviano ou impio não veja neste factu universal mais que uma superstição miseravel , isso pouco admira : aquelle que duvida de tudo , não suscita ordinariamente coisa alguma. Em quanto ao observador judicioso , descobre nelle com admiração uma das mais formosas harmonias do Christianismo.

Depois de termos confiado a Maria os nossos votos e os dos nossos amigos , depozemos a seus pés , como recordação da nossa fugitiva passagem , o obolo dos peregrinos. Depois tomando de novo , felizes e contentes , o caminho da cidade , des-

ceмос vagarosamente a montanha santa, para gozarmos o bello espectaculo que tinhamos diante dos olhos. Ante nós estendia-se uma vasta planicie orlada pelos Apenninos e sulcada pelo Reno, cujas aguas limpidas deixam entrever largas camadas de saibro branco que lhe servem de leito. Sobre esta paisagem risonha e severa, apparece a cidade sabia, com suas velhas muralhas, suas terras numerosas e suas brancas villas, disseminadas por sobre as cristas circumvisinhas.

Na fralda da montanha abre-se, sobre a esquerda, um novo alpendre, composto de cerca de cento e cincoenta arcadas: é o caminho do *campo santo*. Tal é o nome verdadeiramente christão que na Italia se dá aos cemiterios, e os cemiterios são dignos do seu nome. Alli, reu-nem-se aos monumentos da mais tocante piedade para com os mortos, todos os testemunhos da mais ardente fé na resurreição futura. Se, como o de Pisa, não é o *Campo santo* de Bolonha formado da *terra santa* de Jerusalem, nem por isso deixa de ser um dos mais veneraveis e bellos da Italia. Imagine-se um vasto quadrado rodeado de grandes arvores verdes e de soberbos alpendres, com ricas capellas de distancia em distancia, e tumulos ainda mais ricos; depois monumentos mais modestos e simples sepulturas, com uma multidão de inscripçoens cujo espirito christão e cuja contextura antiga dão a maior honra á piedade e ao talento do sabio abbade Schiassi; e ter-se-ha uma ligeira idéa daquelle magnifico cemiterio. Um viajante jansenista talvez lhe achasse alguma riqueza mundana de mais, e de menos alguma daquella gravidade religiosa que convem á silenciosa mansão da morte.

23 de Novembro.

Prisão do rei Enzo. — Igreja de S. Paulo. — S. Petronio. — S. Domingos. — Santa Catherina de Bolonha. — Santo Estevão. — Anecdota ácerca de Bento XIV. — Galleria.

Ao nascer do sol, era a cidade atravessada por uma multidão de vehiculos que vinham da aldêa. Traziam ao mercado o *canepa*, linho soberbo, de que Bolonha faz immenso commercio. Atravessamos a turba agitada e um pouco gritadora, para nos dirigirmos ao palacio do Podestà, outr'ora a prisão do rei Enzo, cuja historia vou contar. No XIII seculo, vivia um imperador na Allemanha, chamado Frederico II; andava por esse mundo alem, guerreando e respeitando pouco as leis da justiça. Seu filho mais velho, Enzo, ia ao seu lado. Moço e valente, levou o ferro e o fogo ás marcas de Ancona, e bateu no mar a poderosa frota dos Genovezes. Entrando na Lombardia, encontrou os Bolonhezes que lhe desbarataram o exercito nas planicies de Fossalto, e o fizeram prisioneiro; era isto no mez de maio do anno de 1247. Os vencedores conduziram-o em triumpho á sua cidade, e o condemnaram a prisão perpetua. Só tinha vinte e cinco annos e viveu cincoenta. Para suavisar seus enojos cantou os seus infortunios, e o nome do bardo prisioneiro é ainda hoje popular em Bolonha. Vimos a torre construida para o vigiar, e a salla onde elle morreu. Esta salla, chamada ainda hoje *sala d'Enzo*, serviu para o conclave que, em 1410, elegeu o papa João XXII.

Em frente deste mesmo palacio acha-se a

fonte do *Gigante*, obra de João de Bolonha. Reservemo-me para della fallar depois de ter visitado as galerias de Florença. Entre todas as egrejas notamos:

1.º *S. Paulo*, onde se acha o tumulo da princeza Eliza Bacciochi, irman de Napoleão; n'uma das capellas admira-se o quadro de Guercchin, representando *as almas do Purgatorio*.

2.º *S. Petronio*, mais digna que a metropole de ser a primeira igreja de Bolonha. Posto que começada no fim do seculo XIV, esta basilica não está concluida. Dois objectos d'arte attrahem sobretudo a attenção: as *Sibyllas* das portas, e as magnificas vidraças da capella de *Santo Antonio*. Na nave de *S. Petronio*, estabeleceu Cassini a sua primeira meridiana; o mundo sabio não o esqueceu: porem o que esqueceu, o que talvez nunca soubesse, é a historia do proprio *S. Petronio*. Todavia, em que peze áquelles que tem olhos para vêr e não vêem, a vida de um santo tem pelo menos tanto direito a ficar na memoria dos homens, como um calculo astronomico, fosse elle de Newton ou de Cassini.

Pelo fim do seculo IV, pois, nasceu a *Petronio*, prefeito do Pretorio, um filho longo tempo desejado. Os mais ternos e esclarecidos cuidados cercaram a sua infancia. Digno de seu pai pelos talentos, o qobre mancebo quiz tornar-se digno do seu Deus pelas virtudes. Partiu a fim de ver com os seus propios olhos os grandes modelos que povoavam as solidões do Oriente. Como Moisés chamado á çarça ardente, comprehendeu que caminhava n'uma terra santa, e percorreu descalço todos aquelles vastos desertos. Rico de dous sobrenaturaes, valtou a Roma. O

papa Celestino collocou sobre o candelabro esta lampada ardente e brilhante, isto é, Bolonha teve por bispo um santo, um restaurador e um pai, que lhe reparou as ruinas espirituaes e materiaes, dois tumulos onde a haviam encerrado viva a heresia e a crueldade dos barbaros. Acreditar-se ha que as reliquias de S. Petronio, depositadas na egreja edificada em sua honra, não merecem uma visita, a sua vida uma recordação? Entreteem-se em contemplar, criticar, louvar, com mais ou menos bom gosto, os objectos d'arte que decoram o seu templo, e nem mesmo pensam em se ajoelhar sobre o seu glorioso tumulo! Pois quando cessarão as viagens á Italia de serem um passeio mundano, inutil e muitas vezes perigoso? Revestindo o character religioso que lhes convem, ellas abrirão um novo horisonte aos olhares da intelligencia e completarão, santificando-as, as impressoens do coração.

3.º A egreja de *S. Domingos*. O curioso tumulo do rei Enzo, que nella se acha, absorveria toda a attenção do viajante, se não fosse eclipsado por outro tumulo todo radiante de gloria e magestade; é o de S. Domingos. Alli repouza, n'um magnifico altar de marmore branco, d'um trabalho exquisito, o illustre descendente dos Gusmoens, o salvador da Europa meridional, e, com S. Francisco d'Assiz, a columna da Egreja no seculo XIII. Pedi para vêrdes, n'uma das capellas, a *madona del velutto*; e ficareis enlevados. Esta obra-prima é de Lippo Dalmasio, o modelo mais notavel do sentimento religioso empregado na arte. Por devoção, este pio artista jámais quiz pintar senão madonas. A historia nos refere que elle estava de tal modo penetrado da santidade da sua

obra, e da pureza de coração com que era mister começal-a, que se impunha na vespera um jejum severo, e se aproximava pela manhã do sacramento do altar. Por isso Guido reconheceu que nenhum pintor, sem exceptuar o divino Raphael, com todos os recursos da arte moderna, pôde che-
nar àquelle character de santidade, modestia e pureza, que Dalmasio soube dar ás suas figuras (1).

4.º A egreja *del corpus Domini*, ou *della Santa*, para designar Santa Catherina de Bolonha. Por mais bellas que sejam, as pinturas de Luiz Carrache, de José Mazza e de Zanoti, que ornã o côro, as abobadas e a sachristia, não poderam deter-nos senão um instante. Tínhamos pressa de contemplar uma maravilha mui superior a todas as obras-primas da arte. A terra que aqui se calca é uma terra santa, calcada, ha quatrocentos annos, por uma nobre virgem de Bolonha; a casa onde estais serviu-lhe de habitação; todas as abobodas deste claustro viram suas lagrimas e seus soffrimentos; as paredes destas cellulas onviram a sua voz; estão embalsamadas do perfume das suas oraçoens e virtudes. Em sua vida, esta virgem chamava-se Catherina. Deus glorificou a, e o seu nome é hoje Santa Catherina de Bolonha. Tendo obtido licença de visitar-mos o seu corpo, miraculosamente conservado, entramos n'uma capellinha redonda, inteiramente armada de velludo vermelho carmesim, adornado d'oiro e bordados. No meio está um throno sobrepellido por um docel, cuja graça eguala a riqueza.

(1) Vêde *Conferencias sobre as ceremonias da Semana santa em Roma*, por Monsenhor Wiseman.

A santa está assentada neste throno, com o rosto descoberto ; as mãos, igualmente descobertas, descansam sobre os joelhos, e os pés vêem-se através d'um cristal. Os membros tem conservado a sua flexibilidade, porem a carnação geral está denegrida (1), excepto a parte inferior da face direita, onde é d'uma brancura esplendida ; é o sitio onde a santa mereceu receber um beijo do menino Jesus.

Quanto me julguei feliz por ser padre ! porque, nesta qualidade, foi-me permittido não só abraçar os pés, mas as mãos da santa, e ver de perto os objectos veneraveis sanctificados pelas mãos da thaumaturga. Os primeiros christãos enterravam, com o cadaver dos martyres, tudo o que podia recordal-os e fazel-os um dia reconhecer. Ficis herdeiros deste piedoso costume, tem os Italianos um cuidado admiravel de conservar e reunirem em torno dos santos todos os objectos que foram do uso delles. Assim, naquella camara, vêdes o escapulario da santa, o seu leço, as suas horas, escriptas pela sua mão, o seu violoncello, uma cabeça do menino Jesus, pintada por ella mesma, em fim o crucifixo miraculoso que lhe fallou. Foram bem sinceros os desejos que sentimos de termos juntos de nós, n'aquelles felizes instantes, todas as pessoas que nos são caras ; ao menos, recommendamol-as o melhor que nos foi possibile á poderosa protectora de Bologna, e sahimos para visitarmos Santo Estevão.

4.º Monumento curioso a todos os respeitos,

(1) Isto provem d'uma circumstancia que seria demasiado longo referir aqui. Vêde a *Vida da Santa*, no fim.

a egreja de Santo Estevão é composta de sete egrejas reunidas, a primeira das quaes, que remonta ao IV seculo, foi edificada por S. Petronio. Se eu conhecesse um archeologo admirador sincero e desinteressado da nossa arte christã, aconselhar-lhe-hia que fosse estabelecer-se em Bolonha e estudasse todos os dias, durante um anno inteiro, a egreja de Santo Estevão. *Atrium*, fontes sagradas, architectura de todos os estylos, capellas de todas as formas, velhas pinturas dos seculos XII e XIII, pinturas singelas, cheias de vida e movimento, madonas, *ex-voto*, tumulos de santos; acharia alli um verdadeiro museu, do qual cada objecto forma uma pagina da historia da arte desde a origem do Christianismo até os nossos dias. Sahindo deste monumento, que creio unico no mundo, veria ainda, suspenso ao muro exterior, o antigo pulpito, d'onde se annunciava o Evangelho ao povo reunido na praça publica.

Antes de chegarmos á Academia, passamos por perto do palacio habitado por Bento XIV, quando este grande papa era arcebispo de Bolonha. Esta habitação, illustrada por tantas recordações, lembrou-me uma anecdota que caracteriza a um tempo o homem de genio e o homem superior.

Não sei que mau poeta se atreveu a publicar uma satyra amarga contra o digno arcebispo. O prelado quiz vel-a, e leu-a com muita attenção. Sem cortar coisa alguma das injurias de que era objecto, retocou muitos versos por sua mão; depois tornou a mandar a peça ao autor dizendo-lhe: « Assim corrigida penso que ella se venderá melhor. »

A galeria de Bolonha, pela qual iamós á Academia, distingue-se pela escolha dos quadros. A attenção fixa-se principalmente no *Martyrio de Santa Ignez*, de Dominiquino (1); a *Madona della pietá*, de Guido; a *Santa Virgem in gloria*, de Perugino (2); e a *Santa Cecilia*, de Raphael (3). Estas magnificas composicoens estão collocadas na rotunda aonde se chega por um vasto corredor adornado de quadros anteriores á renascença. Esta aproximação lança um grande clarão na historia da arte, e faz tocar com o dedo a differença *de espirito e de execução*, entre a eschola *catholica* e a *pagan*. Para explicar o meu pensamento, dou-vos aprazamento em Florença, onde estaremos dentro de poucos dias.



24 de Novembro.

Os Apenninos. — Trajo. — A marquezza Pepoli.

Quem não ouvia contar na infancia, cu não tem lido em sua vida, alguma historia de salteadores da Floresta Negra ou dos Apenninos? Não é isto o episodio forçado da maior parte das viagens antigas e modernas á Allemanha e sobretudo á Italia? Ora, a imaginação conserva tam fielmente as primeiras impressoens, que a nossa se encheu de imagens pavorosas, logo que se deci-

-
- (1) Nascido em Bolonha, em 1561.
(2) Nascido em Perugia, em 1446.
(3) Nascido em Urbino, em 1485.

diu que atravessaríamos as famosas montanhas. A's tres horas da manhã, quando nos arrancaram do somno, o pensamento dos *sgrazzatori* foi, depois do de Deus, o primeiro que se apresentou. O tempo estava em harmonia com as nossas disposições. Uma noite escura, um vivo frio, um denso nevoeiro que distilava grandes flocos de neve, acompanharam a nossa silenciosa partida: Bolonha dormia. A's portas da cidade, o conductor fez subir atraz do vehiculo um homem vigoroso, que, deitado sobre o armazem, devia vigiar na guarda das nossas bagagens, já presas com duas grossas cadêas de ferro. No interior tinham logar narraçoens eminentemente proprias para distrahir os nossos pensamentos. Contavam-se assassinatos que acabavam de ser commettidos, um havia dez dias, outro havia somente dois dias.

Brevemente nos vimos entranhados n'um valle profundo, verdadeiro covil de salteadores, terminado por uma montanha longa e arida: estávamos nos Apenninos. Alli, quatro bois pardos, de gaitas aguçadas, nos esperavam; de distancia em distancia eramos demorados por uma junta ou duas daquelles uteis, mas vagarosos quadrupedes. Começava o dia; mas, ai! nenhuns salteadores, nenhum encontro, portanto nenhum episodio; eu indemnisei-me desta privação examinando a paizagem. Nada mais triste do que a vista dos Apenninos, pelo menos na parte que separa Bolonha de Florença. Não deparais aqui, nem com as montanhas magestosas da Suissa, nem com os seus picos elevados, nem com os seus valles graciosos, animados pela queda das cascatas ou pelo murmurio das torrentes. Montanhas

incompletas, summidades semeadas aqui e allí, sem ordem, sem graça, a maior parte nuas e sulcadas por largos barrancos; outras cobertas de carvalhos enguiçados: tal é o esboço do quadro que entristecem muito mais do que alegam algumas cabanas isoladas, mesquinhas habitações dos raros moradores destes logares selvagens. Por espaço de dezoito horas, andamos entranhados nestas montanhas, seguindo um caminho orlado de precipícios, e de cruces vermelhas ou pretas, que marcavam o lugar onde se haviam verificado acontecimentos funestos. Graças a Deus, nós viajamos sem experimentarmos accidente algum, e sem encontrarmos o bandido dos Apenninos; não vimos senão o seu typo e o seu classico traje usado pelos inoffensivos montanhezes.

Alligurai-vos um homem de feições varonis, cabello preto, còr acobreada, com a cabeça coberta com um chapéu á *Robinson*, cercado de uma larga fita de velludo preto, presa pelo lado de diante com uma fivela oblonga; com os hombros cobertos com uma capa e com uma vestia redonda còr de castanha, colete vermelho, calçoens verdes, meias formando corpo com a sola dos çapatos, e tereis, menos as pistolas à cinta e a carabina ao hombro, o *sgrazzatore* dos Apenninos. Se, quando passardes, vos acompanhar algum montanhez, tereis, como nós, este typo formidavel diante dos olhos. Se lhe pedirdes vos deixe ver a sua faca, mostrar-vos-ha friamente uma arma cuja vista vos fará estremecer: é um punhal, cuja folha delgada, affiada, tem nove pollegadas de comprimento; por ultimo, se, ainda como nós, o interrogardes, fallar-vos-ha dos seus encontros na floresta, assim como da coragem e presença de es-

pirito de que necessitou para escapar aos salteadores. Abstende-vos de deixardes apparecer algum signal d'incrédulidade; taparíeis a bôcca ao historiador e teríeis occasião de vos arrependedes disso; adeus aventuras optimamente inventadas e contadas com uma pantomima verdadeiramente divertida. Podeis todavia não acreditar nas suas narraçoens; porque, a fallar a verdade, eu creio os *sgrazzatori* dos Apeninos muito mais raros do que se tem querido contar, *rara avis in terris, etc.*

Para fazermos diversão às historias de salteadores, fallamos alternativamente da França, e dos nossos amigos. Pela sua vez, um viajante, estabelecido havia muito em Bolonha, interessou-nos vivamente fallando-nos da marquiza de Pepoli. « Não conheccis, nos disse elle, essa marquiza? Quando a eu houver nomeado ficareis tolos surprehendidos de encontrardes, debaixo deste envoltorio italiano, um nome francez, um nome illustre e caro aos velhos soldados do imperio. A marquiza Pepoli é madamoessella Murat, filha do rei de Napoles. Casada em Bolonha, goza de uma fortuna consideravel; mas não é por isso que della vos fallo. O seu titulo de gloria está em ser o modelo das donas de casa, e das mães que entendem a educação de suas filhas. Esta senhora tem a simplicidade de crer que a educação é o tirorinio da vida. Uma piedade esclarecida, doce e sustentada, essa piedade util a tudo e que é tomo a pudica belleza da virtude, forma a base da instrucção e direcção de sua filha. Sob as azas maternas, a menina cresce em sciencia, dirigida por habeis mestres. Acabadas as liçoens, Madamoessella, guiada por sua mãe, entra em to-

das as miudezas da economia domestica, cuida da roupa branca, aprende a fazer e compôr os vestidos, toma nota da despeza; n'uma palavra, inicia-se, pouco a pouco, no arranjo d'uma casa. A nobre menina não cõra de nenhum destes cuidados; porque a mãe lhe tem dicto que não ha mister algum tolo, só ha pessoas tolas; que aos olhos do homem razoavel se honra a gente praticando com intelligencia e fidelidade os deveres do seu estado; e que o reino d'uma mulher è a sua casa, os seus grandes negocios são os arranjos domesticos.

« Educada deste modo, a neta do antigo rei de Napoles será, é verdade, doce, piedosa, instruida, simples, modesta, corajosa, boa esposa, boa dona e boa arranjadeira domestica, saberá conservar a sua casa em ordem, vigiar os creados, passar por agua de anil os collarinhos de seus filhos, fazer meias a seu marido; será, saberá, fará tudo isto, e, o que mais vale, nem por isso cõrará. Mas não será nunca uma *peralta*, habil em nadar, montar a cavallo ou esgrimir, ardente a fumar cigarro, a ler romances; não terá nem um camarote no theatro, nem um logar reservado nos bancos dos tribunaes, para alcançar commoçoens e variar os prazeres. Por outras palavras, concluiu o viajante, a Marquezza ameaça o decimo-nono seculo com dar-lhe uma *boa mulher* de mais e uma *leõa* de menos. »

Esta interessante conversa fez-nos esquecer o aborrecimento da viagem, a qual se prolongou de mais: só chegamos a Florença ás duas horas depois da meia noite.



25 de Novembro.

Florença. — Jardim de Boboli. — Olhada sobre a historia de Florença.

Que surpresa foi a nossa, quando abrindo os olhos á luz, vimos um céu claro e transparente como o temos no interior da França, nos bellos dias do verão, de sentirmos uma temperatura tam agradável, e vermos uma verdura tam fresca como no mez de maio! A fim de julgarmos a cidade no seu todo, dirigimo'-nos immediatamente ao jardim *imperial e real de Boboli*. E' o jardim do celebre palacio Pitti, morada actual do soberano. Eleva-se em amphitheatro e do cimo do terrapleno, podemos contemplar á nossa vontade a *cidade das flores*. Assentada n'uma planicie rodeada de montes cobertos até ao meio d'uma risonha vegetação, assimelha-se Florença a uma perola no calix d'uma flor, cujas petalas, frescas na base, estivessem murchas na ponta. A capital da Toscana, atravessada pelo Arno, conta 100 mil habitantes. Está bem edificada, soffrivelmente calçada, e se isso póde agradar-vos, cheia, no outono, dos inevitaveis filhos d'Albion. Encontramos tambem lá alguns francezes. A' noite, á *meza redonda*, quasi só se fallou a nossa lingua. Isto me fazia feliz e orgulhoso, quando veio uma surpresa mui agradável rematar a minha alegria. No meio da comida, ouvi pedir-me o sujeito que estava defronte de mim, em bom francez e em alta voz, novas de Nevers e de muitos dos meus amigos. O amavel descobecido, que tam bem sabia quem nós eramos e d'onde vinhamos, era o senhor conde Th...

W... É um daquelles homens raros; que, por um feliz privilegio, reúnem às maneiras distintas da nossa antiga nobreza, o espirito superior do litterato exercitado e o coração do fervoroso christão.

Volto a Boboli. A' entrada erguem-se, sobre os seus largos pedestaes, duas boas estatuas antigas, de porphyro oriental, representando dois prisioneiros Dacios. Mas adiante apparece a estatua colossal de Ceres e muitas outras mais que não posso ou não quero nomear. Os esculptores, cujas obras decoram este jardim, tiveram o triste talento de vos fazerem abaixar os olhos a cada passo. Da altura onde estavamos situados abrangiam as nossas vistas a cidade inteira; aos nossos pés corria o Arno, cujas ondas agitadas parecem offerecer uma imagem exacta da historia de Florença. Recordando-me que estava na terra natal do *classico*, julguei poder permittir-me uma prosopopea.

Dirigindo pois a palavra ao rio, disse-lhé: « Antiga testemunha dos acontecimentos cumpridos neste lugar, conta-me o que tens visto! » Elle respondeu-me: « Muito tempo antes dos Romanos, os Etruscos, colonia de Phenicios, habitavam nas minhas margens; o accento guttural dos Florentinos prova a sua descendencia (1); vi chegar a flor do exercito de Cesar, que transformou a velha cidade n'uma cidade nova; Florença soffreu o jugo de Roma, à qual foi unida por uma larga via chamada *Via caspia*, cujas rui-

(1) Algumas inscripções, e medalhas encontradas em Florença, parecem estabelecer o mesmo facto, segundo o doutor *Lami*.

nas tu podes ainda reconhecer. No reinado de Nero foi ella atravessada por um apostolo, chamado Frontino (1), que o chefe dos pescadores galileus enviava ás Gallias: n'ella deixou cahir uma scintilla do fogo divino que levava para outra parte: Florença fez-se christan. Assolada pelos Barbaros, foi reedificada por Carlos-magno, esse grande restaurador do Occidente. Em 1125 era ella bastante poderosa para subjugar a antiga Fiesola sua rival. Dois seculos depois, havia enchido o mundo com o estrondo do seu nome. Nas abobadas do *Palazzo Vecchio*, um painel te recordará esse facto talvez unico, e tam honroso para a civilização de Florença. Offerece-te elle a recepção dos doze embaixadores enviados por diversas potencias ao Pontifice romano Bonifacio VIII, para o celebre jubileu do anno de 1300, embaixadores que todos se acharam Florentinos. Por isso o Papa, impressionado com semelhante encontro e com esta reunião de Florentinos, governando o universo, lhes disse: *Vós sois um quinto elemento*. A lista das potencias de que estes Florentinos eram ministros não te parecerá menos extraordinaria que o proprio facto; eis-a aqui: A França, a Inglaterra, o rei da Bohe-mia, o imperador d'Allemanha, a republica de Ragusa, o senhor de Verona, o grande Kan da Tartaria, o rei de Napoles, o rei da Sicilia, a republica de Pisa, o senhor de Camerino, o gran'-mestre de S. João de Jerusalem (2).

(1) Vêde *Foggino, de itinere et episcopatu romano divi Petri*.

(2) Vêde *Valery, t. II. 171*.

* Alternativamente aristocratica e democratica, adquiriu Florença pelo seu commercio com a Asia riquezas immensas que acarretaram a sua ruina. As minhas aguas foram muitas vezes tingidas com o sangue dos seus mais nobres cidadãos. Desvia os olhos deste triste espectáculo, e dirige-os para os grandes homens que esta terra tem produzido. Sem fallar de muitos outros, é aqui que viram a luz o Dante, principe dos poetas e creador da lingua italiana; Machiavello, que deshonrou o seu genio fazendo-se o apostolo da astucia; Miguel-Angelo, que immortalisou o seu, como pintor, como esculptor e como architecto; Brunelleschi, cuja gloria sem mancha a rediz a cupula de Florença; Fra Bartolomeo, que nunca foi maior que quando queimou as obras licenciosas do seu habil pincel; Cimabue, cuja fama cresce à proporção que a arte torna a ser catholica; Santo Antonino, perola dos bispos do decimo-quinto seculo; Leão X, que soube resistir ás terriveis tempestades do seculo seguinte; S. Philippe de Neri, modelo dos padres; o bem-aventurado Hippolyto Galantini, cuja memoria abençoam os pobres e as creanças ao passo que o Céu corôa as suas virtudes; S. Philippe Benizzi, honra dos *Servitas* e apostolo da paz entre os Guelfos e os Gibelinos; por ultimo Santa Magdalena de Pazzi, a Thereza da Italia. »

Era assim que os fastos de Florença me passavam ante os olhos com as ondas do rio que ia levar o tributo monotono das suas aguas ao mar d'Etruria, como os homens, que n'outr'ora viviam nas suas bordas, haviam levado o da sua vida pura ou manchada, ao grande oceano da eternidade. Depois desta lição de historia, torna-

mos a entrar na hospedaria com a esperança de uma rica colheita para o dia seguinte.

26 de Novembro.

Baptisterio. — Cathedral. — Monumentos do Dante, de Giotto, de Marcilio Ficino. — Estatuas de S. Miniato, de Santo Antonino. — Pias d'agua benta. — S. Zenobio. — Recordação do Concilio geral. — Campanario. — Egreja de S. Lourenço. — Capella dos Medicis. — A Annunziata. — Santa Magdalena de Pazzi. — Inscrição d'Arnolfo. — Lumes promptos. — Traço de costumes.

A nossa primeira visita foi para o Baptisterio. A fundação deste edificio, devida á piedosa Theodelinda, rainha dos Lombardos, remonta ao 6.º seculo. E' de forma octogona e todo ornado de marmore; mas exceptuando as tres famosas portas de bronze, prefiro o Baptisterio de Parma. A mais antiga, sita ao sul, foi executada em 1330, por André de Pisa. Ella offerece, em vinte compartimentos, a historia de S. João e diversas virtudes. Na *Visitação e Apresentação*, as figuras de mulheres tem uma graça, uma decencia, uma especie de embaraço limido cheio de encantos. Não se deve esquecer a data destas composições simples e de bom gosto, obras-primas de Ghiberti; as outras duas portas remontam ao decimo-quarto seculo. A do meio é tam bella que Miguel-Angelo pretendia que ella merecia ser a Porta do Paraiso. Entre todos os baixos relevos que decoram as almofadas, admiram-se especialmente os assumptos do Antigo Testamento. Ao lado da porta principal estão duas columnas de

porphyro , tomadas aos Serracenos ; e as correntes de ferro que a ellas estão presas perpetuam a recordação d'uma celebre victoria alcançada pelos Florentinos sobre os Pisanos.

Do Baptisterio passamos á *cathedral de Santa Maria del Fiore*. Esta immensa igreja tem 467 pés de comprimento ; a largura da cupula excede em sete pés e duas pollegadas a de S. Pedro de Roma. Todo o exterior , á excepção da fachada , é incrustado de marmores de diversas côres. A altura das naves está uma varanda cuja balaustrada , toda de marmore , é recortada como uma renda ; tendes outra na base da cupula , que rodêa esta parte aerea do edificio como uma grinalda de flores. As janellas são ornadas de esculturas , de columnas em espiraes , de mosaicos e de pyramides , bem como as quatro portas lateraes. O interior da igreja é rico em monumentos , estatuas e tumulos. Ao lado d'uma porta lateral está uma pintura em madeira , representando o Dante , vestido de cidadão de Florença e coroado de loiros. Ao pé delle vê-se uma imagem da *Divina Comedia* , e uma vista de Florença. E' o unico monumento que a ingrata republica consagrara ao seu illustre poeta , que morreu desterrado em Ravenna , onde mais tarde visitaremos o seu soberbo tumulo. Observais depois os monumentos de Giotto e Marcello Ficino.

Na primeira ordem das estatuas figura a de S. Miniato , martyr ; é de tamanho colossal. Para honrar virtudes e uma coragem sobrenatural , concebo que a arte exceda as proporçoens ordinarias. Miniato , soldado romano , estava de guarnição em Florença quando Decio accendeu de novo o fogo da perseguição contra os christãos. O veterano ,

intimidado para sacrificar aos idolos, mostrou que sabia affrontar pelo seu Deus a morte que tantas vezes havia affrontado pelo seu principe; recebeu-a no meio dos tormentos; o seu triumpho preparou o da legião Thebana, e Florença conservou religiosamente um nome que o Céu escreveu nos seus fastos immortaes. As reliquias do glorioso martyr e dos seus companheiros repoisam n'uma egreja dedicada em sua honra, fora da porta *di San Miniato*. Este venerando sanctuario, sustentado por trinta e seis columnas de marmore de notavel elegancia, merece a particular attenção do viajante. Outra estatua colossal é a de Santo Antonino, arcebispo de Florença, cujas reliquias enriquecem a cathedral. Felizes as cidades que encontram no seu proprio seio os modelos e os mestres de todas as virtudes! mais felizes aquellas que tem o bom espirito de perpetuarem por meio de monumentos a sua preciosa memoria! Não conheço *patriotismo* mais bem entendido.

Nobre filho de Florença e pae da sua patria, nasceu Antonino em 1389. Dotado das mais raras qualidades, deveu a um prodigioso esforço intellectual a sua entrada na ordem de S. Domingos. De idade de quinze annos, apresenta-se ao prior de Fiesola e supplica-lhe o admitta entre os seus noviços. O prior, que queria experimentar uma vocação tam precoce, disse-lhe: « Sereis recebido, meu filho, quando houverdes aprendido de cór o *Decreto de Graciano*, » Aquelle que conhece algum tanto o corpo de direito canonico, confessará facilmente que semelhante condição podia passar por uma verdadeira recusa. Antonino não vê n'ella outra coisa mais que uma difficuldade; põe mãos

à obra e doze mezes depois volta a apresentar-se ao prior. Interrogado o prodigioso moço recita, responde, discute com tanta firmeza e superioridade, que é recebido por unanime. Era elle que, mais tarde, respondia a Eugenio IV, decidido a fazel-o arcebispo: « Quererieis, Santissimo Padre, tractar como inimigo um homem a quem haveis dado tantas mostras de bondade? » O papa foi inflexivel. Antonino, arcebispo, visitava regularmente a sua diocese. Uma mula compunha todo o seu trem. Quando não tinha mais nada que dar, vendia-a para soccorrer os pobres. Pessoas ricas pediam então para a comprarem, para terem occasião de a restituirem ao Santo em forma de presente: este piedoso trafico durou muito tempo; e a não ser a consciencia de certos personagens que não é necessario nomear, nenhuma mercadoria tivera sido vendida mais vezes que a mula de Santo Antonino, ou o cobertor de lan de S. João o Esmoler.

Nos dois primeiros pilares da grande nave estão duas antigas pias d'agua benta, uma das quaes é notavel pelas esculpturas, e a outra muito venerada por ter encerrado os ossos de S. Zenobio. Como Antonino, filho, protector, patrono, apostolo de Florença, Zenobio, descendente de Zenobia, rainha de Palmyra, nasceu no seculo IV. Pescado no pégo da idolatria, veio a ser a seu turno pescador d'homens. As suas primeiras conquistas foram seu pai e sua mãe. Amigo de Santo Ambrosio e do papa Damaso, morreu no reinado d'Honorio, e foi depositado na cathedral, onde continua a velar pela familia que produziu a J. C.

Santa Maria del Fiore recorda outro facto que tem grande logar na historia. Viu, em 1438,

o celebre concilio ecumenico onde foi assignada , entre o Oriente e o Occidente , a união por tanto tempo desejada , tantas vezes rota , e que , ainda desta vez , devia ser dentro em breve calçada aos pés pelos gregos , para desgraça da sua nação. As conferencias preparatorias celebravam-se no convento dos dominicos , e as conclusões ou sessões publicas na cathedral.

Eis uma fraca parte das recordações que cercam o viajante quando visita este monumento , tantas vezes venerando. Vós todos , que procuraes inspirações nesta bella terra d'Italia , se me fosse permittido dar-vos um conselho , dir-vos-hia : Não desprezeis estas recordações ; crêde-me , ellas servem maravilhosamente para despertar , e desenvolver o sentimento religioso que chamarei sem temor a segunda vista do artista.

Em Florença , a torre é separada da cathedral ; esta anomalia encontra-se muitas vezes na Italia , especialmente na Romania , onde dominou por muito tempo o gosto bysantino. De forma quadrangular e revestida , da base ao corucheu , de marmore precioso , a torre de *Santa Maria del Fiore* é de certo o mais elegante e precioso campanario que temos visto , e , creio eu , que se pode ver. Os curiosos quererão não esquecer que é obra de Giotto ; o que prova que o pae da pintura moderna , o rei da arte christã , não precisara dos classicos modelos d'Athenas e Roma para crear obras-primas.

Ao sabirmos do *Duomo* encontramos as ruas atulhadas de Toscanos e Toscanas que vinham ao mercado. Toda esta multidão , de traço pitoresco , apresentava um animadissimo espectaculo e uma perspectiva curiosa ; foi-nos permittido gozal-a á

nossa vontade dirigindo-nos á egreja de *S. Lourenço*.

Aqui acha-se a capella dos Médicis, que recorda a magnificencia da de Versalhes. Vêem-se nella alem disso os tumulos d'aquella illustre familia, primeiro de commerciantes, depois de principes, depois alliada com a mais nobre casa do universo, a casa de Bourbon!!! E alli, muito proximo, está outra capella, destinada á sepultura dos principes austriacos que hoje reinam em Florença. Assim passam as coroas d'uma cabeça a outra; assim passam os homens; assim passam as dynastias; uma só coisa não passa: a morte! que reduz ao mesmo nada os principes da terra, qualquer que seja a nação a que pertençam.

A nossa peregrinação terminou com a visita das duas egrejas da *Annunziata* e de Santa Magdalena de Pazzi. Na primeira, conserva-se uma imagem miraculosa da Santa Virgem, em grande veneração entre os Florentinos. Depois de haver saudado a Rainha do templo, admiram-se diversos quadros d'Andrea del Sato (1), representando as principaes passagens da vida de S. Philippe Benizzi. Para comprehender uma das mais notaveis, é mister recordar que o Santo, estando nas agonias, poz todos os seus irmãos em agitação, pedindo-lhes o seu livro. Os bons religiosos não podiam acertar em achal-o, ainda que lhe houvessem apresentado grande numero delles. Finalmente, trouxeram-lhe o seu *crucifixo*. « Sim, eis aqui o meu livro », disse o Santo moribundo; e estudando-o pela ultima vez com amor, morreu no meio da sua deliciosa leitura. A ca-

(1) Nascido em Florença em 1488.

pella que encerra a imagem miraculosa é de incrível riqueza : o pavimento é de porphyro e de granito egypcio ; as paredes do pequeno oratorio são incrustadas de agata , jaspe e outras pedras preciosas ; possui todas as magnificencias da natureza e do genio. A egreja de Santa Magdalena offerece-nos um ornamento que ultrapassa todas as obras-primas da arte : são as reliquias da Santa. Quam grato é venerar , sob aquellas abobadas scintillantes de doirados, o corpo virginal da illustre amante do Salvador ! Quam grato é recordar , em presença do seu glorioso tumulo, aquelles cantos inspirados pelo muito amado da sua alma , e aquelle amor ardente que lhe fazia dizer : « Eu para commungar não hesitaria , se fosse necessario , em entrar na cavêna d'um leão ! »

Tornando a passar por ao pé da cathedral , paramos ante o monument, erguido á gloria d'Arnolfo di Lapo , que foi o architecto do celebre edificio ; por baixo do busto lê-se a inscripção seguinte :

Ille hic est Arnulphus

Qui facere jussus .

Ædis metropolitanæ

Tanta ex decreto communis Florentinorum

Magnificentiæ extruendæ

Quantam nulla hominum

Superare posset industria

Ingenti civium auso

Ob aciem animi ingentem

Parem se prebuit (1).

(1) « Este é Arnolfo que , tendo recebido da camara de Florença ordem de edificar uma cathe-

A exageração italiana tem-se tornado proverbial entre nós outros filhos do Norte. Desta exprobração que nós dirigimos a todos os povos meridionaes, parecia-nos ter a prova no emphatico elogio d'Arnolfo. Todavia, a grandeza e a belleza do monumento podem desculpar a poetica licença da inscripção; a nossa sentença foi pois suspensa até mais ampla informação. Mas eis que um novo documento de convicção nos esperava, dois passos mais adiante. Como o primeiro, não estava este, é verdade, gravado no marmore por ordem dos magistrados da cidade; estava simplesmente escripto n'uma caixa de papelão, por não sei que proletario desconhecido. Esta circumstancia nada lhe tirava da sua força; pelo contrario, fortificava, alargando-a, a base do raciocinio seguinte: Pois que a exageração se encontra em todos os graus da escala social, a exprobração dirigida a este povo não é sem fundamento. Estudando a nova prova que acabava de cair-nos nas mãos, não se deve esquecer que se pôde ler o caracter d'um povo em pranchas de marmore ou em caixas de papelão:

La nature, féconde en bizarres portraits,
Dans chaque âme est marquée à de différents traits :
Un geste la découvre, un rien la fait paraître ;
Mais tout esprit n'a pas des yeux pour la connaître.

(A natureza, fecunda em retratos extrava-

dral de tal magnificencia, que nunca a industria humana podesse excedel-a, se mostrou, pela altura do seu genio, ao nivel do gigantesco projecto dos seus concidadãos. »

gantes, está marcada em cada alma com traços diferentes: descobre-a um gesto, patentêa-a um nada; porem nem todos os espiritos tem olhos para a conhecerem.)

Um dos meus amigos havia comprado uma caixa de lumes promptos, da composição de *Philippe Barrier, d'Empoli na Toscana*. Depois de ter accendido a minha vela, tive a curiosidade de ler os versos italianos escriptos na dicta *scatola* de papel pardo; prestaí attenção aos accentos desta musa ignorada:

Qual è causa del giubbilo
Che m'empio tutto il seno
Che quasi vengo meno
Per questo gran piacer?
Ah! sol la causa è questa,
Aver su tutti l'impero,
Poter schernire altero
Il mio nemico ognor;
E dirgli sorridendo:
Ascalta risuonare
D'all'uno all'altro mare
Il nome di Barrier (1).

Senr. Philippe Barrier, d'Empoli na Toscana, que vos cantais neste tom, por haverdes descoberto lumes, permitti-me que vos pergunte que

(1) « Qual é a causa da alegria que me inunda a alma, e me causa tamanho prazer que quasi desfalleço? Ah! a unica causa, é o ter sobrepujado a todos; é poder sempre escarnecer dos meus rivaes, e dizer-lhes sorrindo: Ouvi resoar d'um mar ao outro o nome de Barrier. »

versos terreis dirigido a vós proprio, se, novo Colombo, houvesseis descoberto a America?



27 de Novembro.

Uma surpresa. — Galeria do palacio Pitti. — Juizo sobre a *renascença*.

Este dia, em que o céu se mostrava tão puro como na vespera, começou por uma surpresa. Apostaria quanto quizesseis que a não adivinharíeis. Quarenta e oito horas antes, havíamos encontrado alguns Francezes á meza redonda, e hoje sabemos que estamos hospedados em casa de um... Nivernez! É verdade. Pela manhã, o estalajadeiro, que tinha visto e registado os nossos passaportes, veio ter comigo, e disse-me: « Sou feliz, senhor abbade, por ver um ecclesiastico da minha terra. — Sois Francez? — Melhor, que isso: sou Nivernez. Meu pai e minha mãe eram de Nevers; ainda tenho um tio naquella cidade; é padre; ainda vive? — Fazei favor de me dizer o seu nome? — O senr. B... — Conheço-o muito bem. Posto que muito edoso, passava bem, ha um mez, na epocha da minha partida. » E as lagrimas vieram aos olhos do excellente homem; e ficamos muito conhecidos; e eis-nos fallando e tornando a fallar de Nevers e do Nivernez. O digno senr. B... contou-me a sua interessante historia; e, desde esta occasião, nós fomos os mimosos da estalagem de *Porta Rossa*.

Quasi tão felizes com o nosso encontro como

o senr. Philippe Barrier com a sua descoberta, fomos ao passeio. A velha Florença *religiosa* havia recebido a nossa visita; era hoje a vez de Florença *artistica*. A mãe antes da filha: eis o que se chama observar as conveniencias.

As galerias do palacio Pitti, os Uffizi, o Palazzo Vecchio, a Academia, nos viram successivamente. Estes brilhantes sanctuarios da arte deviam estar muito admirados, elles costumados a tantos sorrisos approvadores, a tantas exclamações admirativas, da cara habitualmente severa que nós lhes mostramos. Para nos justificarmos, bastará, creio eu, explicar-nos.

Estavamos nos logares de triste memoria onde, tres seculos e meio antes, a arte sensualizada e libertina havia repudiado a sua casta esposa, a religião catholica, para desposar a impura mythologia da Grecia e de Roma. Por todas as partes, os nossos olhos viam os fructos degradados deste commercio adultero: deploravel divorcio cuja causa e cujos effeitos é de mister recordar. O Christianismo, que purificara o mundo das infamias pagans, que o salvara da barbaria dos povos do Norte, que erguera as sociedades modernas a tamanha superioridade de costumes e luzes, inspirara tambem o genio das artes. No fogo sempre puro dos seus altares, nos claroens sempre divinos dos seus mysterios, haviam o pintor, o esculptor, o architecto, o poeta e o orador accendido o seu facho, e bebido as suas inspiraçoens; e o mundo espantado vira os seus pensamentos traduzirem-se em monumentos de toda a especie, de uma elevação, graça, castidade, magestade, d'um espiritualismo desconhecido da antiguidade. Era um admiravel reflexo do

principio sobrenatural que se tornara a alma das nações regeneradas.

Chegava o decimo-quinto seculo ao seu meado. Filha da fé, caminhava a Europa artistica com passo rapido na via de um progresso que lhe era proprio, porque era o desenvolvimento natural da sua religião, dos seus costumes, das suas idéas, fundidas, como ella, no molde do Christianismo. Já havia fallado S. Bernardo; havia cantado o Dante; Cimabue, Giotto e muitos outros haviam escripto com o seu immortal pincel as paginas sublimes da arte christiana nas egrejas de Florença, Bolonha, Assis e Padua; mil cathedraes, com as suas myriadas de torres pontiagudas, levavam ás nuvens a gloria da architectura catholica e o poder do genio inspirado pela-fé. Que brilhante dia annunciava tam brilhante aurora!

Mas eis que os Gregos, tristes reliquias d'uma nação dispersa pelos quatro ventos por haver trahido a fé de seus pais, chegam a Florença. Na sua bagagem de proscriptos, trazem as obras dos philosophos, poetas, oradores, artistas pagãos, de quem são admiradores fanaticos. Acolhidos pelos Mediceis, pagam a sua benevolencia explicando as obras dos seus antigos compatriotas. Pelo que diziam, a Europa ate então nada entendeu de philosophia, de eloquencia, de poesia e de bellas artes. « Barbara, instrue-te, não mais procures os teus modelos, nem as tuas inspiraçoens, nos teus grandes homens, nos teus annaes, na tua religião. Só Roma pagan, só a Grecia pagan especialmente, podem offerecer-te, em todos os generos, obras-primas dignas das tuas meditaçoens. Lá, foi o monopolio do genio, de

saber e da eloquencia ; lá , existiram homens que debes imitar , porem que nunca has de egualar : a tua gloria será o aproximar-te delles ; não esperes ir tam longe : elles pozeram as columnas d'Hercules da intelligencia humana. »

Eis ahi o que foi dicto e repetido em todos os tons , pelos recém-chegados e seus discipulos. E deixaram-se illudir pelos seus discursos, e romperam violentamente com o passado ; e nada mais viram que os pagãos d'Athenas e de Roma ; e tanto quanto nella coube , a Europa sabia esforçou-se por se fazer à imagem delles. Varias escavaçoens activamente seguidas produziram a descoberta de algumas estatuas dos habitantes do Olympo ; todas as artes acudiram para se inspirarem na contemplação dos novos modelos : a revolução foi consummada. Tal é em poucas palavras a historia da *Renascença*. Quanto á sua influencia sobre a sociedade em geral , e especialmente sobre as bellas artes , tem ella sido objecto dos juizos mais contradictorios. Já que estamos em Florença e vamos visitar a galeria Pitti, as principaes peças do processo vão-nos passar pela vista ; importa estudal-as bem. E' o melhor meio de apreciar com justiça o grande movimento do XV seculo , e de distribuir conscienciosamente a censura e o elogio.

A Renascença , todo o mundo convem n'isso, foi particularmente o culto da forma , mais ou menos desprezada pela Eschola catholica. Este amor da forma é bom , é necessario até para a perfeição dos objectos d'arte. D'ahi as magnificas incitaçoes que Roma foi a primeira que se apressou a dar-lhe. Mas deve elle ficar dentro de justos limites. Primeiramente , não deve pre-

valecer sobre a inspiração, no sentido de que o artista, absorto pelo desejo de representar a belleza material, despreze o pensamento que deve animar a tèle ou o marmore, e nos assumptos religiosos fazer da arte um verdadeiro sacerdocio. Depois, este amor da forma não deve ir até devassal-a e represental-a em certas partes que a moral publica não permite expor á vista. Finalmente, o amor da forma não deve fazer esquecer ao artista que a belleza material não póde nem deve ser mais que o reflexo da belleza ideal, cujo typo se encontra na humanidade ennobrecida pelo Christianismo. Os gloriosos habitadores do céu, o Homem-Deus, sua augusta Mãe, os anjos, os santos e as santas, estudados no silencio da meditação, e contemplados com essa segunda vista que dão a pureza de coração e a piedade, tal é a fonte da inspiração christian e o verdadeiro typo do bello. Entre esta inspiração e a mythologica ha, concebe-se, a mesma distancia que entre o céu e a terra. Representar as qualidades divinas, as virtudes, os sentimentos celestes daquelles typos augustos juntando a isso a belleza da forma, é elevar a arte ao seu mais alto poder.

Uma vez recordados estes principios, diremos que a Renascença merece justos elogios por haver cultivado a forma, e de boa mente lhe pagamos esse tributo. Mas se ella sacrificou a inspiração á forma; se a pintou em partes cuja vista ultraja os costumes publicos; se, em vez de procurar o typo do bello no céu, o procurou demasiado habitualmente na terra ou no olympto, então merece uma censura severa: porque materialisou o genio e tornou a arte infiel á sua nobre e santa missão. Vejamos se assim è e entremos na celebre galeria.

Eis-nos no fundo da grande escada da qual subimos os soberbos degraus, entre duas alas de Venus, Hercules, Faunos, Bacchos, Mercurios, Satyros, Hygias, Pallas e Esculapios. A' escada succede o vestibulo denominado *sala delle nicchie*; este nome vem-lhe dos nichos abertos nas paredes e destinados a receber estatuas: nelles se encontram Venus, Flora, uma Musa, Apollo Musageles, Marco-Aurelio, Antonino, Commodo; por fim estamos no limiar da galeria. Este templo da pintura, em que a Renascença expõe á admiração a maior parte das suas obras, divide-se em quinze *capellas* ou saloens. Nenhum recebeu denominação christan. *Tres* tem nomes insignificantes: saloens *della Stuffa*, *das Creanças*, de *Pocelli*. Os doze outros tem o nome d'uma divindade pagan ou d'um semi-deus: salão de *Venus*; salão d'*Apollo*; salão de *Marte*; salão de *Jupiter*; salão de *Saturno*; salão da *Iliada*; salão da *Educação de Jupiter*; salão d'*Ulysses voltando a Ithaca*; salão de *Prometheo*; salão da *Justiça*; salão de *Flora*; salão da *Musica*.

A fim de não haver engano ácerca do pensamento que presidiu a este arranjo e a estas denominaçoens, é de mister notar: que estes ultimos saloens são os mais ricos e magnificòs; que o salão de Venus é o primeiro; que cada divindade tutelar está pintada na abobada do salão, com os seus castos attributos, ou no cumprimento de alguns factos mythologicos, todos mais proprios uns que os outros para inspirar celestes pensamentos. Por baixo, nas quatro paredes do sanctuario, vêdes os quadros dos grandes mestres da Renascença. Dir-se hiam promessas *ex-voto*, que testificam reconhecimento dos artistas

para com o deus ou a deusa, á inspiração dos quaes parecem declarar-se devedores das obras do seu pincel.

Que vos parece? Todo este espectáculo tam perfeitamente pagão não parece a traducção literal do pensamento artistico moderno, e o testemunho irrecusavel da alliança adultera verificada pelo fim do seculo XV? Não parece a galeria de Florença dizer ao joven artista: « Levanta os olhos para a ábobada dos meus saloens; eis os deuses da Pintura e das Artes; eis os que inspiraram as obras-primas que brilham aos seus pés; não tens para que buscar no céu dos christãos inspiraçoens e modelos: basta-te o olympto; a estrada está traçada pelos vestigios luminosos dos grandes mestres; trabalha, imita, espera? »

Estudemos agora os resultados do principio pagão, inspirador da Renascença.

Os quadros da galeria dividem-se em duas grandes classes: os assumptos profanos e os assumptos religiosos.

Os primeiros são executados pelos mestres, com grande perfeição. Vê-se que foram traçados com enthusiasmo e segundo a impulsão do coração. Ha figura tal que diante della pôde o cirurgião fazer um curso d'anatomia. A doçura, a força, o brilho, os mais delicados matizes da carnção; a flexibilidade das carnes; as fibras, os nervos, os musculos, os mais pequenos tendoens; o jogo complexo dos orgãos, a sua dilatação ou contracção, conforme os prazeres e as dores, ou as impressoens *naturaes* da alma; nada lhes falta. A todas estas qualidades se reuñem a regularidade das proporçoens, a irreprehensivel naturalidade das attitudes, a belleza arrebatadora do

colorido, e a forma material e a sensação physica se acham representadas com uma perfeição de des-
esperar: assim devia ser.

Com o mesmo prazer e bom exito, póde o botanico estudar certo vaso de flores. Os pistilos e as petalias com os seus matizes tam variados e delicados; as folhas, com a sua brandura ou o seu lustro, que sei eu? a posição da haste, o seu diametro, a sua elevação: tem-se a certeza de encontrar alli tudo o que se encontra na natureza, imitado e representado com admiravel exactidão: ainda assim devia ser. Deste modo, miudezas anatomicas, precisão de desenho, belleza material, pureza, vivacidade, graça de colorido; n'uma palavra, tudo o que é do dominio dos sentidos, está reproduzido com rara felicidade: isto pelo que toca aos assumptos *profanos*.

Quanto aos assumptos *religiosos*, adivinha-se o que podem ser: o pintor fel-os á sua imagem, como elle proprio se havia feito á imagem dos modelos pagãos e profanos. A forma material não deixa nada ou quasi nada a desejar. Tendes bellos homens e bellas mulheres, Graças até e Deusas; porem santos e santas, pouco ou nada. Busca-se o ceu, e só se encontra o olympto; os olhos admiram, porem o coração não ora. Toda uma ordem de sentimentos, ideias, imagens, depositada em nós pelo catholicismo, e que compõe como a essencia do nosso ser *sobrenatural*, fica sem traducção. O pintor não nos comprehende; o seu idioma não é o nosso: elle falla segundo a *carne*; e nós fallamos segundo o *espirito*.

D'ahi as incorrecçoens e os contra-sensos que commette quando quer gaguejar a nossa lingua. Exemplos: recordavamo'-nos das madonas de Giotto,

de Lippo Dalmasio, do bemaventurado Angelico de Fiesola, e procuravamos, nas que estão suspensas nos saloens de Marte e Jupiter, os singelos encantos, a graça pudica, a doce serenidade, a santidade; n'uma palavra, esse reflexo divino que brilha nas primeiras e só pelo qual consente a nossa fé em reconhecer a virgem Mãe de Deus; ai! já o não encontravamos, excepto talvez na *Madona do duque d'Alba*, de Raphael. Olhamos ainda, e descobriamos, a pezar nosso, nos Santos, nas Santas, nos Martyres, nos Anjos, uns ares de parentesco com Apollo, Jupiter, as Graças, as Musas, os Heroes e as Heroínas da antiguidade, que nos tornavam palpavel a inspiração sensual que os dictou. Isto è nem mais nem menos o que deve ser. Os grandes mestres da Renascença são pintores verdadeiramente religiosos, como foram verdadeiramente christãos, momentaneamente e por excepção. Francamente, a quem se espera capacitar que levando uma vida toda sensual, enchendo o espirito, a memoria, o coração, de pensamentos, imagens e affeições grosseiras, è sufficiente saber desenhar, ter na mão um pincel e diante dos olhos a primeira Fornarina, dotada de alguns encantos, para fazer uma santa, uma Virgem, a mais pura das virgens? Oh! isto nunca eu o acreditarei; porque nunca acreditarei que o facho divino do genio se accenda na lama das paixoens! No entanto a historia está ahi para nos dizer que taes foram os *modelos* e a receita demasiado ordinaria dos pintores do XVI seculo e dos seus successores. E querer-se-hia que tivessemos fé na inspiração religiosa de todos esses artistas? *Credat Judæus Apollo...*

Ter sacrificado demasiado á forma material, e desprezado a inspiração christã, eis, creio eu, as duas primeiras exprobraçoens que se podem com justiça fazer á Renascença. A galeria do palacio Pitti nos informa que ella merece outra muito mais grave. Antes da Renascença não se pintava o nu, e isto por duas razoes: primeira, porque a religião christã essencialmente espiritualista e moral o veda. A arte era tomada a serio e olhada como um sacerdocio, como uma lingua sobrenatural destinada a traduzir uma ordem de idéas, sentimentos e bellezas superiores aos sentidos. Prova, em diversas epochas, a vida e as obras de Cimabue, Giotto, Lippo Dalmasio, do B. Angelico da Fiesola, do seu discipulo querido Benozzo Gozzoli; de Gentile Fabriano, Thaddeo Bartolo; finalmente dos dois religiosos Vital e Lorenzo, que, pintando os claustros de Bolonha, trabalhavam juntos como dois irmãos, excepto quando se tractava de representar o Crucificado. Então Vital se sentia de modo tal aniquilado pelo assumpto, que o abandonava completamente ao seu amigo. Poderia citar outros exemplos não menos notaveis deste profundo sentimento religioso empregado na arte pelos pintores verdadeiramente christãos.

A segunda razão por que se não pintava o nu, è que isto não era necessario á perfeição da arte catholica. Procurava-se representar exclusivamente a belleza *espiritual*, a unica cuja vista eleva acima dos sentidos. Ora, esta belleza reflecte-se unicamente nos olhos e nas feiçoens do rosto. D'ahi a incomparavel pureza das figuras e o typo verdadeiramente divino, que distinguem as obras dos grandes mestres anteriores ao mo-

vimento do XV.^o seculo. Vê-se que esta parte absorvia os seus cuidados e o seu talento; todo o resto, olhado como accessorio, é tractado com certa negligencia, objecto eterno de censuras levadas até á injustiça a respeito das partes visiveis das antigas pinturas. Esta dignidade, esta santa missão da arte foi desconhecida pelos novos artistas. Formados na escola do paganismo, não viram habitualmente mais que a belleza material, e para a fazerem sobresahir, pintaram o nu: e pintaram-o, miseraveis! com um luxo e uma impudencia que faz baixar os olhos á virtude, e que deve cobrir de rubor a face menos pudica. Então é isto, perguntamos, o legitimo uso ou o abuso da arte? Póde-se acreditar que Deus desse ao homem o genio para corromper mais habilmente?

Se, nos assumptos profanos, é o nu de que fallo um escandalo, não é elle nos assumptos religiosos um contra-senso sacrilego? Não se revolta o senso christão, quando nos dão por santas, figuras despidas e provocantes como nymphas ou sereias? e pela augusta Mãe de Deus, uma mulher mostrando a todos os olhares um menino completamente nu? Não, não, por mais que digam e por mais que façam, nunca persuadirão a nenhum catholico, que as nossas santas tinham a desenvoltura das deusas; e que a mais recatada de todas as mães, a mais santamente pudica de todas as virgens, Maria emfim, desse jamais ao publico um espectáculo como aquelle de que acabo de fallar.

Todavia, foi-nos grato reconhecê-lo, e é-nos consolador declaral-o, a estes contra-sensos estranhos, para não dizer sacrilegos, offerece a ga-

leria de Florença honrosas excepções. Raphael, Ticiano, Murillo, Guido, Tintoreto, Julio Romano, e outros mais, escreveram paginas verdadeiramente christãs, isto é verdadeiramente sublimes. Mas, admittidas estas excepções, é difficil não sancionar as graves censuras dirigidas á Renascença. Ella hourou o culto da forma a ponto de o tornar idolatrico; a arte cessou de ser a lingua do espiritualismo, para tornar-se a lingua do sensualismo; em vez de se conservar um sacerdocio catholico, foi demasiadas vezes um sacerdocio degradante e corruptor. Pelo que toca á essencia, perdeu pois mais do que ganhou com a revolução do XV.º seculo. Quanto á forma, poder-se-hia provar que permanecendo catholica não teria atingido essa correcção de desenho, essa regularidade de feições, toda essa perfeição de attitudes, de roupagens e outros accessorios de que a Renascença se gloria justamente? Aquelle que póde o mais, póde o menos. A arte catholica havia-se elevado até á belleza ideal e espiritualista: uma pouca de pratica ter-lhe-hiá dado o segredo da belleza sensivel, cujos modelos são palpaveis; mas havia-os desprezado pelas rasoens mais acima enunciadas. Poder-se-hiam citar em prova as obras-primas de Giotto e do B. Angelico, de Gaddi, etc. A capella dos Hespanhoes, em Roma, possui muitas figuras tam bellas em estylo e expressão como as de Raphael, e os pensamentos são mais profundos, mais vastas as concepções. A madona de Santa Maria *in Cosmedin*, e Nosso Senhor, na igreja dos SS. Cosme e Damião, são admiraveis; as figuras são d'um tamanho a que Miguel Angelo, Raphael e todos os pintores que se lhes seguiram nunca chegaram.

Sahimos da galeria de Florença com os olhos deslumbrados, porem com o coração mui pouco satisfeito. A' vista de tanto genio tam tristemente despendido, geme-se amargamente, e não se encontra consolação senão na esperança d'uma volta á ordem, volta ardentemente desejada hoje e cujo salutar progresso deve cada qual prometter de apressal-o com todo o poder da sua fraqueza. Tal é o motivo das reflexoens que precedem; oxalà possa elle justificar-as!

28 de Novembro.

Anecdota. — O Palazzo-Vecchio. — Os Uffizj. — Visita ao senhor Conego B... — Estado moral de Florença. — Confraria da Misericordia. — Catecismo de perseverança.

Haviamos hontem deixado a galeria para passarmos aos *Uffizj*, mas a hora adiantada obrigou-nos a deixar esta visita para o dia seguinte. Durante a noite, o aspero clima do norte substituiu a suave temperatura da Italia. O friorento Toscano, assaltado d'improviso, não sabia como embrulhar-se no seu capote. O seu embarço nos fazia rir, porque o frio nos parecia muito supportavel. E' verdade, que antes de começarmos o nosso bello e longo passeio, pelas margens pittorescas do Arno, tivemos cuidado de almoçar com um appetite que a curiosa conversação d'um viajante inglez favorecêra singularmente.

Este amavel-narrador era um velhinho, muito experto em materia de viagens. Na sua vida nomada, havia visitado varias vezes a Europa in-

teira. Nada importante lhe escapara, e fallava de tudo com uma exactidão e opportunidade que davam ás suas relações um encanto e interesse sempre equal. Por um privilegio bem raro entre os seus compatriotas, exprimia-se na nossa lingua com elegancia e sem accento. A conhecimentos variadissimos, juntava, o que é ainda mais raro, perfeita modestia. Eramos cinco ou seis sómente na sala de comer; a conversação era geral. Perguntavamos uns aos outros o que tinhamos notado nas diferentes cidades d'Italia.

No numero dos convivas achava-se um viajante, muito entusiasta do que tinha visto. Mas os seus elogios subiam além do superlativo, se, por acaso, o objecto da sua admiração, ainda que não fosse senão uma bagatella, vos havia escapado. Dirigindo-se pois ao velho: « Senhor, disse-lhe, já fostes a Genova? — Sim, senhor, até lá me demorei bastante tempo: creio conhecer essa cidade. » E poz-se a contar-nos por meudo o que tinha visto: egrejas, monumentos, quadros, palacios, institutos, glorias numerosas da soberba cidade, a tudo passou revista. Depois desta comprida nomenclatura, o viajante accrescentou: « Vistes a villa Negroni? — Não, senhor. — Como, pois não vistes a villa Negroni? então não vistes nada. » E o viajante extasia-se com as bellezas, curiosidades e riquezas da villa; e felicita-se de a ter visitado, e lamenta que o velho a houvesse esquecido. Ora, como vos eu dizia, em Genova, a villa Negroni nada encerra que senão encontre vinte vezes na Italia. Não tem quasi que a seu favor senão a vantagem da sua posição. Do jardim goza-se o panorama da cidade; porem este mesmo golpe de vista tendel-o maior e mais

completo de varios outros pontos ; tal, por exemplo, como a cupula de Santa Maria *di Carignano*. « Senhor, agradeço-vos a vossa indicação ; dentro d'um mez estarei de volta em Genova, e prometto de não esquecer a villa Negroni. » E immediatamente escreveu no livro de lembranças : *Villa Negroni, em Genova.*

A conversação continuou, estendeu-se, saltou de assumpto em assumpto, e o velho a deixou correr. Continuava todavia a tomar parte nella, pronunciando de vez em quando algumas palavras, que pareciam dizer : Eu te levarei ao meu ponto. De feito, ao mesmo tempo que comia o seu *beefsteack*, e sem parecer que guardava uma segunda tenção, poz-se a contar-nos varias anedotas. « Recordo-me, entre outras, nos disse, de uma circumstancia da minha primeira viagem a Paris, que nunca me esqueceu. Era eu então novo, curioso, como se è aos vinte annos, e muito amante de monumentos e obras-primas. Seis mezes inteiros não me tinham parecido demasiado longos, para estudar Paris. Desta cidade fui-me estabelecer em Versalhes. Um dia em que eu visitava o castello, encontrei-me com uma companhia de viajantes francezes. Uma senhora de muito boas maneiras, tendo-me reconhecido por estrangeiro, perguntou-me se eu tinha visto Paris. — Sim, senhora. — Vistes as galerias do Louvre? — Sim, senhora ; sou amante de pintura, e foi por ahi que comecei. — Vistes Nossa-Senhora, Santa-Genoveva, Santo-Estevão-do-Monte? — Sim, senhora. — Ella passeou-me por todo o Paris. A todas as suas perguntas, dava eu a mesma resposta, e a minha resposta era verdadeira. De repente voltou se e disse-me : =

Vistes o canal do Ourcq? — Não, senhora. — Como! pois não vistes o canal do Ourcq? então não vistes nada. »

A este ultimo tiro que ia na direcção do nosso viajante francez como uma frecha ao seu alvo, todos deram uma gargalhada de riso, sem exceptuar o charitativo indicador da *villa Negroni*.

Voltando do passeio, onde poderamos gozar sitios encantadores visinhos de Florença, dirigimo'-nos aos *Uffizj*. Antes de chegar ao novo templo das artes, eis a praça Ducal, com o seu *rapto* das Sabinas e não sei quantas outras estatuas, cujo nu recorda tristemente a fonte de Neptuno, em Bolonha. Diante ergue-se o Palazzo-Vecchio. Severo, solido, pitoresco, elevado pelo fim do XIII.º seculo, dominado pela sua alta e atrevida torre, a antiga mansão dos Medicis vos transporta completamente á idade media. Elle rediz a um tempo, a magnificencia dos seus antigos senhores, e os tragicos acontecimentos de que foi impassivel testemunha. Subindo a escada principal, espera-se encontrar o frade Savonarole, o ardente tribuno, que pagou com a cabeça as suas prègaçoens democraticas: passa-se pelo mesmo logar onde elle foi despojado do habito de dominico, antes de subir ao patibulo. A torre chamada *Barberia* recorda Cosme de Medicis, o pae da patria. Encerrado n'aquelle carcere aereo pelo fogoso Rinaldo dos Albizzi, teve por guarda Frederico Malavotti, denominado o mais honrado e delicado dos carcereiros.

Atravez um povo de estatuas chega-se aos *Uffizj*: este nome celebre na historia das artes designa um novo palacio cheio de quadros e estatuas antigas

e modernas. Alli, vêdes, no gabinete dos pintores, todos os retratos dos *grandes artistas*, feitos por elles mesmos : esta collecção é a unica no mundo. As diferentes Escolas de pintura, italiana, flamenga, franceza, alleman, hespanhola, tem cada uma seu salão particular. Encontramos lá com felicidade as obras dos artistas catholicos collocadas na primeira ordem: o mesmo succede na *Academia*, onde Florença conserva em grande numero as obras-primas do B. Angelico e dos outros pintores, seus contemporaneos. A visita da Academia e dos Uffizj, ao mesmo tempo que vos reconcilia um pouco com a cidade da Renascença, faz lastimar mais vivamente o desvio do XV.º seculo. Entre uma multidão d'objectos que compoem a galeria dos bronzes no palácio dos Uffizj, dois ha que excitaram vivamente a nossa curiosidade. E' o primeiro uma aguia romana, a aguia da *vigesima-quarta* legião; o segundo é um capacete de ferro, com uma inscripção em letras desconhecidas: um e outro provem do campo de batalha de Cannas.

Como estudo de costumes, a collecção dos bustos antigos de todos os imperadores romanos, partindo de Augusto até Diocleciano, offerece grande interesse. A sociedade de sangue e de lodo, de que os Cesares foram a personificação, reflecte-se nas suas feiçoens com espantosa verdade. Testas, a maior parte deprimidas, carnes pendentes, e parte interior do *facies* muito desentolvida, um pescoço de toiro, olhos duros e salientes, ou pequenos e profundos, separados por um nariz proeminente, dão a uns a figura de bestas immundas e ferozes; a outros, a das grandes aves de rapina. Entre os bustos imperiaes, dispostos em duas linhas, estão intercaladas as estatuas dos

habitantes do Olympo. Os deuses e os Cesares, reunidos por fragmentos de lapides sepulcraes, com inscripçoens aos deuses manes, occupam os dois lados de uma immeosa galeria: dir-se-hia uma hecatomba horrenda onde o mundo antigo, immovel e gelado, se resume em tres palavras: crueldade, voluptuosidade, morte. Não obstante as vergonhosas desnudezes com que fatiga os olhares, não é este spectaculo destituido de utilidade para o observador christão. Aparecendo-lhe tal qual foi, o paganismo collocou nos seus labios mais de uma benção vivamente sentida ao Deus de misericordia que fez entrar nas trevas todo aquelle horrivel universo.

Entretanto era chegada a hora de me achar n'uma entrevista vivamente desejada. Haviam-me dado o endereço d'um conego da cathedral, homem mui distincto e mui capaz de me fornecer, acerca do estado moral de Florença, todas as informaçõens desejaveis. A minha esperança não foi baldada. Encontrei um velho de cabello branco, antigo missionario d'America, sincero amigo da França, e juntando a raros conhecimentos muita candura e affabilidade.

A's perguntas que lhe dirigi respondeu-me nestes termos: « O Jansenismo dogmatico está extincto entre nós; porem os males que elle fez não estão inteiramente reparados. Até agora tem-se seguido no ensino os auctores *severos*: começa-se a substituir-lhes Santo Alfonso. A theologia do illustre bispo, adoptada e praticada na Toscana, é um facto que podeis olhar como mui significativo. O nosso clero é numeroso; julgai d'elle pelo da cathedral que conta trinta e seis conegos, sessenta e cinco capellaens e cem cleri-

gos, chamados *Engeniani*, em memoria de Eugenio IV. No concilio de Florença, este papa, nosso compatriota, teve por bem conceder a cem jovens ecclesiasticos da nossa cidade o privilegio de serem admittidos ás ordens sem beneficio nem patrimonio, com a condição de nove annos de serviço na cathedral. Uma coisa nos falta, e é a organização dos vossos seminarios. Ninguem entre vós é admittido às ordens sem que a sua vocação haja sido duas vezes provada: a primeira no pequeno seminario; a segunda no grande. Nós temos muitos seminarios, mas o vicio destes estabelecimentos é o não serem separados.

Todavia o clero faz o bem; tal-o-hia melhora mais facilmente, se o espirito de José II não reinasse ainda na Toscana. O poder civil invade quanto pode os direitos da Igreja, e não cessa de queixar-se da invasão do clero. — É, lhe disse eu, meu veneravel collega, a tactica um pouco usada d'um personagem chamado entre nós *Roberto Macario*, que, depois de haver roubado o seu vizinho, é sempre o primeiro a gritar aqui-d'el-rei ladroens.

« Os costumes, continuou elle, seriam geralmente bons, porque ha fé e até piedade em Florença; mas os estrangeiros fazem-nos muito mal: contam-se habitualmente de quinze a vinte mil. Comtudo o dever pascal é geralmente cumprido pelos homens do mesmo modo que pelas mulheres. Sabemol-o d'uma maneira certa; porque, posto que ninguem seja obrigado a confessar-se na Pascoa ao seu parochio, ha obrigação de receber a Eucharistia na sua freguezia e de entregar ao pastor um bilhete de communhão.

« Não obstante as más doutrinas trazidas pelos estrangeiros; não obstante os vossos livros impios

com que os falsificadores belgas nos inundam ; não obstante os venenos derramados nas entranhas do nosso povo pelas nudezes escandalosas expostas nas nossas galerias e praças publicas, como em muitas outras cidades da Italia, temos, além do bem que vos disse, uma instituição admiravel, que é gloria exclusiva de Florença e da nossa santa religião: é a *confraria da Misericordia*. Ella foi fundada pelo meado do seculo XIII.º, por alguns nobres Florentinos, por occasião da peste que devastava a nossa patria: conta cerca de mil confrades. O principe reinante, o cardeal-arcebispo, os homens mais distinctos fazem parte della, e não podem ser mais que simples confrades ; os regulamentos os excluem de todas as dignidades. A confraria tem por fim soccorrer os feridos, transportal-os ao hospital e tractal-os até que estejam curados ou sejam chamados a melhor vida. Esta instituição tam respeitavel surprehende e edifica os estrangeiros. Vêdes algumas vezes escapar-se dos circulos mais brilhantes um destes confrades advertido pelo sino do zimbório de algum accidente. A este chamamento da charidade, corre a vestir o seu uniforme religioso, especie de habito preto com capuz, trajo monastico que dissimula a desigualdade das classes e do qual está suspenso um rosario. Este homem do mundo, nascido no meio dos gozos da vida, pega de boa vontade a uma das extremidades da maca ; caminha vagarosamente atravez das ruas da cidade, carregado com seu irmão que soffre, e passa, sem pezar, sem surpresa, do salão ao hospital (1).

(1) Um viajante moderno exprime o mesmo facto nos mesmos termos.

« Entre os confrades de semana , ha sempre um padre munido da extrema-uncção. Se é necessario transportar ao hospital um doente qual-quer , ferido ou não , essa honra pertence ainda exclusivamente á confraria. Se é pobre o doente, sempre ella em sua casa deixa mostras da mais generosa charidade. As senhoras fazem tambem parte da obra da Misericordia, para cujo bem contribuem com suas esmolas e oraçoens. A confraria está dividida por bairros e cada mez um dos membros faz o peditorio.

« Em quanto aos nossos hospitaes , deixam que desejar : as salas d'homens administram-as e cuidam dellas criados , os quaes , com os empregados , gastam grande parte dos rendimentos. Algumas religiosas vigiam as salas de mulheres ; porem a maior parte dos enfermos são tractados por criadas. » E o bom velho poz-se a elogiar-me as nossas irmans de S. Vicente de Paulo , exprimindo o seu ardente desejo de vel-as estabelecidas em Florença. « Existem mais , disse-me concluindo o veneravel conego , varios estabelecimentos de charidade e piedade que visitareis com interesse. Taes são a *pia casa di Lavoro* , o hospicio *Bigallo* , e a *casa pia* de S. Philippe de Neri. Tambem não devo esquecer os nossos cathecismos de perseverança. »

A estas palavras, puxou pelo relógio e disse : « O da *Santissima Trindade* faz-se neste momento , e se desejaes vel-o , não ha tempo a perder ; mas antes de partirdes promettei-me de voltardes amanha. »

Prometti , agradei e dirigi-me a toda a pressa á egreja indicada. O clero parochial, escoudido por traz do altar , psalmodiava as vesporas a meia

voz, em tanto que no meio da nave começava o cathecismo de perseverança. Era numeroso, recolhido e composto de creanças de doze a vinte annos. Encontrar em Italia a instituição a que eu tinha consagrado dez annos da minha existencia; ver-me n'uma dessas interessantes reunioens, á mesma hora em que outras creanças, mui caras ao meu coração, participavam do mesmo exercicio, recebiam a mesma instrucção, foi para mim, confesso-o, uma gratissima surpresa. Estava eu a recommendar ao Deus das creanças o cathecismo italiano e o francez, quando reparei que a noite estava comigo. Sob pena de não dar com o caminho, foi mister partir a fim de regressar á *Porta Rossa*.



29 de Novembro.

Semi-festa de Santo André. — Pia casa di Lavoro. — Hospicio de Bigallo. — Pia casa de S. Philippe — Hospicio dos Innocentes. — Sasso di Dante. — Bibliotheca Laurenciana. — Pandectas Pisanas. — Sepulcro de Miguel Angelo, de Galileo, de Machiavelo, de Pico da Mirandola. — Anecdota.

Hoje ainda na Italia, como n'outro tempo em França, ha semi-festas (1). N'esses dias é permittido trabalhar-se, mas ha obrigação de ouvir missa. O Santo André é uma semi-festa; ella devia celebrar-se no dia seguinte. Como eu atra-

(1) Dias-santos dispensados ainda não ha muitos annos em Portugal.

(Not. do traduct.)

vessasse a praça do mercado, um rapazinho de seus doze annos veio agarrar-se-me á sutana, e disse-me: « *Padre, c'è obbligo di messa oggi?* Padre, ha obrigação d'ouvir missa hoje? » — Hoje, não; mas manha, sim. Depois de me ter beijado a mão, foi-se contente guardar a sua lojinha. No dia seguinte estava elle aos pés do altar, assistindo, com uma multidão de povo, ao santo sacrificio. Virtuoso menino, Deus te abençoe! o teu proceder edificou-me e tive a felicidade de poder dizer comigo continuando o meu caminho: Aqui, pois, tomam-se ainda a serio as leis da Igreja, até mesmo aquellas cuja obrigação parece menos rigorosa e que a distracção do trabalho pôde mais facilmente fazer esquecer. O' França! até quando farás chorar tua mãe e córar teus filhos?

Aproveitando-nos das indicaçoens que na vespéra nos haviam sido dadas, dirigimo'-nos á *piacasa di Lavoro*. Este estabelecimento, um dos mais bellos da Italia, recebe ao mesmo tempo validos e invalidos, mendigos enviados pela auctoridade e indigentes que vão alli voluntariamente procurar trabalho. O numero total varia de 600 a 900. A classificação e as separaçoens que devem d'aqui seguir-se, lá estão estabelecidas. Fazem-se aprender diversos officios. Ha officinas para teceloens, alfaiates, çapateiros, cardadores de lan, seda, algodão, para fabricantes de tapetes de lan, estofos de seda, fitas, barretes vermelhos para o Levante. Parte dos productos é vendida por conta da casa; outra parte é feita por encommenda dos negociantes. As duas terças partes do seu valor são reservadas para o estabelecimento, e a outra terça parte é para os

obreiros. A disciplina é alli suave e severa.

Pouco distante, admiramos a charidade catholica em dois outros theatros. O hospicio *Bigallo*, fundado por Cosme 1.º, é um asylo das creanças a quem a miseria de seus paes deixa sem educação; ao passo que a *pia casa* de S. Philippe de Neri recolhe as crianças que vagueam pelas ruas e as arranca aos perigos que nascem da ociosidade. A charidade vai ainda mais longe, e as crianças no berço são objecto da sua intelligente solicitude. Foi com felicidade que visitamos o hospicio, tam bem denominado, dos *Innocentes*. Fundado em 1421, e construido segundo os desenhos do celebre Brunellesco, reúne a casa de parto ao serviço das creanças achadas; sustenta 4,000 destas creaturinhas e provê as despesas da sua educação até aos 10 annos, para os rapazes, e 18 para as raparigas.

A Toscana conta doze grandes hospicios, sitios nas principaes cidades e destinados a recolher as creanças abandonadas. A roda existe; mas è prohibido depositar n'ella o filho legitimo. Não pôde ser admittido no hospicio senão no caso d'extrema urgencia: por exemplo se a mãe está na impossibilidade de o criar, ou se perdeu o pae, unico apoio da familia. Estas circumstancias devem ser acompanhadas de uma miseria positiva, attestada pelo parochó, pelo medico, pelo juiz, na provincia; pelo commissario do bairro, na capital, e pelo gonfaloneiro da municipalidade, cada qual segundo a sua competencia. Os rapazinhos abandonados estão a cargo da charidade publica até aos 14 annos, as raparigas até aos 18. Todos ficam sob a tutella dos administradores; para as raparigas só acaba na idade de 25

annos. A familia a quem foi confiada uma criança abandonada, que a conservou e cuidou della, se é rapaz, até aos 14 annos, se é rapariga, até aos 18, instruindo-a n'uma profissão util, recebe uma gratificação de 70 libras. As raparigas cujo comportamento é irreprehensivel, recebem um dote na epocha do seu casamento (1).

As nossas interessantes visitas haviam-nos reconduzido junto da cathedral, onde contemplamos ao passar, o *Sasso di Dante*. E' um marmore que indica o logar onde o illustre poeta se vinha assentar para tomar o fresco e inspirar-se á vista do sublime *Duomo*. O primeiro homem do povo vos mostra o *Sasso di Dante*, e vos conta a sua origem, tam popular é o Dante na Italia, mas especialmente em Floreça! Eis uma boa lição para os nossos auctores classicos. Em tanto que os modernos cantores do Olympto e do Pantheon são desconhecidos da multidão do seu proprio paiz, o poeta catholico sobrevive a si proprio ha quatrocentos annos; e os *facchini* de Floreça, e os *lazzaroni* de Napoles, e os *gondoleiros* de Veneza repetem ainda os seus cantos populares. A bella igreja de *Santa Maria Novella*, tam rica de recordaçoes, não nos demorara senão um instante, desejosos como estavamos de tornar a ver o excellente conego B..... Elle deu-nos, sobre a materia que nos havia na vespera occupado, novos pormenores confirmados por grande numero de factos. O seu juizo correspondea perfeitamente à opinião que nós haviamos formado em Genova acerca do estado actual

(1) Veja-se M. de Gerando, *Benef. publ.*, t. II, p. 173—404, t. III, p. 541.

da Italia. Existe em Florença, viva e encarnada, a lucta do bem e do mal. Abaixo das classes literatas, a quem trabalha o carbonismo anti-christão e anti-social, tendes populaçoens nas quaes a seiva da fé corre ainda pura de qualquer mistura; desordens de costumes, como em todas as partes, porem remorsos e conversoens: alli ainda não se conhece, senão por excepção, o respeito humano e a impenitencia final.

Tendo feito a ultima despedida ao nosso veneravel *amigo*, entramos na bibliotheca Lauren-ciana. Ella mostra á curiosidade do bibliophilo as famosas *Pandectas* Pisanas, manuscripto do VI.º seculo, em perfeito estado de conservação; um *Virgilio*, manuscripto do IV.º seculo; finalmente um *Horacio* que pertenceu a Petrarcha, e no qual o celebre poeta escreveu uma palavra pela sua mão, designando aquelle de seus herdeiros a quem lega esta obra. A maior parte dos manuscriptos estão presos nas suas estantes com correntes de ferro: antigo uso que se deve aos Benedictinos, e que affiançou a conservação de mais d'uma obra-prima. Outra corrente, mais forte que a primeira, ligava a obra á estante do monge laborioso; era a excommunhão. Sim, naquelles tempos antigos que se seguiram á invasão dos Barbaros, era lançada a *excommunhão* contra todo aquelle que houvesse removido um manuscripto: tam viva era a sollicitude da Egreja, para prevenir a mutilação ou perda das obras do genio antigo, de que então não existia talvez senão uma copia. E diz-se nos nossos días: A Egreja é inimiga das luzes!

Atravessando parte da cidade chegamos á bella egreja de *Santa Cruz*. Encontram-se n'ella il-

lustres sepulturas: a de Miguel Angelo, a de Galileo, um sarcophago elevado ao Dante, ha apenas alguns annos; por ultimo o mausoleo de Machiavelo, com a inscripção seguinte, no gosto italiano:

TANTO NOMINI NULLUM PAR ELOGIUM.

A egreja de *S. Marcos*, especie de grande fabrica, offereceu-nos o sepulcro do celebre Pico da Mirandola. A vista deste monumento faz lembrar uma anecdota relativa ao famoso philosopho. Prodigio de sciencia e de memoria, Pico da Mirandola havia annuciado que sustentaria theses publicas sobre todos os conhecimentos que são do dominio do espirito humano: *de omni scibili*; um chocarreiro accrescentava: *Et de quibusdam aliis*. Havendo chegado o dia do exercicio, conta-se que um homem do povo poz em talas o presumptuoso sabio, rogando-lhe lhe dissesse quantas petiçoens ha na Ladainha da Santa Virgem.

30 de Novembro.

Tribuna de Galileo. — Porque foi condemnado Galileo? —
A que foi condemnado? — Partida para Roma.

Pela manhan as egrejas estavam cheias de gente. A festa de Santo André reunia, aos pés dos allares, uma turba numerosa, cujo recolhimento foi para nós um verdadeiro motivo de edificação. Ao piedoso spectaculo succedeu a visita do gabinete d'Historia Natural e da Tribuna de

Galileo. Neste ultimo edificio, especie de rotunda de grande magnificencia, conservam-se os instrumentos que serviram ao celebre astronomo para apressar a revolução astronomica e firmar o systema que todos conhecem. Aquelles telescopios, aquellas bussolas, aquellas quadrantes, tocados pela mão do genio, inspiram não sei que profundo sentimento de respeito ao homem, e de gratidão a Deus. Alma humana, quanto és nobre! Deus das sciencias, como sois bom por haverdes repartido à vossa fraca creatura uma tam bella porção de intelligencia!

Mas não esqueceu Roma, com um injusto anathema, o concerto de louvores dado ao immortal astronomo? não quiz abafar essa brilhante luz? não condemnou sem razão uma descoberta que recua até ao infinito os limites da razão? Estas perguntas, ou para melhor dizer estas accusações repetidas por tantas bôccas com um accento de triumpho, occorrem naturalmente nos logares d'onde sahiu o assumpto do debate. Graças a Deus, não é necessario justificar a sentença do tribunal apostolico. Sobre este ponto, como sobre muitos outros, os proprios protestantes hão reduzido ao seu justo valor as loucas diatribes da philosophia (1). Comtudo, a injusta condemnação

(1) Cita se Galileo, condemnado e perseguido pelo Santo Officio, por haver ensinado o movimento da terra sobre si mesma. Felizmente está hoje provado, pelas cartas de Guichardino, e do marquez Nicolini, embaixador de Florença, ambos os dois amigos, discipulos e protectores de Galileo, pelas cartas manuscriptas e pelas obras do proprio Galileo, que, ha um seculo, se mente

de Galileo , pelo tribunal do Santo Officio , é um erro de modo tal encasquetado nas cabeças , que pode ser util expor brevemente esta causa sempre antiga e sempre nova.

Em Modena , o sabio abbade Baraldi havia-nos indicado as *Memorias e Cartas até agora ineditas ou espalhadas de Galileo* , publicadas por Venturi , em Modena , em 1818 e 1821 ; bem como as *Cartas de Francisco Nicolini* , embaixador da Toscana em Roma , ao balio André Cioli , secretario d'Estado do gran'-duque , e *contendo a historia diplomatica , dia por dia , de Galileo em Roma durante o seu julgamento*. Destes documentos originaes , escriptos uns pelo proprio Galileo , outros por Nicolini , seu amigo e admira-

ao publico sobre este facto. Este philosopho não foi perseguido como bom astronomo , mas como mau theologo , por ter querido metter-se a explicar a Biblia. As suas descobertas suscitaram-lhe de certo inimigos invejosos , porem foi a sua teima de querer conciliar a Biblia com Copernico que lhe deu juizes , e só a sua petulancia foi causa das suas affliçoens. Foi mettido , não nas prisoes da inquisição , mas no aposento do Fiscal , com plena liberdade de communicar para fóra. Na sua defeza , não se tractou da essencia do seu systema , senão da sua pretendida conciliação com a Biblia. Depois de dada a sentença e exigida a retractação , Galileo foi senhor de voltar a Florença. Devem-se estas informaçoes a um protestante , Mallet Dupan , que , apoiado em documentos originaes , vindicou aqui a Curia romana.

(*Mercurio* de 17 de julho de 1784 , n.º 29.)

dor, resulta, quanto ao motivo da condemnação :

1.º Que Galileo não foi de modo algum condemnado por haver sustentado o movimento da terra ;

2.º Nem por haver sustentado que a terra está em movimento atravez os ares e em collisão com elles ; opinião comtudo demonstrada falsa por Bacon, Newton, Laplace, e pelos progressos da sciencia ;

3.º Mas por ter querido estabelecer, pela Sagrada Escriptura, e transformar em dogma uma hypothese astronomica então mui contestada, e depois abandonada, ao menos em parte, como absurda e insustentavel. D'onde resulta que em vez de amaldiçoar o tribunal que, primeiro, condemnou esta pretensão, deve-se admirar-o e abençoar-o. Não é, com effeito, prestar ao genio um eminente serviço o defendel-o contra os seus proprios desvios ? e o prohibir que se imponha á razão uma opinião contestavel como uma lei sagrada, não é proteger dignamente a liberdade humana ? Tal foi o procedimento do Santo Officio romano no assumpto de Galileo.

Vamos ás provas: « O ar, diz Galileo, como corpo desligado e fluido, e pouco solidamente unido á terra, não parece estar na necessidade d'obedecer ao movimento della, ao menos em quanto que as rugosidades da superficie terrestre o não arrastam, e levam comsigo uma porção que lhes está contigua, a qual não excede muito os mais altos cumes dos montes ; a qual porção d'ar deverá oppôr tanto menos resistencia á revolução terrestre quanto está cheia de vapor, fumo e exhalacoens, todas materias que participam das

qualidades da terra, e por conseguinte adaptadas aos seus proprios movimentos (1). »

Depois, chegando á explicação do fluxo e refluxo do mar, Galileo *attribue-o á rotação diurna da terra sobre o seu eixo*, e de modo nenhum á pressão da lua, como quer Kepler, de quem mofa amargamente. Laplace vem á sua vez, cercado do cortejo de todos os astrónomos, e diz : « As descobertas ulteriores confirmaram a exposição de Kepler e destruíram a explicação de Galileo, que repugna ás leis do equilibrio do movimento dos fluidos (2). »

Ora, estas opiniões reconhecidas hoje por falsas pelos homens da sciencia, queria Galileo, seguindo a tendencia da sua epocha, apoiá-las nos oráculos divinos da Escripura e nas decisões da Igreja, a fim de fazel-as prevalecer. « Elle exigiu, diz Guichardino, seu amigo e embaixador em Roma, no seu officio de 4 de março de 1616, que o Papa e o Santo Officio declarassem este systema de Copernico fundado na Biblia. » N'uma carta á duqueza da Toscana, esforça-se elle por proval-o theologicamente, e mostrar que é tirado do Genesis. Tracta-se do systema de Copernico, entendido à maneira de Galileo; porque respeito ao systema em si, Roma deixou sempre a liberdade de o sustentar. Devemos até á solícitude dos Papas a publicação do livro de Copernico, dedicado a Paulo III.

Dos mesmos documentos originaes resulta, quanto ás penas infligidas a Galileo :

(1) Dialogos, IV.º Dia, p. 311.

(2) *Exposiç. do systema do mundo*, liv. IV, c. II.

1.º Que lhe não cavaram os olhos, como pretende Montucla;

2.º Que não foi mettido n'um carcere, como affirma Bernini;

3.º Que lhe não pozeram cadeias aos pés, como dizem certos quadros dos nossos museus:

4.º Que lhe não tocaram de maneira nenhuma, nem nos membros nem nos olhos; mas que tiveram para com elle todas as considerações e todos os cuidados devidos ao seu genio e á sua saude; que depois de ter occupado durante o julgamento os mesmos quartos do Fiscal, e, depois do julgamento, a deliciosa villa *Medicis*, onde foi rodeado, por espaço de cinco mezes, das attençaes mais delicadas, teve por morada o palacio do seu melhor amigo, Mr. Piccolomini, arcebispo de Sienna, esperando que a peste que assolava Florença lhe permittisse voltar á sua patria, e entregar-se a novos estudos.

Citemos ainda os testemunhos. Chamado de Florença, chegou a Roma a 15 de fevereiro de 1633, onde se hospedou em casa do seu amigo, Francisco Nicolini, embaixador da Toscana. No mez de abril, poz-se á disposição do commissario do Santo Officio, « que, segundo a expressão de Nicolini, o recebeu o mais benévolaemente, e lhe assignou para morada a propria camara do Fiscal do tribunal. Permittiu-se que o seu criado o sirva e durma ao seu lado, e que os meus servos lhe levem de comer ao seu quarto, e voltem para minha casa de manhan e á noite. » Tres dias depois da pronuncia da sentença, a 24 de junho, o embaixador o conduziu para o jardim da Trindade dos Montes, então chamado villa *Medicis*, hoje occupado pela Academia de França.

Depois de cinco mezes de residencia em Roma, Galileo passou a Sienna ao palacio do arcebispo Piccolomini, e quando cessou a peste que devastava Florença, pôde, ao cabo de tres mezes pouco mais ou menos, voltar á sua villa d'Arcetri, onde a morte o surprehendeu a 8 de janeiro de 1642.

O proprio Galileo escrevia ao Padre Receneri, seu discipulo : « O Papa julgava-me digno da sua estima ; fui alojado no delicioso palacio da Trindade dos Montes. Quando cheguei ao Santo Officio, dois dominicos me convidaram mui cortezmente a fazer a minha apologia... Para me castigarem prohibiram os meus *Dialogos*, e despediram-me depois de cinco mezes de assistencia em Roma. Como a peste reinava em Florença, assignaram-me para morada o palacio do meu melhor amigo, Mnr. Piccolomini, arcebispo de Sienna, onde gozei de plena tranquillidade. Hoje estou na minha aldea d'Arcetri, onde respiro um ar puro ao pé da minha chara patria (1). » Pobre martyr !

Depois de nos havermos edificado duplicadamente com a boa fé de certos escriptores, e com a crueldade do tribunal da inquisição, deixamos a Tribuna de Galileo, para nos occuparmos dos nossos preparativos de partida : na mesma noite deviamos pôr-nos a caminho para a cidade eterna. Fiel imagem da peregrinação do homem na terra, a vida do viajante resume-se em duas palavras : chegar e partir. Os poucos momentos de repouso, de que ella está semeada, não são mais que um alto fugitivo, algumas vezes um bivaque, e sem-

(1) Nas obras citadas mais acima

pre um acampamento. Assim, e sempre assim na vida humana. Depois de termos ajustado com os nossos compatriotas, hospedados na mesma estalagem, de nos encontrarmos em Roma, subimos à carruagem para..... a capital do mundo. Eram oito horas da noite.

FIM DO 1.º VOLUME.
